

TEORIA GERAL DAS TENSÕES

Mário Ferreira dos Santos

Direitos autorais dos herdeiros do Autor

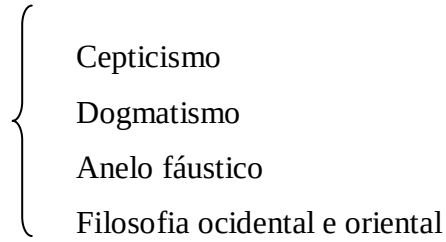
Advertência

O manuscrito “Teoria Geral das Tensões” foi escrito pelo autor em fichas numeradas, que seriam depois utilizadas no desenvolvimento da obra. Com o seu falecimento não foi realizado este trabalho. Nosso trabalho foi apenas copiar as fichas na ordem deixada.

Índice Provisório

- 01 Esquema do Tratado de Teoria Geral das Tensões
- 02 Imanência e Transcendência das Tensões
- 03 Tensões – Citações de livros: Cassirer – Cuvier – Goethe
- 04 Tese solta
- 05 Esquema (Divisão)
- 06 Tensão: Princípio de Individualidade – Fuetscher (citação)
- 07 Temas a ser tratados (8 temas)
- 08 (Sem título) – Conteúdo: Enciclopedismo; crítica
- 09 (Sem título) – Conteúdo: Enciclopedismo; crítica
- 010 Organização da Teoria Geral das Tensões
- 011 (Sem título) – Tem coerência com as folhas. 8 e 9
- 012 (Título cortado). Citação: Le jeune enfant dans le monde moderne
- 013 Tese solta (Loucura e símbolo)
- 014 Tese solta (Visão dialética antinomista (Analogia)
- 015 Tese solta (O existir cósmico como ato contemporâneo)
- 016 A Filosofia para nós

- 017 Diferenças entre as culturas
- 018 Sem título : Cosmovisão
- 019 Sem título: Cosmovisão
- 020 Sem título: Crítica
- 021 Sem título
- 022 Sem título
- 023 Sem título
- 024 Sem título
- 025 O juízo como tensão
- 026 O juízo como tensão (alusão a Ockham)
- 027 O juízo como tensão
- 028 O juízo como tensão
- 029 O juízo como tensão
- 030 A abstração no homem
- 031 Definição da unicidade
- 032 A unidade e o salto qualitativo
- 033 Esquema da Teoria Geral das Tensões
- 034 Planos e esferas
- 035 Lei da MPME
- 036 Tensão. Esquema
- 037 Esquema do livro Teoria Geral das Tensões
- 038 Causalidade
- 039 Ciência
- 040 Ciência
- 041 Ato e potência
- 042 Refutação de Kant
- 043 Refutação de Hegel
- 044 A alma
- 045 As relações no conhecimento
- 046 Conhecimento do singular e do universal
- 047 Categorias dialéticas. Homogêneo e heterogêneo



048 Causalidade e finalidade
049 Contingência para Wolf
050 Compreensão (Explicação)
051 Transcendência da consciência
052 Culturas incipientes
053 Contradição
054 O conceito de processo
055 Concreto
056 A influência do odor na formação das realidades extra-geométricas
057 Causa eficiente e final e conhecimento
058 Sistemas de conduta
059 Conhecimento de Deus
060 Conhecimento de Deus (Possest)
061 Pureza e liberdade
062 Pathos
063 Contradição. Estrutura. Planos, etc.
064 Cooperação dos elementos consistentes de uma tensão
065 Psicologia atomista
066 O todo e a parte
067 Potencial e atual
068 Potência intrínseca e extrínseca
069 Potência ativa e passiva
070 (Sem título) Psicologia do conhecimento
071 O conceito e a ordem
072 Ordem
073 Objeto e transobjeto
074 Analogia das ordens
075 As ordens
076 A ordem
077 Incompatibilidade e recusa
078 Conceito de real

079 Relação e proporcionalidade
080 Revoluções
081 Representações como um Todo
082 As causas da revolução
083 Redutibilidade
084 As regressões
085 O nada no Ocidente e no Oriente
086 Necessidade e liberdade
087 Atividade negativa ética
088 Número
089 O número
090 Conceitos e números
091 O número
092 Número
093 O presente no tempo (Hegel)
094 Esquema de espaço e a ação da visão (exemplos)
095 Espaço e tempo
096 O fator econômico e a história
097 Fisiologia e Freud
098 Definição de Filosofia
099 As formas platônicas
100 Essência e existência
101 As formas e os átomos
102 Existir é opor-se
103 Existir e existencialidade
104 Mediação do espírito
105 Em si e por si
106 O estar como inhesão
107 Esquemas gerais
108 A exemplaridade
109 *Ego habeo factum* e relógio e técnica

- 110 Para a teoria do ciclo das formas viciosas
- 111 Sobre a distinção
- 112 Sobre a distinção
- 113 O sucesso de uma doutrina
- 114 Indução e idéia platônica
- 115 (Sem título)
- 116 (Verificar) o sujeito x objeto - dialética
- 117 Determinismo signalamático
- 118 Deus
- 119 Deus
- 120 Deus e o futuro (citação)
- 121 A definição tensional
- 122 (Sem título)
- 123 (Sem título) Tensão
- 124 (Sem título) Tensão
- 125 (Sem título) Tensão
- 126 (Sem título) Assunção
- 127 Distinção real-física entre ato e potência
- 128 Atração e repulsão e Todo
- 129 Potência e Ato (distinção). A síntese do *Possest*
- 130 Ato e Potência
- 131 Dialética do fim e da destruição das tensões
- 132 Ato, potência e ato puro
- 133 Dialética do ato e potência
- 134 A tensão como composição de ato e potência
- 135 Alteridade na consistência da tensão
- 136 Alteração parcial e total da tensão
- 137 Lei de Integração Tensional
- 138 Síntese do tomismo
- 139 As tensões como esquemas
- 140 Esquemas

141	Organização e adaptação
142	As formas e os átomos
143	Conexão das tensões
144	A tensão na escolástica
145	Fatores das tensões
146	Princípios tensionais
147	Ordem das tensões
148	Aspectos qualitativos e quantitativos da tensão
149	Coordenadas internas da tensão
150	Invariantes nas tensões
151	Quantidade e qualidade nas tensões
152	A formação das tensões
153	Teoria das tensões
154	Tensão e concreção
155	Princípio de interpretação dos elementos tensionais
156	Topicidade das tensões
157	A tensão no plano da totalidade
158	As tensões no plano da série, do sistema e do microcosmo
159	Os planos tensionais
160	Homogeneidade e heterogeneidade das tensões
161	Os campos interacionais
162	Elementos tensionais
163	Modificações das tensões
164	Elementos estranhos à tensão
165	Exclusão de elementos tensionais
166	Integração e desintegração da tensão
167	Lei da destruição da tensão
168	Possibilidade e desintegração da tensão
169	Lei da transfiguração e da desintegração
170	Lei da conservação da tensão
171	Fusão dos esquemas

172	Dos esquemas (formação, divisão, etc.)
173	Atualizações e virtualizações na tensão
174	Princípios dialéticos de finalidade nas tensões
175	Os elementos da tensão
176	Conservação da tensão - exemplos
177	Coordenação dos esquemas
178	O processo de acomodação-assimilação nas tensões
179	A assimilação biológica
180	As lógicas da tensão
181	As possibilidades tensionais ante o Todo
182	As possibilidades tensionais ante o Todo
183	Perfeição tópica e fáustica. O Todo
184	A contradição na dialética das tensões
185	O Todo como máximo e como minimum
186	Coincidência no ser – monopluralismo
187	O <i>Possest</i> como tensão
188	Ser e Estar: Ter e Haver
189	Implicância do conceito de nada com o de estar
190	O <i>Possest</i> e o Mal
191	A perfeição do <i>Possest</i>
192	O <i>Possest</i> como liberdade
193	O <i>Possest</i> como ato puro
194	Contradições no <i>Possest</i>
195	A tensão na biologia e na psicologia
196	Tensões na linguagem
197	A tensão
198	Variância das tensões abertas ou fechadas
199	Atualização e virtualização nas tensões
200	Tensões abertas e fechadas
201	Incorporação das tensões
202	Tensões, esquemas e forma

- 203 A forma das tensões
- 204 Esquemas matemáticos e Platão
- 205 Tensões e Marx
- 206 O todo e as partes
- 207 Exemplos da totalidade
- 208 Tensão e sua diferença da *soma*
- 209 Contra a concepção atomista
- 210 Auto-regulação das tensões
- 211 Exemplos de auto-regulação
- 212 Os esquemas do espaço como um todo
- 213 O corpo como um todo
- 214 As tensões na psicologia, na física e na fisiologia
- 215 As tensões na fisiologia
- 216 A visão e as tensões
- 217 As tensões em antagonismo
- 218 As tensões nos animais
- 219 Captação da tensão
- 220 Exemplos de aumento da tensionalidade
- 221 Antinomia fundamental das tensões
- 222 Críticas à teoria tensional
- 223 Esquemas incompletos
- 224 Esquemas de insatisfação
- 225 Esquemas de insatisfação
- 226 Completação e enclausuramento das tensões
- 227 Desintegração das tensões
- 228 Fluxos e refluxos nas tensões
- 229 As tensões como reversibilidade e irreversibilidade
- 230 A técnica e o homem
- 231 A tríada de Proclo
- 232 Perduração das tensões
- 233 Exemplos de perduração das tensões

234 Lei da incorporação e da excorporação das tensões

235 A excorporação

236 A atividade da tensão (divisões)

237 A colmeia e o formigueiro como um todo

238 A sociedade repetindo como tensão a tensão individual

239 Exemplos de tensões incompletas

240 A forma da tensão

241 Exemplos de tensão

242 Exemplos de tensão

243 Exemplos de tensão

244 O acaso e as tensões

245 Diferença entre as tensões

246 O movimento e a tensão

247 Funcionamento das tensões

248 Funcionamento de uma tensão

249 O salto qualitativo nas tensões

250 Ruyer e as tensões

251 A tensão e a biologia

252 A tensão na biologia

253 Concepção tensional

254 As tensões na sensação

255 Exemplos da influência sobre os elementos componentes

256 Exemplos de concepção tensional

257 Acontecimentos imprevistos nas tensões

258 Exemplos de acontecimentos imprevistos nas tensões

259 O número das tensões (exemplos)

260 Grau de complexidade das tensões

261 Atividade das tensões incompletas

262 Constelações tensionais como objetos das ciências particulares

263 Classificação das tensões

264 Exemplos de constelação tensional

265 As tensões no mundo da cultura e da natureza
266 Tensão do triângulo
267 O valor dos esquemas
268 O mundo físico e os nossos esquemas
269 Distinção entre o todo e suas partes na tensão
270 Funcionamento tensional das ciências
271 Tensão na natureza
272 As tensões e o valor
273 As coordenadas tensionais e o valor dos indivíduos
274 O valor da tensão enquanto tal
275 Transcendência final
276 Transcendência do *Possest*
277 O tensionalismo
278 Nós e Deus
279 As transfigurações das tensões
280 As tensões funcionais
281 A tensão na cultura e na história
282 As tensões na história e na cultura
283 Transfiguração nas culturas (exemplos)
284 As tensões das eras culturais
285 O homem como tensão
286 Homogeneidade e heterogeneidade das tensões
287 Totem e Tabu
288 Transfiguração
289 Todo (*Possest*)
290 As esferas da tensão
291 As esferas
292 Soma e Todo
293 As esferas
294 Esferas
295 Tensão na filosofia

296	Técnica
297	Exemplos da tensão da alma
298	Tensão na história
299	O todo como mais do que as partes (exemplos)
300	Funcionamento das tensões campicamente consideradas
301	Identidade e alteridade funcional
302	Tensões acidentais
303	O Todo e parte e seus impulsos
304	Tensão e relação quantitativa e qualitativa
305	O pulsativo das tensões
306	Dialética da posicionalidade e oposicionalidade das tensões
307	Número e matemática. Tensão como número
308	Exemplos de coesão
309	Exemplos de tensões móveis
310	A tensão no pensamento mágico
311	Ação da tensão como todo sobre as partes
312	A tensão no casamento
313	A tómesis parabólica e os valores
314	Todo e parte
315	Tensões e a Física
316	Tensão – Um, divisão, indivisão – conservação
317	Citação de Santo Tomás
318	Citação de Santo Tomás
319	Citação de Santo Tomás
320	Citação de Santo Tomás
321	Citação de Santo Tomás
322	Citação de Santo Tomás
323	Citação de Santo Tomás
324	Citação de Santo Tomás
325	Citação de Santo Tomás
326	Citação de Santo Tomás

327 Citação de Santo Tomás
328 Citação de Santo Tomás
329 Citação de Santo Tomás
330 Citação de Santo Tomás
331 Tempo, espaço e pensamento
332 Tensões
333 O valor das tensões
334 Citação
335 Unidade e tensão
336 Imanência e transcendência nas tensões
337 Transcendente e Imanente
338 Tensão como transcendência
339 Eternidade e Tempo
340 Tempo
341 Tensão orgânica e inorgânica
342 O nexó entre as tensões
343 Esquema como Gestalt
344 Coordenação de esquemas
345 A ordem da unificação dos esquemas tensionais
346 Os esquemas como Gestalten c/ história
347 Esquema e Gestalt
348 Tempo e espaço no pensamento operatório
349 Possibilidades numa conjuntura de tensões de novas tensões
350 Assimilação e acomodação nas tensões
351 Crítica a lei de pregnância
352 A não contradição
353 Generalização de um esquema
354 A quem servem os esquemas
355 Inteligência
356 Objetividade dos esquemas abstratos
357 Influência dos esquemas na realidade social e vice-versa

- 358 Relatividade dos esquemas
- 359 Pensamento simbólico e intuitivo
- 360 Esquema da formação dos conceitos
- 361 É assimilável apenas o semelhante
- 362 Construção da realidade e do pensamento na criança
- 363 Tensões - Dialética da intensidade e da extensidade
- 364 Tensões – Dialética do epimeteico e do prometeico
- 365 Para a Teoria das Tensões
- 366 Atributos do *Possest* (Deus)
- 367 A possibilidade no Todo-Homogêneo-heterogêneo no Todo
- 368 O *Possest* e a sua onnipotência
- 369 Participação da tensão
- 370 Sobre a participação de Tomás de Aquino
- 371 O *Possest*
- 372 O ser da parte
- 373 Participação
- 374 A participação
- 375 Irredutibilidade dos planos
- 376 O *Possest*
- 377 O *Possest*
- 378 O *Possest*
- 379 O *Possest* criador
- 380 O *Possest*
- 381 *Possest*
- 382 Deus criador de formas substanciais
- 383 Tensão do Um
- 384 O *Possest*
- 385 O *Possest*
- 386 O *Possest*
- 387 O *Possest* e o Ato e Potência
- 388 A imaginação em Nicolau de Cusa

- 389 *O Possest*
- 390 *Possest e Potensão*
- 391 Por que há criação?
- 392 Para as tensões
- 393 Citação
- 394 Tempo e espaço
- 395 Tempo e espaço
- 396 Tempo e espaço
- 397 Tempo e espaço
- 398 O Tempo
- 399 Metodologia em face do tempo

01

Esquema do Tratado da Teoria Geral das Tensões

- 1) As acepções do termo tensão (*tam* do sânscrito) – *tónos* de Plotino.
- 2) O conceito de ordem
- 3) O conceito de Todo e Parte e Relações Funções
- 4) O conceito de Harmonia – Conceitos análogos
- 5) Síntese da Analogia – Dialética da Analogia
- 6) Campo da analogia – Dialética da Analogia
- 7) Desenvolvimento do conceito de tensão (*tónos*)

Fluxos – refluxos – clímax

Tesis –arsis fluxões – refluxões

- 8) A transfiguração – Assunção e Suscepção
- 9) As tensões ontológica e onticamente consideradas
- 10) Os esquemas como tensões: organização – acomodação – assimilação

...

02

Imanência e transcendência na tensão

A tensão, como unidade, é imanência nas coisas, a atualização da tensão é transcendência das coisas, que são imanentes na tensão. (Vide R. Otto. *Mystique d'Or*, pág.62)

...

A unidade da tensão não é a multiplicidade; não é o produto do múltiplo, nem reciprocamente. A unidade da tensão é um ultrapassar da multiplicidade.

“O múltiplo visto como um

“O múltiplo é visto no um

“O Um é visto no múltiplo”

(Plotino)

“O Parmênides de Platão é mais exato; ele distingue o primeiro um, ou um no sentido próprio; o segundo um, que é uma unidade múltipla e o terceiro que é unidade e multiplicidade”(Eneadas, 5, 1, 8)

...

03

Tensões

“Nenhuma criatura da natureza, segundo Cuvier, por insignificante que seja, deixa de mostrar um plano com ordenação (arreglo) ao qual está construída e ao qual se ajusta com todo rigor na ordenação de suas partes, até o último pormenor”(seg. Cassirer).

...

A físico-química busca as leis do devir, mas a biologia, segundo Cuvier, deve procurar as relações estruturais. Todo ser vivo não é uma combinação fortuita de partes, mas uma conexão completamente articulada, que leva implícita um tipo peculiar de necessidade. Conhecidos os tipos fundamentais dos seres vivos (e o permite a anatomia comparar), sabemos não só o que existe, mas também o que pode e o que não pode coexistir mutuamente.

Mostra-nos Cuvier que, no processo da vida, os diferentes órgãos não aparecem soltos uns a lado dos outros e cooperam todos a um fim comum, “É nessa dependência material das funções e nesse *secours* que elas se prestam reciprocamente que estão fundadas as leis que determinam as relações de seus órgãos, e que são de uma necessidade igual à das leis metafísicas, ou matemáticas “ (Cuvier, *Leçons d’anatomie comparée*, t.1, pág.47) (Veja-se Cassirer, *El problema del conocimiento*, pág.190 em diante, De la mente de Hegel, etc.).

O espírito de homogeneidade e o de especificação (heterogeneidade) na ciência, segundo Kant (Útil para Teoria Geral das Tensões)

...

“... primeiramente distinguir, e depois unir”(Goethe)

...

04

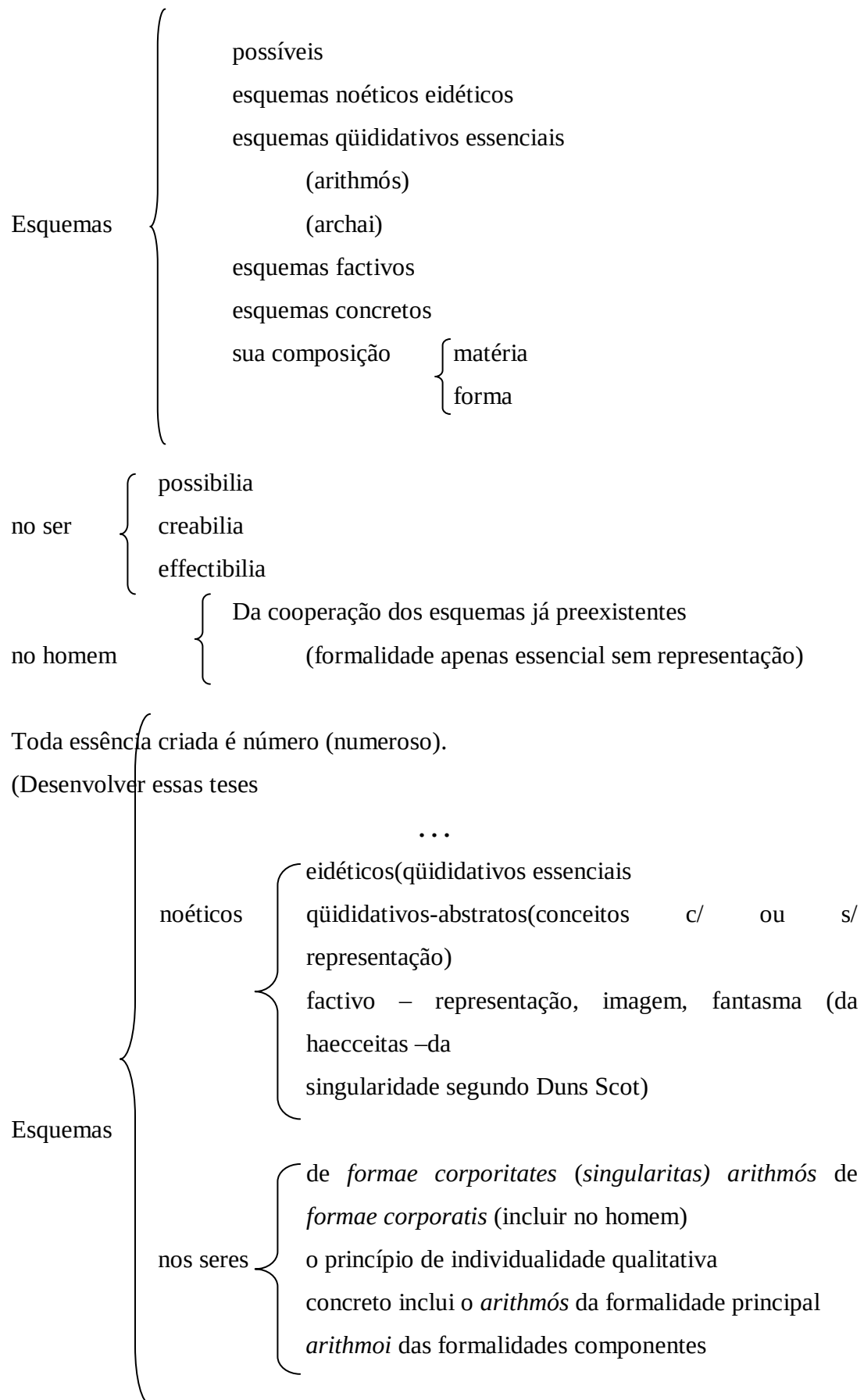
Tese

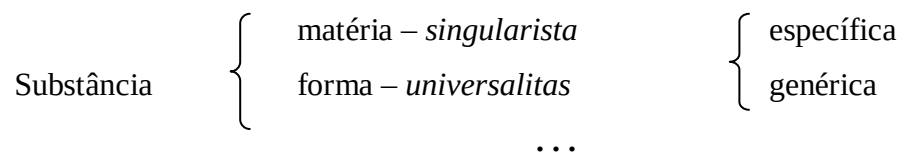
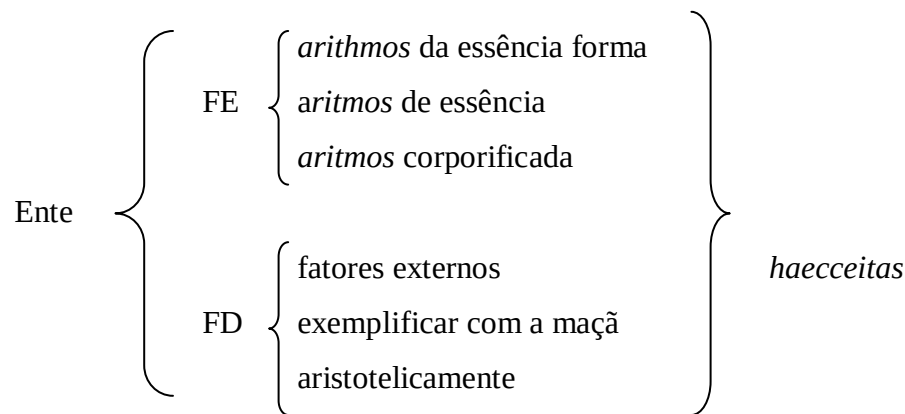
Há tensão quando podemos predicar algo da totalidade que não podemos predicar das partes.

...

05

Esquema





06

Princípio da Individualidade a Tensão

Fuetscher (pág. 207 em diante)

...

07

Temas a serem tratados

O número para Pitágoras e as conseqüências do pensamento aritmológico e arithmosófico do pitagorismo e a ciência moderna.

...

Ampla exame dos fatores e dos números tensionais, precedendo uma ampla análise dos princípios intrínsecos e extrínsecos do Ser.

...

Desenvolver os diversos esquemas do ciclo das formas viciosas na História, com esquemas: cráticos, artísticos, matemáticos, filosóficos, etc., e ampla explanação. Mostrar a influência dos números pitagóricos no desenvolvimento da história.

Sociedade de base continental e marítima.

Aplicação da teoria tensional na História.

Crítica das teorias de Spengler e Toynbee.

...

Desenvolvimento da teoria econômica sob base tensional.

Analisar os atuais estudos sobre a conjuntorologia.

...

Desenvolver amplamente um estudo sobre o nascimento, vida e morte das tensões e a transitoriedade tensional.

...

Análise simbólica dos fatos para atingir as leis gerais universais.

Lei do Bem – MEMP – A lei de Ouro.

...

Progresso e regresso.

Evolução e involução – Desenvolvimento dessas teorias ante a concepção tensional.

...

Amplio desenvolvimento da concepção platônica.

...

08

Cometeríamos um grave erro, muito próprio das heranças que recebemos dos enciclopedistas e da ciência do séc. XIX, se deixássemos de abordar e enfrentar os grandes temas da filosofia, apenas considerando-as meras abstrações de espíritos desocupados, escamoteando, dessa forma, os grandes pontos da Temática e da Problemática Filosófica que permitem novas formulações sobre novos princípios, aproveitando-se a contribuição valiosa de tantos e tão grandes espíritos que merecem o nosso respeito e não um falso desinteresse que na verdade nada mais expressa que ignorância e suficiência, como o é, em geral, a lamentável atitude de tantos estudiosos dos grandes temas do conhecimento humano, quando voltam os seus olhos para os temas da filosofia.

Fundados o mais das vezes na sua ignorância ou na sua incapacidade para abordá-los, preferem um gesto despectivo ou uma falsa superioridade que só engana a beócios, em vez de corajosamente enfrentá-los entregando suas horas de sono e de lazer no estudo das grandes obras dos velhos filósofos que ficarão eternamente incorporadas no patrimônio da sabedoria humana, apesar dos sorrisos de mofa de pseudo-cientistas que julgam que há um abismo infranqueável entre a filosofia e a ciência.

...

09

Sabemos perfeitamente que neste livro não poderíamos dar uma resposta cabal e definitiva aos magnos problemas do conhecimento do homem. Lançamos aqui apenas uma série de teses que procuramos mostrar sua procedência, encadeadas com certo nexos que nos parece ser o da existência com o intuito de aproveitar o trabalho disperso de tantos estudiosos, dando-lhe uma nova direção, capaz de ser mais útil e benéfica ao conhecimento humano. Embora não consigamos realizar – e uma vida apenas é muito pouco para tão ingente trabalho – o nosso intuito que é de dar uma visão tensional global do existir, acompanhado de tantas provas quantas necessárias, temos certeza, porém, que o esforço de tantos anos de observação e de estudos não estará perdido, pois estamos certos que deixamos alguma coisa que pode servir de ponto de partida para ulteriores estudos e novas postulações

...

010

Organizar a teoria das tensões da seguinte forma:

- a) o que se refere as tensões em geral;
- b) o que se refere as tensões segundo as diversas esferas;
- c) concreção final.

Assim deve ela ser exposta.

...

011

Não tememos enfrentar as filosofias que se opõem ao nosso modo de pensar. É uma questão de dignidade não escamotear os problemas, como é uma questão de coragem ante o espírito não temer os absurdos. Podemos refutar um sistema enquanto sistema filosófico, mas não há necessidade de, para tal, refutarmos os elementos componentes. Na gama variada do pensamento filosófico universal, apesar de suas contradições e de suas oposições, veremos que há um nexos que o coordena através das posições mais antagônicas. Procuramos assim o homogêneo presente em todas as filosofias. Mas se tal empreendemos, não tememos também enfrentar o heterogêneo que as diferencia. Esta também tem um nexos. E em vez de negá-lo ou cobri-lo com o nosso silêncio, preferimos procurá-lo. E para tal não tememos os malogros. Há em nós suficiente coragem para não temermos uma

queda. Este livro contará a história dessa luta e desse trabalho, ao qual demos muito de nossa melhor boa vontade. Ele falará por nós.

Se Ícaro malogrou, alguém precisava tentar o vôo humano.

...

012

“Le jeune enfant dans le monde moderne” p. 294 a 298 (O dinamismo do crescimento considerado como um todo).

...

013

(O louco atualiza a sua loucura através de símbolos que corresponde aos seus esquemas). Ex.: do louco na Idade Média que dança.

...

014

É na analogia do ser, analogia que se revela no existir, que iremos fundar a nossa visão dialética antinomista, capaz de mostrar que no pensamento dos homens havia e há um nexos capaz de oferecer um ponto de partida, e seguro, para investigações mais amplas e mais proveitosas.

...

015

O gesto que agora faço é contemporâneo com todo o existir cósmico, com todo o ser universal, com as nebulosas, ou os mundos longínquos que povoam a imensidão dos espaços. Mas há entre mim e tudo, um ponto de semelhança porque posso intuí-lo.

Não conhecerei o que se passa naquela nebulosa que está longe de mim por milhões de anos-luz. Nem ela conhecerá o que vivo neste instante. Mas sei que é ela contemporânea comigo. E este presente é infinito e total em todo o universo, e esse presente se eterniza. E o presente da nebulosa é e não é o meu presente, pois recebe-lo-ei fora do meu presente, mas pertence ele como o meu presente, a eviternidade de nosso aeuum que nos une, nos contem, em seu presente eterno, e que nos ultrapassa.

...

016

A filosofia para nós

A filosofia assume, decididamente, desde Leibniz, um aspecto dinâmico. Interessa-se pelos aspectos que se opõem ao predomínio do espaço e da causalidade, isto é, fatores de extensidade, para compreender uma valorização da intensidade. Essa posição é apenas uma oposição à concepção mecânica. No entanto, uma visão que compreende a ambos, e as supere, é o que oferecemos através do nosso monopluralismo dialético (exposto estruturalmente através da teoria das tensões) que nos coloca além de ambas as posições unilaterais e, portanto, abstratas.

...

017

Diferença entre as culturas

Grécia: homem como medida;

Egito: superação da arquitetura sobre o homem;

China: a medida humana supera a arquitetura;

Índia: superação do humano pelo divino.

...

018

Devemos procurar a lógica peculiar a cada ramo do conhecimento humano. A matemática é a lógica da física; a probabilidade, a lógica da estatística molecular; a dialética, a lógica da história. E essas lógicas são multivalorativas, umas mais, outras menos, e tem sua escala de valores. Esses valores são historicamente postos, são historicamente descobertos, e variam segundo a perspectiva histórica e o volume do conhecimento de cada época. É apressado o julgamento que estabelece ser estritamente céptica a nossa atitude. Toda época que se julga senhora de um conhecimento absoluto, conhece o cepticismo quando toma conhecimento da diversidade das perspectivas e das cosmovisões de outras culturas. O cepticismo grego adveio logo após as conquistas de Alexandre que revelaram a diversidade das perspectivas de outros povos e as culturas diversas com suas lógicas, suas escalas de valores e suas cosmovisões. Ante tal fato era natural o nascimento da do cepticismo. A mesma intensidade de convicção, o mesmo grau de certeza existia entre os pensares mais diversos. Para a consciência especulativa dos gregos tal fato tinha de gerar o cepticismo. Ceticismo existe sempre em toda a sociedade e em todas as épocas devem existir seus representantes. O que varia é a quantidade. Todo

instante em que uma cultura reconhece a diversidade de perspectivas e se convence do mesmo grau de evidência que existe nos pensamentos dispares, o cepticismo se instaura, cresce, apossa-se de um número mais elevado de representantes. Quando a quantidade de seus representante aumenta até certo grau, dá-se então o aspecto qualitativo novo: domina na filosofia uma atitude céptica. O cepticismo é por isso paralelo a toda decadência de uma cultura, mas decadência de sua convicção de universalmente válida. Muitos o tomam como um sistema de decadência de uma cultura. Eu preferiria ver no cepticismo um sintoma mais juvenil, mais vital, mais vivo, portanto, do que muitos pensam. O fato de haver cépticos dentro de uma determinada cultura revela que nesta já penetrou a compreensão de que os valores e o conhecimento até então julgados universalmente válidos, representam apenas perspectivas históricas e perdem, com isso, seu valor metafísico absoluto de que antes estavam aureolados.

...

019

Evidencia, assim, que nessa cultura novas buscas já estão sendo feitas em face da precariedade das até então dominantes. Tal fato demonstra para mim não um sinal de fraqueza e de derrota, mas um gesto de audácia e de coragem em enfrentar a precariedade do que até então fora julgado definitivo e a convicção nova de que se deve reexaminar tudo e procurar novamente. Tal atitude não é um desejar morrer, ao contrário é um desejar ultrapassar, um desejar conhecer novas fórmulas. E por em dúvida, em análise tudo quanto até então estivera no ápice do conhecimento é um gesto soberanamente corajoso, um gesto de vida. Todo cepticismo é um prólogo de uma nova cultura e reflete sua madrugada e não sua morte. O céptico forma sempre um movimento de exceção, e é através das exceções que se processa a evolução, e transmutação. Todo desejar procurar de novo é uma promessa de novos caminhos e o cepticismo na filosofia, representa sempre o caminho de um novo passo. O céptico, na filosofia, não permite, assim, que a história pare. O cepticismo é sempre um olhar voltado para o amanhã. Toda filosofia desejou ser perene, atravessar os séculos, tornar-se eternidade. Oferecer validade para todas as interpretações, ser sempre atual em todos os momentos. Mas a nossa consciência histórica e da história nos mostrou, sobretudo neste século a facticidade desse desejo de eternidade que se manifesta na filosofia. Um olhar universal, sobre o tempo e o espaço, nos mostra quão precária tem sido

essa tentativa. Podem permanecer lutando entre si as diversas interpretações: cada uma afirmando sua plena validade eterna, mas o espetáculo da história nos mostra precisamente o contrário. Não só a contemplação do antagonismo dos sistemas como propriamente nossa visão histórica da atualidade, já tão desenvolvida entre os novos filósofos de real valor, nos mostra a precariedade do conceito de validade universal e perene de qualquer cosmovisão de caráter explicativo. Nós podemos compreender o universo e compreender encerra o múltiplo e a multiplicidade das interpretações.

...

020

Explicar seria reduzir ao irredutível. E estaremos, caso, já aptos a alcançar esse irredutível? Se admitirmos que somos o passado, que cada homem vive em si a história de seus ascendentes, de seus traumas, de suas perspectivas, de suas emoções, suas vitórias e suas derrotas, cada homem que nasce é mais que o homem que passou, cada homem é, pelo menos, diferente de cada homem que passou. Cada pensamento do homem é um passo a frente, cada experiência é o enriquecimento da humanidade. Cada um de nós traz séculos na alma, e cada um de nós, cada vez, ante as coisas é outro; outro diferente daquele que ficou no passado, mais rico de experiência, ou pelo menos diversos devido as experiências. Mesmo que as coisas do mundo permanecessem sempre as mesmas e se correlacionassem entre si por normas fixas, nós, porém, ante elas somos históricos e múltiplos e ninguém poderá construir nenhuma filosofia, nenhuma cosmovisão que afaste o homem. Só um não-homem poderia construir uma filosofia fora do homem. Portanto toda a nossa perspectiva do mundo e de nós mesmos, trará sempre a marca do nosso momento histórico, será sempre criada sob a égide da vida, será sempre vitalmente entedida. O mundo será sempre um para nós e sua interpretação será sempre por nós. Portanto será uma ingenuidade querermos estabelecer uma perspectiva estática do cosmos. É da essência do homem ser histórico.

...

021

Toda afirmação absoluta é uma afirmação metafísica. Todo conhecimento absoluto é universalmente válido, e que assim se afirma, é metafísica. Um conhecimento estático só poderia conhecer o estático, mas a própria atividade do conhecimento já é atividade. Um conhecimento estático do estático já é dinâmico, porque encerra o dinamismo do

cognoscente no próprio ato de conhecer; assim um conhecimento estático do estático nunca pode ser absoluto. Além disso o mundo da existência é o mundo do fluir, do dinâmico. Desta forma um conhecimento estático do dinâmico, não apreenderia o dinâmico, por estaticamente não poderíamos apreender o dinâmico, logo não seria absoluto. Um conhecimento dinâmico do dinâmico seria sempre um conhecimento dinâmico e nunca atingiria o absoluto porque o conhecimento por ser dinâmico implicaria a sucessão, o fluente. Logo um conhecimento absoluto e universalmente válido é impossível. Resta compreender apenas um conhecimento dialético histórico, isto é, que inclua o dinâmico e o histórico. Compete a nós estudar o que segue: Nosso conceito de absoluto é um conceito fora da existência, como o é o do relativo. Uma das nossas principais necessidade é reexaminar o conteúdo histórico dessas expressões que se afastam totalmente do homem e de sua vida.

...

022

Nossa filosofia no ocidente é uma filosofia de “pontos de vista”, (já tive oportunidade de salientar). Também nosso anelo fáustico, nosso ímpeto de domínio transparece em toda a nossa manifestação filosófica. Dentre os diversos aspectos que apresenta o suceder cósmico, cada observador, cada espectador – por nele estar coagulado o centralismo da personalidade, e conseqüentemente haver uma canalização da observação para uma perspectiva condicionada pelas tendências pessoais – observa apenas um ou poucos desses aspectos, e através deles ou melhor por meio deles constrói seu ponto de vista. Esse aspecto captado é acentuado pela pessoa que observa, é abstraído, verdadeiramente posto em parênteses e com ele remodela o ponto de referência, que podemos chamar ponto de coágulo de todas as observações e de toda coordenação do observável pelo espectador. A esse “ponto de coágulo” empresta o espectador um fundamento postulativo e tudo quanto a ele não se relaciona, nem se coordena, tudo quanto o contraria, passa ao espectador a ter um aspecto anti-científico, falso ou incompleto. Assim o psicólogo, um Freud por exemplo, quer reduzir todos os fenômenos ao sexual, a manifestações da libido; um Adler vê apenas manifestações da vontade de potência e suas espécies; um Marx vê apenas o aspecto econômico e a ele deseja reduzir todos os outros fenômenos; um Dilthey, o aspecto puramente histórico, etc. Ora, todos esses aspectos são

visíveis : tanto o sexual como a vontade de potência e seus conseqüentes, vontade de domínio, etc., tanto o econômico, como o histórico, como também poderíamos acrescentar o estático, o religioso, o ético, etc. Mas que da simples observação desses aspectos se parta para uma acentuação predominante deles há um salto. Uma concepção total do universo e do homem deveria observar a totalidade maior possível dos aspectos. Uma concepção que forme apenas como ponto de coágulo um dos aspectos e a ele queira reduzir todos os outros será quando muito uma concepção totalitária e não total, porque distinguiríamos bem total de totalitário da seguinte forma: uma visão ou uma cosmovisão total seria aquela que procurasse ver o cosmo sob a totalidade de seus aspectos e totalitária aquela que desejasse reduzir a totalidade dos aspectos apenas a um dos aspectos.

...

023

Observa-se, assim, na filosofia, esse desejo de direção, de predominância de uma das idiossincrasias mais humanas e pessoais, que são muitas vez condicionadas quer pelas condições históricas como pelas psicológicas individuais. Daí também é fácil compreender-se a grande diversidade de escolas e tendências da filosofia como produtos dessa visão apenas parcial dos aspectos ou pela acentuação de um dos aspectos com preferência aos outros. Penetra nessa atitude o desenvolvimento de uma ênfase que cada um dá a sua personalidade buscando fazer que ela predomine sobre as outras, que realize essa vitória. E a história das dissensões dentro das escolas nos demonstra, também, que muitas obstinações são produtos de uma luta entre indivíduos e geram caminhos diferentes. Poderíamos até citar a luta entre Freud e Adler, aquele com seu complexo de castração e este com sua psicologia individual em que se observa, nessa luta, não propriamente uma luta de idéias, mas, profundamente acentuada, uma luta de indivíduos. Não nos faltariam exemplos para demonstrar nossa opinião e bastaria que atentássemos para os fatos da política e das ideologia político-sociais que nos oferecem diferenças de doutrina, produtos apenas de dissidências e conflitos sociais que pugnam, depois, em buscar separações muitas vezes artificiais, embora construídas com suma habilidade e inteligência. A meu ver, nossa posição na filosofia do Ocidente e mais uma vez o desejo repetir, não deve ser compreendida ainda numa tentativa de explicar, mas de compreender, o que já foi acentuado por Dilthey. A redutibilidade dos aspectos totais a um aspecto único julgamos

uma precipitação provocada pelo desejo de explicar. Essa redutibilidade não deveria e não se processará assim – dêem-nos o direito de afirmar com certa convicção – mas a algo mais simples, algo menos redutível e, talvez irreduzível. Não que neguemos a possibilidade dessa empresa; ao contrário, julgamos que ela já devia ter sido iniciada e as tentativas feitas não nos devem desanimar. Libertar a filosofia dessas pseudas explicações que são apenas maneiras de compreender os fenômenos do acontecer universal é uma das missões mais importantes que cabe agora à filosofia. E nosso intuito, é simplesmente contribuir dentro de nossas forças, para a realização dessa finalidade que julgamos a mais alta que nos pode caber nesta hora tardia e crepuscular de nossa cultura.

...

024

O desejo de “explicar” o universo é a manifestação fáustica mais acentuada de nosso espírito ocidental.

Um chinês, um hindu, um árabe não querem explicar, querem “compreender”.

Estamos, entretanto, nos libertando dessa imposição fáustica de nosso espírito para atingir novas formas de atitude humana ante o cosmos. Por exemplo, a física, depois de sua posição explicativa-absolutista do século passado, afirma agora uma intenção mais compreensiva que explicativa do universo e procura investigar, pondo de lado a arrogância explicativa que se apossara dos cientistas e formula hoje novas interpretações imprecisas, móveis, dinamicamente equilibradas. Esse novo campo aberto para a penetração das cosmovisões que abrangem outra vez velhos terrenos abandonados, que não foram esquecidos, porém, é supinamente significativo e põe no devido lugar histórico cultural o anelo explicativo do ocidente que permanece agora estupefato e ultrapassado ante a grande realidade que oferece o panorama da ciência moderna. O tom humilde de voz de tantos físicos ao invés daquela arrogância do século passado e que ainda perdura em espírito retardado é profundamente emocionante.

...

025

(Para o trecho sobre Ockam)

O juízo como tensão

A verdade lógica é uma mera adequação do juízo com a coisa a que se refere. Portanto, antes de mais nada, é preciso reconhecer que o juízo é um referente, correspondendo portanto a um objeto. O juízo é portanto algo que está em lugar do objeto, é símbolo. E é símbolo em tanto quanto repete uma nota do simbolizado. E esta nota é ou não é, está ou não está no, há ou não há no simbolizado.

Se a resposta for positiva então o enunciado do juízo se ajusta, no que enuncia apenas, ao simbolizado. Nenhum juízo pode esgotar a totalidade das notas do objeto a que se refere, ao referente, pois tal só seria possível numa seqüência de juízos. Consequentemente como símbolo o juízo é sempre um apontar a uma parte do objeto. Não se argumente com a definição, porque a definição aponta apenas o formal ou mesmo o genérico, mas a definição como juízo não se identifica nunca com o referente, que continua sendo o que é, como o simbolizado continua sendo o simbolizado independentemente dos símbolos que a ele se refiram. O conceito é um sinal de um esquema abstrato. O juízo enquanto lógico é uma estrutura de conceito, e é qualitativamente diferente, passando de sinal a símbolo e se refere ao objeto que pode ser simbolizado pelos elementos conceituais que o compõem e que não o esgotam, mas que pode simbolizá-lo, além de apontar o esquema abstrato a que se refere.

Assim um conceito, tomado separadamente, aponta, como sinal, ao esquema abstrato a que se refere. Num juízo, o conceito além dessa função, toma a de símbolo do que se refere o juízo no qual se estruturou. Temos então: papel tensional do juízo como um todo, como esquema; papel tensional do conceito na estrutura tensional do juízo como símbolo menor, de por sua vez o juízo é um símbolo maior do referente.

...

026

Essa dualidade funcional é importante e nos ajuda a esclarecer o problema da verdade lógica. Examinemos um conceito, por ex.: cadeira é um móvel com assento e encosto. Temos aqui três conceitos componentes do conceito cadeira. Juntos formam um nexos que dá coerência ao esquema abstrato: cadeira. Um encosto pode simbolizar cadeira, pode-o também um assento, já não pode apenas um móvel. Cadeira pode, por sua vez, simbolizar encosto, assento e móvel. Mas todos esses elementos que configuram o esquema cadeira podem, por sua vez, constituírem outros esquemas. Assento é móvel e encosto

podem ajudar a constituir o conceito de sofá, que exige mais, o de poder tornar-se leito ou de ter a função de leito. Nos conceitos, os significados do conceito, são os elementos componentes do seu esquema, os quais, por isso, podem significar o conceito como o conceito pode referir-se a ele. Por isso podemos compreender as metonímias como figuras de gramática.

O juízo como enunciado de uma coisa procura reproduzir em conceitos, em esquemas abstratos aquela ou aquelas notas do objeto que constituem a realidade. Se o juízo diz que há, está, é, ou tem tais notas o objeto e se essa afirmação corresponde à realidade do objeto temos uma verdade. E temos uma verdade quando o juízo diz alguma daquelas notas que são os elementos componentes do conceito, os conceitos-elementos, e também quando diz alguns dos conceitos implicados nestas como elementos, por sua vez, do esquema dos conceitos elementos.

...

027

A cadeira tem assento, encosto, e é móvel, quanto ao formal, ao ontológico da cadeira. Onticamente nela há e está vermelho, pedra ou ferro, ou madeira, nova ou velha, cômoda ou incomoda. Enunciado um juízo sobre a cadeira, não nos repugnando o que diz, comprovado o que diz, é logicamente verdadeiro, e será também quanto a esta ou aquela cadeira, além de logicamente verdadeiro, facticamente (onticamente) verdadeiro. O que diz o juízo aponta ao simbolizado retamente, portanto é verdadeiro. Assim também poderíamos dizer que é verdadeiro todo símbolo que aponta, nas notas que expressa uma nota do simbolizado. Mas há uma diferença e importante aqui. E neste ponto é que o juízo se distingue do símbolo, pois é símbolo judicatório, e de uma especificidade comprovada. É que o símbolo diz e deve dizer algo do simbolizado, mas pode dizer mais do que o simbolizado, dizer outra coisa que o simbolizado.

Já o juízo se disser mais ou outra coisa além de dizer algo do simbolizado deixa de ser verdadeiro. Nesse caso o conceito de verdade lógica seria: o juízo como símbolo é verdadeiro enquanto apenas diz o que está, é, há ou tem o simbolizado. Esta é a sua adequação, porque se adequa a esta ou aquela nota do simbolizado. Por isso o juízo lógico é específico como símbolo. E se perguntassem pela raiz afetiva que faltaria para caracterizá-

lo como símbolo, diríamos que um juízo verdadeiro há sempre o sentir uma repugnância, há sempre um sentimento de recusa ao que o privasse da positividade do enunciado.

...

028

Todo ser, enquanto ente, é uma unidade. Como tal só é conhecido racionalmente por uma operação judicatória. Num conhecimento intuitivo também há o juízo embora latente ou tácito. Mas há diferenças que se devem distinguir: na intuição, ao perceber um fato, por exemplo, assimilo tal fato ao esquema ou esquemas que a ela acomodei. O conhecimento intuitivo se dá da singularidade do fato com o esquema sensório-motriz que, por sua vez, pode combinar-se com outros esquemas, que ao se acomodarem e assimilarem, através dos elementos semelhantes, podem formar um complexo esquema intuitivo. Mas no conhecimento racional, há uma operação de reversibilidade a um esquema abstrato e não a um esquema fáctico, como no caso da intuição.

Estou em face deste objeto à minha frente, conheço-o intuitivamente e racionalmente. É um livro azul sobre música. Há nesse fato a assimilação a esquemas intuitivos, sensório-motrizes, combinados com outros esquemas afetivos, e conheço-o em sua generalidade, assimilando-o a esquemas abstratos da razão, o que me leva a poder enunciar sobre ele tal juízo, que é, por sua vez, uma estrutura, um esquema que se compõe quantitativamente de partes que intuo e racionalmente conheço, e é qualitativamente diferente porque pode simbolizar de modo específico o livro. Essa adequação é a verdade lógica do enunciado que, por sua vez, neste caso, é também fáctica.

...

029

Intuitivamente captamos a verdade, vemo-la (*alétheia* dos gregos, ao seu rigoroso sentido, intuição da verdade). Racionalmente, pelo conhecimento racional, captamos a correspondência do juízo-símbolo com o referente, que deve ser verdade, sem necessidade de intuirmos essa verdade. Por ele só não intuimos sua verdade, que deve ser, mas só é quando se adequa ao objeto: verdade lógica.

...

030

A abstração no homem

O homem é um ser que objetiva os esquemas que capta das tensões, transformando-os em objetos de conhecimento e em esquemas abstratos e é capaz de separar os elementos componentes, através de sua mente, sem haver separação na realidade, na coisa, sem que a tensão deixe de perdurar (abstração). Na tensão, os elementos estão identificados no todo, conexiões coerentemente e homogeneizados nessa coesão.

O espírito humano desassocia essa ordem mentalmente e com ela opera. Temos, aqui, em suma, o processo da abstração que permite ainda mais: constituir-se novos esquemas abstratos com os elementos decompostos, sem que a natureza sofra qualquer modificação na sua constituição tensional (ficção, imaginação criadora, etc.).

Esses novos esquemas são puramente psíquicos, mas podem ter uma base real, in re, desde que estejam adequados às possibilidades de coordenação das coisas. Essa capacidade do homem de construir esquemas abstratos, ficcionais, etc., fundados nas possibilidades reais da natureza permitem-lhe o progresso e a criação de novas formas, estruturas, quando põe em atividade a técnica para constitui-las, tendo como causa exemplar a idealidade da ordem tensional construída no espírito e que encontra, na natureza, sua efetivação posterior. Dessa forma, a causa formal e a exemplar podem atuar juntas e com matizes diferentes, sem necessidade de desconsiderá-las, pois embora a priori, funda-se a posteriori nas possibilidades reais da natureza.

...

031

Definição da unicidade

A unicidade é indefinível. Definir é apontar, por outro, o definido. O único não pode ser descrito por outro, senão analogicamente. Eis porque a Lógica Formal afasta-se da singularidade que para ela é indefinível.

, , ,

032

A unidade e salto qualitativo

Postulamos o seguinte princípio:

Todo numeroso cuja afinidade revela a coerência uma nova ordem tende a realizar o grau imediatamente posterior, que as condições predisponentes permitirem realizar. Nesse grau pode haver uma melhora, como vemos pela lei de pregnância da Gestaltheorie.

No numero do nosso postulado acima surge uma unidade qualitativamente diferente. É o salto qualitativo. É um novo estado que surge com novas qualidades que se atualizam. A química nos oferece inúmeros exemplos.

...

033

Esquema da Teoria Geral das Tensões

Prólogo {
 parte sintética
 parte analítica
 parte concreta

Introdução

Síntese geral

Método decadalético

Parte sintética

Conceitos fundamentais

Esquema e Tensão

...

034

As categorias – Crítica de Aristóteles e de Kant

Método

Tese

Objecções

Antítese

Demonstração segundo os planos:

Unidade Estética

Totalidade Arte

Série

Sistema

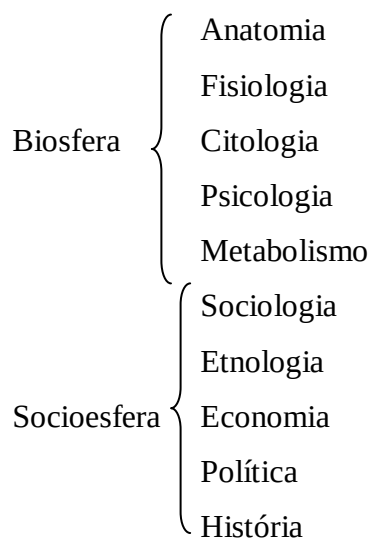
Universo

Planos {
 Fisicoesfera
 Químicoesfera
 Bioesfera } E suas sub-esferas

Socioesfera

Análise decadialética da Tese e da Antítese

Solução decadialética



...

035

Lei da MPME

“A cada momento, todo elétron ocupa ou tende a ocupar a posição que exige a menor dispensa de energia possível”. (Lemnard-Jones).

...

036

Tensão – Esquema

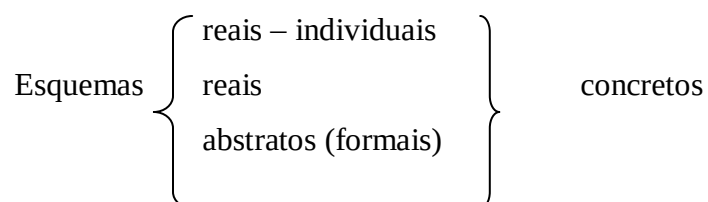
Um composto químico constitui uma unidade cujos radicais, uma vez englobados nele, são já coisa distinta do que seriam em seu estado de substâncias livres.

Uma nova tensão.

(Sertillanges já o aceitava – p.196)

Toda tensão é atualmente uma e virtualmente múltipla.

Toda tensão é ato e é ação (processo).



ideais

Concretos com os esquemas que o precipitam e o mantém secundariamente.

Cooperação funcional das tensões

Esquemas formais reais

As formas como componentes tensionais existentes (e não de *per si* subsistentes).

...

037

No esquema do livro “Teoria das Tensões” deve preceder um estudo geral dos conceitos e categorias imprescindíveis à boa compreensão dos temas a serem tratados.

...

038

Causalidade

Os que dizem: há resultados, mas não fins, terão de admitir que se possa determinar uma direção com um de seus dois termos ainda não determinados, ainda inexistentes. Um resultado sem finalidade anterior seria, portanto, um efeito sem causa, diz Sertillanges.

...

039

Ciência

Dizia Santo Tomás que toda ciência procede de princípios anteriores ao seu objeto (*ex prioribus*).

Como não há princípios anteriores a Deus, a ciência de Deus só pode ser construída *secundum similitudinem* ou *per analogiam*...

...

040

Ciência

A ciência nasce com os conceitos de necessidade e de universalidade. Sem eles, não há ciência. A ciência é um conjunto de leis, não de causas.

Por ter sido capaz de conceber a universalidade, a necessidade – criações da razão pura – construiu o homem a ciência.

Universalidade decorre do conceito de unidade, variante deste, aplicação ao real do princípio de identidade, essencial à razão.

Necessidade é a expressão de encadeamento conceptual, produto da aplicação do princípio de razão suficiente.

A ciência está penetrada dos dois princípios da razão, penetrado das idéias de universalidade e de necessidade. É, acreditando na universalidade dos fenômenos e no seu encadeamento necessário, que o sábio investiga os fenômenos. E apesar dos fatos, ele acredita neles e trabalha como se eles fossem parte da realidade. É a penetração do espírito humano no mundo a conhecer.

...

041^a

Ato e potência

É característica da razão tender para o invariante, para o permanente, para a identidade, para a imobilidade porque para ela é fundamental o semelhante. A lei de identidade decorre desta preferência, e consequentemente o princípio de razão suficiente e a lei de causalidade. Raciocinar sobre o invariante, ante a heterogeneidade do que flui, facilita a crença num mundo já feito e, por conseguinte, predispõe a acentuação da atualidade.

Se examinarmos a história da filosofia, verificamos que nesta há uma predominância enfática da atualidade. Essa ênfase conhece graus, como, por exemplo, na concepção de Xenófanés, onde é menos acentuada do que na de Parmênides, a qual por Zenon de Eléia foi levada ao extremismo.

Não vamos identificar a imutabilidade e a eternidade, conceitos da razão, com a atualidade, embora esta decorra daqueles conceitos.

O eleatismo da razão, forçado pela mobilidade da existência, leva a uma interpretação do universo, como algo persistente no todo, embora variante na parte. Decorrem também daí as teses científicas da conservação, em seus vários aspectos e, consequentemente, o determinismo.

O estudo que Aristóteles fez da potência e do ato abriu novas perspectivas para a filosofia grega. O pensamento aristotélico não foi apreendido em toda a sua extensão, e foi ele motivo de interpretações diversas, como em outro trabalho teremos oportunidade de analisar. No próprio Aristóteles, como em toda a filosofia de que dele decorre, há uma tendência para acentuar o ato em detrimento da potência. Não que esta tenha sido sempre

totalmente desprezada, pois um exame na filosofia chinesa e na hindu, mostrar-nos-á que a subordinação da potência ao ato não é tão predominante quanto a que vemos salientar-se na filosofia ocidental. Nesta mesma, podemos observar, como exemplo, na filosofia de Anaximandro, os elementos que antecedem aos estudos ainda embrionários e dispersos que vamos encontrar na filosofia posterior, ao qual damos o nome de “tendência potencialista”, para expressar a preocupação crescente, na filosofia, quanto ao verdadeiro significado e a importância da potência, tão pouco estudada, e desprezada pelos atualistas, predominantes na filosofia.

041b

Poderíamos citar como estudiosos da potência e que sentiram a sua significação, e que nela penetraram com certa acuidade “potencialista” embora sem terem dado o “salto qualitativo” do potencialismo posterior, Santo Agostinho, Descartes, Leibniz, Spinoza, Giordano Bruno, Nicolau de Cusa, etc. e, modernamente, Schopenhauer, acentuadamente Nietzsche, Ostwald, Briesch, Rosmini, Whitehead, Frank Grandjean, Lupasco, Goblot e outros.

A razão, numa análise noológica, mostra-se antipática às idéias de potencialidade e de possibilidade.

Essa *qualitas occulta* não é facilmente racionalizável e apresenta-se misteriosa, ininteligível, compreensível apenas quando passa ao ato. É só por este que a razão correlaciona os fatos, pois a incidência de diversas possibilidades, quando nela não penetra uma razão suficiente para justificar a escolha de uma sobre as outras, é incompreensível à razão. Pois o princípio de razão suficiente implica a coexistência do princípio e da sua consequência e, desta forma não pode a razão compreender que esse possível que se atualiza já não estivesse necessariamente contido no próprio ato, pois o princípio de razão suficiente implica a necessidade.

Desta forma a razão estabelece que se atualize, colocando as outras em níveis inferiores, pois a sua não atualização demonstra que esses possíveis não eram nem sequer possíveis, pois não podiam realizar-se por não se terem realizado. Assim a razão se desembaraça da dificuldade da potência pela supressão das possibilidades não atualizadas, dando preferência à possibilidade que é exigida pelo princípio de razão suficiente, que é logicamente aceita e, portanto, existente, pois, para a razão, a existência lógica é suficiente.

A razão prefere o ser ao devir, o ato à potência. Vimos que a filosofia grega deu sempre preferência ao ato, e quando Aristóteles principiou a preocupar-se com a potência, e a admiti-la, subordinou-a ao ato (não em todos os aspectos como teremos oportunidade de provar). O movimento irracionalista, que surge posteriormente na filosofia, vai penetrar com mais coragem no campo da potência, muito embora ainda dominada pelos postulados racionalistas. Mesmo entre os intuicionistas, Bergson, por exemplo, não pode libertar-se da extensidade, característica da razão.

041c

O emprego de expressões tais como potência, potencialidade, potencializar, virtualização, possível, possibilidade, possibilitar, tem sido o mais variado na filosofia e o mais cheio de equívocos, permitindo por isso uma certa confusão no tocante ao tema importantíssimo que é o da potência e do ato.

Na ciência moderna, a física não compreende a potência como em geral a compreendem aqueles que seguem a influência aristotélico-tomista, e os estudos modernos sobre os “fatores de extensidade e de intensidade”, esboçados por Ostwald, e os estudos de Mac Quorne Rankine, Abel Rey e outros, abriram novas possibilidades para a filosofia potencialista, e permitem que novas investigações possam ser iniciadas neste terreno tão debilmente explorado pela filosofia clássica, influenciada pelo racionalismo tradicional.

Na próxima vez, daremos, em traços gerais, um quadro do potencialismo, segundo podemos construir através do que existe incidentalmente na obra dos mais antigos filósofos e do que surge nos trabalhos mais modernos.

Depois de esboçarmos as características fundamentais desta filosofia procuraremos analisar os seus fundamentos dentro da obra dos filósofos antigos, na qual já existia em embrião os elementos que modernamente servem para construir uma perspectiva que ofereça possibilidades insuspeitadas para uma nova cosmovisão.

O atualismo, predominante na filosofia, “virtualizou” demasiadamente a potência e a sua subordinação ao ato acaba por identificá-la àquele, o que já Aristóteles havia combatido quando da sua crítica à escola de Megara.

Na concepção potencialista não há uma acentuação preconcebida da potência, como compensação da acentuação da atualidade que foi o predominante na filosofia até então. Mas, desde já se deve declarar: o potencialismo não pretende “virtualizar” o ato e

“atualizar” a potência, mas colocar-se num novo ângulo, que permita não mais a identificação de um com o outro, mas a valorização da antinomia (no sentido proudhoniano) entre ambos para uma nova cosmovisão a ser construída.

...

042a

Refutação de Kant

(Crítica da razão pura. Dialectica Transcendental, livro II, cap. III, seção. IV. “Da impossibilidade de uma prova ontológica da existência de Deus”).

...”Ser não é evidentemente um predicado real, quer dizer, um conceito de uma coisa. É simplesmente a posição de uma coisa ou de certas determinações em si. No uso lógico, não é mais do que a cópula de um juízo. Esta proposição: Deus é todo poderoso, contém dois conceitos que tem seus objetos: Deus e todo poderoso; a palavra é não é ainda, por si mesmo, um predicado, mas somente o que relaciona o predicado com o sujeito. Pois bem, se eu tomo o sujeito (Deus) com todos seus predicados (dos quais forma parte também a onipotência) e digo: Deus é, ou ele é um Deus, não acrescento nenhum predicado novo ao conceito de Deus, pois não faço nada mais do que por o sujeito em si mesmo com todos seus predicados, e ao mesmo tempo, é certo, o objeto que corresponde a meu conceito. Os dois devem conter exatamente a mesma coisa, e por conseqüência, nada mais pode acrescentar-se ao conceito que expressa, simplesmente a possibilidade, só pelo fato que eu concebo (pela expressão é) o objeto deste conceito como dado absolutamente.

E assim o real não contém mais que o possível simples. Cem thalers (moedas) reais não contém mais que cem thalers possíveis. Porque, como os thalers possíveis expressam o conceito e os thalers reais o objeto e sua posição em si, no caso de que aquilo contivesse mais que isto, meu conceito não expressaria o objeto completo e, portanto, não seria o conceito adequado a isso. Mas eu sou mais rico com cem thalers reais do que com seu simples conceito (quer dizer, com sua possibilidade). Na realidade, efetivamente, o objeto não está simplesmente contido, analiticamente em meu conceito (que é uma determinação de meu estado), sim que por esta existência fora de meu conceito, estes cem thalers concebidos se aumentam na realidade. Assim, quando concebo uma coisa, qualquer que seja e por numerosos que sejam os predicados pelos quais eu a penso (embora na determinação completa), se acrescento ainda que esta coisa existe, nada acrescento

absolutamente a esta coisa. Porque de outra maneira, o que não seria exatamente o que eu havia concebido em meu conceito, mas alguma coisa mais, e não poderia dizer que isto é precisamente o objeto de meu conceito que existe. Se eu concebo também numa coisa toda realidade, salvo algo, pelo fato de que eu diga que esta coisa existe defeituosamente, a realidade que lhe falta não se ajunta a ela; pelo contrário, esta coisa existe exatamente com o mesmo defeito que a afetada quando eu a concebi, de outra maneira existiria outra coisa distinta da concebida. Pois bem, se eu concebo um ente a título de realidade suprema sem defeito, é ainda preciso averiguar, não obstante, se este ser existe ou não. Com efeito, embora no meu conceito não lhe falta nada do conteúdo real possível de uma coisa em geral, contudo, falta algo a relação com todo meu estado de pensamento, a saber, que o conhecimento deste objeto seja também possível *a posteriori*. Eis aqui a causa da dificuldade que surge sobre este ponto.

042b

Se se tratasse de um objeto dos sentidos, eu não poderia confundir a existência da coisa com o simples conceito da mesma. Pois o conceito não me faz conceber o objeto mais que conforme as condições universais de um conhecimento empírico possível em geral, enquanto a existência faz-me o conceber como conteúdo no contexto de toda a experiência; se pois, por seu enlace com o conteúdo de toda a experiência, o conceito do objeto não é de nenhum modo aumentado, nosso pensamento ao menos recebe dele uma percepção possível. Se, ao contrário, queremos pensar a existência somente pela pura categoria, não é assombroso que não possamos indicar nenhum critério para distingui-la da simples possibilidade. Quaisquer que sejam, pois, a natureza e a extensão de nosso conceito de um objeto, necessitamos, contudo, sair fora deste conceito para atribuir ao objeto sua existência.

A respeito dos objetos dos sentidos, isto se realiza por meio de seu encadeamento com alguma de minhas percepções, segundo leis empíricas; mas quanto aos objetos do pensamento puro, não há absolutamente nenhum meio de conhecer sua existência, posto que deveria ser conhecida inteiramente *a priori*, quando nossa consciência de toda existência (venha imediatamente da percepção ou de raciocínios que vinculam alguma coisa a percepção) pertence inteira e absolutamente a unidade da experiência, e se uma

existência fora deste campo não pode ser absolutamente declarada, impossível, é, contudo, uma suposição que não podemos justificar com nada.

O conceito de um Ser Supremo é uma idéia muito útil por muitos conceitos; mas pelo próprio fato de ser simplesmente uma idéia, é incapaz de acrescentar por si só nosso conhecimento com relação ao que existe.

042c

Não pode sequer instruir-nos a respeito da possibilidade de uma pluralidade. O caráter analítico de uma possibilidade, que consiste em que simples possibilidade (realidade) não originam nenhuma contradição, não pode sem dúvida ser-lhe negado; mas como o enlace de todas as propriedades reais em uma coisa é uma síntese da qual nós não podemos julgar *a priori* a possibilidade, porque as realidades não nos são dadas especificamente e como, ainda quando a isto se chegasse, não viria disso nenhum juízo (pois não deve investigar-se o caráter da possibilidade de conhecimentos sintéticos mais do que na experiência, ao qual o objeto de uma idéia não pode pertencer), o célebre Leibniz está longe de haver feito o que pretendia, isto é, de haver chegado a conhecer *a priori* a possibilidade de um ser ideal tão elevado.

Consequentemente a prova ontológica (cartesiana) tão célebre, que quer demonstrar por conceitos a existência de um Ser Supremo, faz gastar em vão todo o tempo e o trabalho de quem se dedica a ela; nenhum homem conseguirá por simples idéias, ser mais rico de conhecimento, nem mais nem menos que um mercador não aumentará seus caudais, se para aumentar sua fortuna, ajuntasse alguns zeros ao estado de sua caixa.

...

043^a

Refutação de Hegel

(“Enciclopédia das Ciências Filosóficas”, Lógica. § 193)

“Em Anselmo, ao qual pertence a primeira manifestação do pensamento altamente notável desta prova, trata-se certamente em primeiro lugar, somente da questão de se em nosso pensamento há um conteúdo. Suas palavras são simplesmente estas...(Hegel cita aqui o capítulo II do Proslogion).

As coisas finitas, segundo as determinações em que aqui nos encontramos, consistem nisto: que sua objetividade não está de acordo com o pensamento das mesmas; isto é, com sua determinação, com seu gênero e com seu fim.

Descartes, Spinoza e outros, expressaram esta unidade mais objetivamente.

Mas o princípio de certeza imediata ou da fé, apresenta-a melhor a maneira subjetiva de Anselmo: isto é, que a representação de Deus vai inseparavelmente unida à determinação de seu ser em nossa consciência.

Quando o princípio desta fé concebe também as representações das coisas externas finitas na inseparabilidade da consciência delas e de seu ser, porque, na intuição, estão unidas com a determinação da existência, isto certamente é exato. Mas seria o maior absurdo o entender que em nossa consciência a existência vá unida à representação das coisas finitas, do mesmo modo que a representação de Deus: esquecer-se-ia que as coisas finitas são mutáveis e passageiras; isto é, que a existência vai unida a elas só transitoriamente; que esta união não é eterna, mas separável. Anselmo tem, portanto, razão ao não levar em conta a conexão que se encontra nas coisas finitas, declarando perfeito somente aquilo que não é somente de modo subjetivo, mas que é, por sua vez, de modo objetivo. Todos os ares de superioridade a respeito da chamada prova ontológica e a respeito da determinação do perfeito, de Anselmo, não servem de nada, posto que tal idéia nasceu do bom sentido ingênuo, e reaparece em toda filosofia, sem que se saiba e sem que se queira; por exemplo, no princípio da fé imediata.

Mas o defeito da argumentação de Anselmo (defeito de que participaram a de Descartes, a de Spinoza e ainda a do saber imediato), é que esta unidade, que é enunciada como o perfectíssimo, embora subjetivamente como o verdadeiro saber, é pressuposta; quer dizer, é tomada somente como unidade em si. A esta unidade, que por isto é abstrata, é contraposta a diversidade das determinações; isto é, com efeito, que a representação e a existência do finito é contraposta ao infinito, porque, como já dissemos, o finito é uma objetividade de tal natureza, que não é adequada a seu fim, e é diversa dele... É uma representação algo subjetiva que não entranha a existência.

043b

Esta objeção e oposição se destroem só em demonstrar que o finito é algo não verdadeiro; que estas determinações são, por si, unilaterais e nulas; e que a identidade, por conseguinte, é aquela à qual elas mesmas passam e nela são reconciliadas.

...

044

A alma

“Como tudo, na ordem física, acha-se em potência para tudo, por razão da matéria comum; assim também, em razão da inteligibilidade divina participada em comum por todos os seres cognoscentes e cognoscíveis, a alma pode chegar a ser tudo, e tudo pode chegar a ser a alma” (Sertillanges).

A alma é o ato de um corpo orgânico (Sertillanges) é a tensão do “to synolon” humano, o existente?

“O caminho, pois, de nosso progresso decisivo não se orienta para o cosmos, mas para o nosso interior, em contato ali com o nosso Princípio, olhando para o mundo do espírito, em comparação do qual o da matéria não é mais que um mundo de sombras”(Sertillanges).

...

045

As relações no conhecimento

Se as relações modificam as coisas, as relações do conhecimento não modificam *quoad se*.

Estamos em face de algo que merece especial ponderação e estudo.

...

046

Conhecimento do singular e do universal

Dizia Suarez (De Anima, IV, n.3) Intellectus cognoscit singulare formando proprium et distinctus conceptus illius. E mais adiante (L.o n.5) Intellectus poster cognoscit singulare materiale per propriam ipsius speciem.

E a seguir: Intellectus cognoscit direct singularia materiale absque reflexione. O primeiro, portanto, a conhecer era o singular e só posteriormente o universal. Intellectus potest directe cognoscere singulare, ac prima species, quae in intellectu imprimitur, est rei

singularis; ergo ido quod prius concipitur, ipsum est singulare... E o ipso, quod sensus cognoscit singulare, potest intellectu facillime illud cognoscere, universale vero non ita facile, illorum, ut ab allis abstrahatur natura communia: ergo prius concipitur singulare quam universale. (1. C. n. 15).

...

047

Categorias dialéticas

Homogêneo e heterogêneo

O que é homogêneo num plano, é heterogêneo noutro. Sul-americano é heterogêneo para humanidade (homogêneo), mas brasileiro é heterogêneo para sul-americano, nesta relação tornado homogêneo.

Assim, toda série é homogênea, enquanto série, mas heterogênea quando faz parte de uma ordem.

Assim tudo, enquanto parte, é homogêneo e heterogêneo simultaneamente, dependendo do campo ou plano em que for tomado.

Por isso, dialeticamente, no campo das idéias, essas devem ser consideradas homogênea- heterogeneamente.

A homogeneidade da água, enquanto água, mas heterogeneidade quanto aos elementos que a compõem, que por sua vez são homogêneo e heterogêneos.

Homogêneo-heterogêneo categoria dialética, portanto.

...

048

Causalidade e finalidade

Para Lalande:

A negação da causalidade é a contingência.

A negação da finalidade é o acidental.

...

049

Contingência para Wolf

Contingens est cujus oppositum nullam contradictionem, involvit, seu quod necessarium non est. (Ontologia, p. 236)

...

050

Compreensão

Na verdade explicar é uma tentativa da filosofia, mas uma tentativa frágil.

Compreender é o verdadeiro fim da filosofia, porque, realmente, cada filosofia apenas oferece uma compreensão, não uma explicação. Por acaso Pitágoras explicou? Não, ofereceu uma compreensão, uma compreensão profunda, que a superficialidade das apreciações gerais não permite ver em toda a sua extensão.

...

051

A transcendência da consciência

O conhecimento do conhecimento do conhecimento é um eterno apontar da transcendência da consciência e do espírito humano.

...

052

Culturas incipientes

“Podemos dizer que ali onde o homem atua, forma e configura, partindo de um tipo de constituição anímica que consiste exclusivamente em lutar contra o demoníaco do mundo, sem ter conhecimento de uma mais alta possibilidade de aperfeiçoamento superador, temos apenas uma cultura incipiente ou semi-cultura”. (A. Weber, op. cit. p. 20).

...

053

Contradição

Contradictio est regula veri, non contradictio falsi.

Principium scientiae oralis est reverentia facto habenda. (Hegel)

...

054

O conceito de processo

O conceito de processo é dialético, porque todo proceder é um transitar, um passar de... para, um contradizer-se.

...

055

Concreto

O abstrato (universal) não é uma perfeição subsistente. Esta só o tem o concreto.

...

056

A influência do odor na formação das realidades extra-geométricas

“Um odor, por exemplo, nos parece ser de uma natureza absolutamente estranha ao espaço. São bem provavelmente essas sensações, convém notar, que contribuíram fortemente para fazer crer num modo de existência da realidade mental absolutamente extra-geométrica”. (Ruyer, op. cit. p. 135)

...

057

Causa eficiente e causa final e conhecimento

“Pela causa eficiente, o cognoscente é a sede do cognoscível da causa final, e pela final, é a sede do cognoscível da causa eficiente”. (Lupasco)

...

058

Sistemas de conduta:

Estruturas orgânicas hereditárias – instintos - .

Deslocamentos sensório-motriz

Estruturas sensório-motrizes susceptíveis de aquisição.

Grupos e agrupamentos operatórios de ordem formal

Estruturas representativas – pensamento

Razão – intuição

Afetividade.

...

059

Conhecimento de Deus

Para Maréchal: “Deus não é o primeiro objeto conhecido pelo homem. E como o conhecimento que define a medida tem por fundamento ontológico, no caso presente, a

analogia do ser, essa mesma teoria permite descrever a síntese de semelhança e de diferença que constitui a relação dos seres finitos na sua unidade de medida”.

...

060

Conhecimento de Deus (Possest)

Antes de conhecer Deus, o homem já tem a posse virtual de Deus (*in actu exercito* e não *in actu signato*), assim como o exercício de uma atividade já possui um fim ainda não adquirido.

O Possest já está em nós, para torná-lo *in actu signato* precisamos conquistá-lo pela frônesis que nos fundirá com ele, como o vemos na “Noologia” na passagem correspondente.

...

061

Pureza e liberdade

Assim como só a pureza realiza a pureza porque só pela pureza ela se afirma, só a liberdade realiza a liberdade porque pela liberdade ela se afirma. Toda pureza e toda liberdade é uma negação do que as negam.

...

062

Pathos

A quase totalidade dos psicólogos, antigos e modernos, não conseguem definir o que é a vontade, o arrependimento, o terror, os ciúmes, o capricho, a intuição artística, porque só se pode definir conceitos por outros conceitos, e toda definição é uma classificação, portanto está contida na esfera do extenso. Mas o que é páthico no homem é mais intensivo ainda que o meramente psíquico e, para compreendê-lo, toda exposição quantitativista, como a da definição, é uma falsificação, um emascaramento. A intuição páthica e simpathética não se pode prender no campo do objetivo, que é sempre o campo do Logos, que é direcionalmente orientado para o objeto.

...

063

Contradição

Por opositividade

(antagonismo)

e antinomia

negatividade:

privação

alteridade

potência

Privaticidade por supressão da positividade: total ou parcial

Na antinomia – (Não há supressão senão cognoscitiva ou gnoseológica) contradição

ôntica na unidade – separada por abstração

(separação apenas mental)

Antagonismo { solúvel (reduzível)
Insolúvel (irreduzível)

Estrutura e planos

Tensão do processo { (Estrutura) { do universal
Estrutural { Processos { sistema
Tensões diversas { estruturais { série
totalidade
unidade

Planos das estruturas

Macrocosmos – Mundos (sistemas planetários)

Cosmos (microcosmos) Homem como sociedade e como indivíduo

Alteridade – transição (transitividade) das condições (atributos-formas) da estrutura no tempo (em devir).

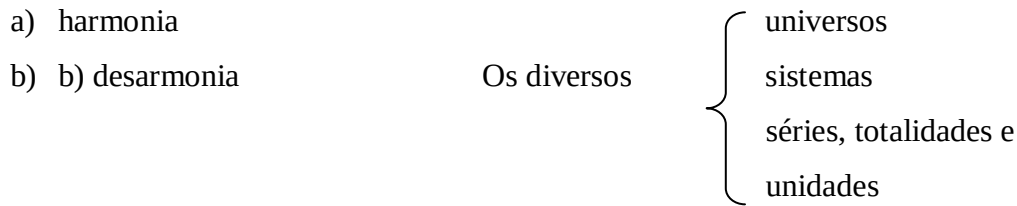
Tensão – na unidade – Harmonia - atual ou potencial

Desarmonia – atual ou potencial

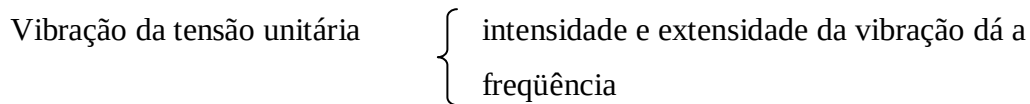
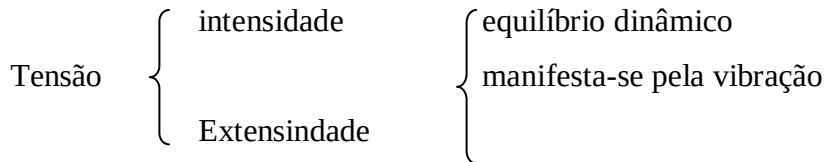
Tensão unitária harmônica

Tensão unitária desarmônica

Relações entre as tensões dos processos estruturais



Tensões harmônicas dos processos estruturais
(seriais e totais)



Nas tensões individuais: simpatia como harmonia e antipatia como desarmonia variável.

Só se pode harmonizar vibrações diferentes.

É intensivo tudo quanto é substituível por sucessão e extensivo o que se opõe, o que se junta, se acrescenta.

Um som vem e passa: é sucedido por outro. Uma extensidade vem e ajunta-se a outro (um corpo tomado apenas como quantidade, extensidade).

...

064

Cooperação dos elementos consistentes de uma tensão

Todo ente consiste, portanto, em outros. A água, enquanto água, consiste em hidrogênio e oxigênio sob uma razão (coerência).

Só a idéia de Deus pode confundir a consistência com a própria existência tensional (coincidência da essência e da existência).

A consistência é a coincidência dos elementos que dão uma sistência a um ente. Mesmo que se admita uma homogeneidade dos elementos componentes da consistência, eles segundo as relações e correlações da ordem e até pelo seu caráter posicional (tético ou tópico, etc.), são sempre outros para outros.

São oposicionais que cooperam na formação da unidade (tensão). A ordem, portanto, como uma relação das partes com o todo e das partes entre si, realiza-se pela cooperacionalidade dos elementos consistentes.

...

065a

Psicologia atomista

“Ouço um breve ruído e o localizo no espaço, por exemplo, para diante e para a esquerda. Como tem lugar esta localização? Devido à diferença da excitação temporal de ambos os ouvidos. Esta diferença é surpreendentemente pequena, pode descer até 1/20000 de segundo e ainda menos. A diferença no tempo não chega como tal à consciência, mas que se transforma, por assim dizer, numa vivência de direção. O tempo torna-se direção, torna-se firmeza espacial. Encontramo-nos neste caso ante uma interessante função espaço-temporal do ouvido como órgão par. A interpretação atomista do fenômeno malogra em absoluto. O tempo fica em suspenso no rendimento de localizar a direção no espaço. Nos fenômenos de movimento é diferente. Neles o tempo não se une ao espaço, mas é sacrificado por este. Dá-se ainda a conhecer, às vezes aparecendo mais como fenômeno em primeiro plano, mas com freqüência no fundo. O último ocorre, por exemplo, quando reconheço a grande distância um pássaro na forma de seu vôo ou um homem por seu modo de andar. Que se trata na ação das formas de movimento de um processo biológico de raízes profundas o atestam principalmente as observações de psicologia animal. Muitos animais reacionam exclusivamente à alimentação que se move; não prestam atenção nenhuma a esta se se acha imóvel, até no caso de fome intensa. Igualmente muitos animais determinam-se ao seu ato de fecundação com seu prelúdio e epílogo exclusivamente pela conduta motora da parelha. Nada põe de manifesto tão claramente a desesperança da concepção atomista do tempo como o *raigambre* biológico dos fortes instintos, como o instinto de fome, o sexual nas formas de movimento no tempo”.

065b

Psicologia atomista

Mostra-nos Ehrenfels que uma melodia, embora transportada para outra altura não deixa de ser computada como a mesma melodia, o que revela uma forma. É este um dos argumentos de que se aproveitam os *gestaltistas* para demonstração de esquemas totalistas.

Um argumento de que se aproveita Katz é a capacidade que temos de ouvir uma linha sonora por entre diversos ruídos, como ouvir um discurso em rádio, apesar das interferências de ruídos para perturbar a audição. A concepção atomista não consegue explicar tais fatos, ou quando o tenta conhece um verdadeiro malogro.

...

066

O todo e a parte

Podemos partir de um princípio que pode ser universalmente aceito: O acontecer cósmico é um Todo. E podemos vê-lo em seu produzir-se e como um produto, eternamente criador e já criado. E este todo é uma soma total, concreta por excelência.

A parte tomada por nós separadamente (abstração) nunca se separa desse todo, nem se separa da ordem que revela o todo.

...

067

Potencial e atual

“O empuxão não é acaso a razão e o *movens* do desdobrar anímico, mas o próprio desdobrar. Porque viver ou desdobrar o potencial ao atual não é uma sucessão temporal: a temporalidade pertence, e melhor, aos momentos essenciais de determinados seres vivo já antes de seu desdobramento, a saber: como geminação, infância, juventude, maturidade e seus graus intermédios, todos eles em absoluto coordenados às outras notas específicas do ser vivo. Só a tensão qualitativa entre o atual e o potencial é vida; não é causa do desdobramento do potencial ao atual, mas é o mesmo”.

“Ao falar-se de um “levar-se a cabo” a respeito do desdobramento anímico e do surgir de uma constituição anímica de outra, não me refiro a um sucesso temporal. Emprego essas expressões, precisamente, no mesmo sentido em que se fala, por ex., com aplicação a uma linha curva ou a uma coluna, de um desdobramento, do surgir, crescer, reduzir-se, inchar-se, etc. Com estes termos não se alude a sucessos, mas a qualidades de tensão dadas com simultaneidade. É preciso entender isso num rigoroso sentido verbal, não como “imagem” ou metáfora ou como “introfecção”.

O eu tende, pois, enquanto vive, desde sua respectiva atitude atual a todas as outras atitudes que lhe estão potencialmente implantadas. Potencialmente é já, portanto, aquilo

para o qual tende cada vez no empuxão. No “cumprimento do empuxão” se atualiza, por conseguinte, algo que já é, embora de maneira potencial.

Neste cumprimento a vida anímica progride dentro de sua própria imanência e não transcende senão a respetiva atualização, não tende para um mais além do ato”. (Maxiliam Beck, Psicologia, p. 256 em diante).

...

068

Potência intrínseca e extrínseca

A potência quando intrínseca (imanente à tensão ou ao esquema) é atual. Quando extrínseca, é meramente virtual, quanto à tensão, mas atual quanto à tensão a qual pertence.

Em Deus é atual, totalmente, por isso Deus é ato puro.

...

069

Potência ativa e passiva

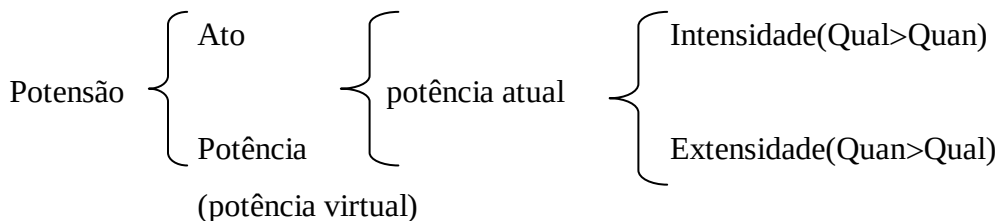
A potência passiva está para a potência ativa numa proporção inversa.

Ato é um vetor (*arithmos*); potência, outro.

Ato é a potência inversa; potência, ato inverso.

Ambos se identificam como potensão, mas de vetores potensionais inversos.

Intensidade e extensidade são valores inversos de ato e potência.



...

070

“Ante nós, encontra-se sobre a mesa um cartão redondo, o qual olhamos obliquamente. Se alguém nos pergunta qual é a forma deste cartão, diremos, no caso de que não tenhamos preconceito algum, que vemos o cartão em forma redonda. O psicólogo antigo, ao contrário, teria feito a objeção seguinte: na realidade não vemos o cartão redondo, mas unicamente interpretamos assim a impressão sensorial. Nosso juízo se acha, portanto, condicionado pela experiência, mercê a qual sabíamos que o cartão é redondo. A

introspecção não nos daria a sensação de um cartão redondo, mas a de um cartão oval. Oval é, certamente, a imagem do cartão na retina em consequência do olhar dirigido sobre ele, e não redonda. A missão do psicólogo consiste em ver as coisas tal e como se refletem na retina”. E mais adiante, prossegue: “Como explica a antiga psicologia a correção da sensação pura, no sentido do juízo atinado sobre a forma do objeto? A psicologia antiga declara que a sensação pura, quer dizer, portanto a vivência que se associa à imagem da retina, é transformada pela experiência... decretava que as sensações suspeitosas de se acharem misturadas com o conhecimento adquirido pela experiência não podem ser reconhecidas como sensações sensoriais simples autênticas”.

A psicologia da tendência estruturalista da época moderna, que já se esboça no campo tensional, em oposição à psicologia somática e atomística do passado, nos mostra de modo claro como decoramos nossos conhecimento, como no que assimilamos há a presença de outros esquemas, de raízes afetivas ou intelectuais, e até sensório-motriz, que atuam na formação das imagens e das suas interpretações.

Este ponto importante, mas descuidado nos estudos gnoseológicos, merece que seja desde já anotado pelo leitor, se quiser, ao invadir os campos que teoria do conhecimento oferece munido de melhores instrumentos que lhe permita construir um mais sólido critério de verdade gnoseológica.

...

071

O conceito de ordem

A ordem exige a liberdade que a criou. Mesmo que nos coloquemos na posição bergsoniana da ordem, nesse caso a que temos em nosso cosmos seria uma possibilidade que se atualizou.

Essa possibilidade já afirmaria outras. E afirmaria outra ordem e sua criação, que seria, por natural decorrência, o supremo, e livre.

...

072

Ordem

Temos até aqui apresentado como conceito de ordem a relação que se verifica entre um todo e as partes e destas entre si, oferecendo tal conceito uma escalaridade de ordem

que permite estabelecer, através dessas relações um ou menor grau de coerência, de coesão no todo considerado.

Fundado no pensamento de Tomás de Aquino, podemos aproveitar uma definição que decorre de sua própria análise: “a ordem seria então a disposição de uma pluralidade de coisas ou objetos de acordo com a anterioridade e a posterioridade em virtude de um princípio”.

Não se deve, porém, deixar de considerar o conceito medieval de ordem que a estabelece entre uma coisa e a sua idéia e não o conceito que temos de uma relação de realidade entre si.

A ordem, como a vemos modernamente, afasta-se do plano ontológico, sem negá-lo, porém, para aplicar-se ao plano existencial, para o plano do numeroso, onde se buscam os números que a possam assinalar.

A regularidade observada na natureza leva-nos consequentemente a procurar na ordem essas regulas.

Deve-se considerar aqui os conceitos comuns de desordem coo se atribui a toda ordem inesperada ou a toda ordem que não corresponde a um fim desejado ou previsto. Dessa forma a desordem é a ordem contraposta.

Dessa forma, a coerência de uma tensão nos revela uma ordem, e como as tensões podem pertencer aos planos do:

- a) individual
- b) da totalidade
- c) da série
- d) do sistema
- e) da universalidade

há uma ordem em cada plano, como ordens comuns, coordenações que ordenam as partes de uma totalidade com esta e entre si, como de uma série, e assim sucessivamente.

...

073

Objeto e transobjeto

Ter-se-á fatalmente de construir uma teoria do transobjeto, desde que se considere o objeto no sentido idealista e transobjeto o que ultrapassa as nossas representações. A ciência moderna já se prepara para penetrar neste terreno tão mal ventilado pela filosofia.

...

074

Analogia das ordens

Também, entre as ordens, podemos estabelecer analogias e considerá-las analogicamente.,

...

075

As ordens

Do conjunto cósmico, gnoseologicamente podemos distinguir certas ordens, cujas confusão implica dificuldades insuperáveis.

Essas ordens chamemo-las de esferas.

Cientificamente podemos dispor quatro esferas:

Físico-químicoesfera

Biosfera

Psicoesfera

Socioesfera

Quanto à ordenação do nosso conhecimento epistêmico (marcadamente filosófico) há ainda as seguintes ordens:

Ontológica

Ôntica

Gnoseológica

Formal (de razão)

Noética (ideal)

A cada ordem corresponde uma verdade (como *adaequatio*)

A confusão entre as verdades de cada ordem trazem, conseqüentemente, bem como provocam aporias.

Demonstremos:

...

076

Ordem

Examiná-la como relação do todo com as partes e destas entre si, mas não esquecer de estabelecer o aspecto finalista de toda ordem.

Esse aspecto finalista é que dá em face de outros um valor à ordem, que sendo ordem para esta finalidade é desordem em face de outra.

Consequentemente: há sempre ordem. O que se considera desordem é a não adequação da ordem a uma finalidade desejada por outra ordem.

Os exemplos de Bergson conviriam perfeitamente aqui.

...

077

Incompatibilidade e recusa

A incompatibilidade é recusa de conjunção, e disjunção do recusado.

Dois enunciados são incompatíveis quando não são verdadeiros simultaneamente.

...

078

Conceito de real

“O que não existe *actu*, mas pode receber a existência, denomina-se também real”. (Lorenz Fuetscher, p. 24).

“O ato é aquilo para o qual existe uma determinada potência. Logo a potência está essencialmente ordenada ao ato, ajustada a ele” (Lorenz Fuetscher, p. 30) – O ato é o fim da potência.

...

079

Relação e proporcionalidade

Medir uma quantidade é compará-la a outra quantidade da mesma espécie, tomada como unidade.

Medir é já um ato de conhecimento.

Para Aristóteles a unidade é a medida dos números, e quer demonstrar que a unidade é o princípio do número; nesse sentido, há para ele equivalência entre medida e princípio do conhecimento.

A unidade é a medida das quantidades para Aristóteles, pois faz conhecê-las.

Todo conhecer exige uma semelhança (que o funda=assimilação).

Todo esquema de um objeto que faz conhecer um outro objeto deve assemelhar-se-lhe.

A medida implica sempre similitude.

A semelhança entre a parte (criatura) e o Possest se dá na causalidade criadora. E é essa semelhança que explica o conhecimento do Possest pelo criado.

A medida quantitativa é um princípio objetivo de conhecimento (não subjetivo nem do ser).

A medida é um mínimo quando se trata de grandezas descontínuas.

Dois seres são semelhantes se recebem os mesmos predicados, se a inteligência diz de um ou que diz (predica) de outro.

Na medida quantitativa há uma similitude imperfeita. (Para Tomás de Aquino, a semelhança imperfeita).

A relação é constatada.

A *proportio* (*rapport*, em francês) é concebida pelo espírito. Mas *proportio* é síntese de semelhança e diferença (analogia de proporção, por exemplo).

Tomás de Aquino conclui ampliando o conteúdo para: “. . . similitude quae attenditur ex eo quod unum habet apptitudinem determinatam ad aliud, ex que scilicet ex uno alterum comprehendi possit per intellectum”.

O ser é um conceito análogo.

As diferenças entre os seres são ser. Também as diferenças entre figuras geométricas, são do geométrico, como as diferenças de número são números.

Então teríamos: *proportio* (proporcionalidade) como o nexa de dois ou mais objetos de pensamento envoltos num mesmo ato intelectual indiviso, e em particular reunidos por uma categoria.

Indivisos e não indivisíveis. A Lógica Formal pode realizar a divisibilidade de pensamento em seus átomos (conceitos), mas psicologicamente é captado num ato só e indiviso.

As significações da Lógica Formal revelam a divisibilidade dos conceitos, mas pouco ou nada dizem do pensamento como um todo que por si só aponta também um todo (conteúdo).

Analisemos:

...

080

Revoluções

Boissoudy distingue as revoluções em positivas e negativas, progressivas e regressivas. Cá como exemplo no mundo físico a liquefação de um vapor por sua sublimação, a metamorfose de um inseto, como exemplos de revoluções progressivas enquanto a floculação seria regressiva.

...

081

Representações como um todo

As representações são idealizadas (por coordenação noológica), formam um todo. Só depois é que a conceituamos (como um conjunto, uma unidade).

...

082

As causas da revolução

Quando o proletariado é levado à miséria há perigo das revoluções violentas das mesmas. Quando é a classe média, há o perigo das ditaduras de ordem política.

Tal se tem observado nos últimos séculos.

A procura do “homem providencial” surge em certas ocasiões, mas pode ser levada ao malogro, pois o escolhido pode malograr abatido pela desordem ou pelo ridículo, como o exemplo do general Boulanger ou de Kerenski.

...

083

Redutibilidade

Se analisarmos os conceitos da ciência verificaremos que estão estes eivados de velhas reminiscências filosóficas e de muitos preconceitos, além da subjetividade inevitável dos cientistas. Uma objetividade pura, extrema de subjetividade, é absoluta e

existencialmente impossível, e só podemos concebê-la como este *mere logicum*. Podemos dar exemplos: os velhos conceitos, categorias e coordenadas categóricas, que tem papel saliente na ciência que não pode isolar-se do processo do conhecimento e de seu dialetismo. (desenvolver esta tese)

Aqui está o que vem contribuir para tornar pouco aceitável a tese de ser o mundo um todo. O dualismo antagonista do potencialismo não dá ao mundo um sentido de todo.

Além disso veja-se que o mundo da ciência de hoje – o mundo objetivo – (*allwelt*, por ex.) é um mundo de diversidade irredutível.

As esferas irredutíveis: físico-química, biológica (vida) temporalidade (inespacialidade – intensidade) indeterminação e irreflexão – sensação, instinto, desejo; psicológica (alma – interioridade, consciência de experiência vivida) noológica (espírito) idealidade, ordenação das idéias, entendimento, vontade nas idéias, superioridade superação; alma; indivíduo isolado; espírito: indivíduo integrado na sociedade e na história; o sociológico.

Pode buscar-se os pontos de intersecção porque não formam um todo absolutamente separado. Há complementariedade, solidariedade não redutibilidade. Intemporalidade e inespacialidade não em sua constituição, mas no seu processo, é objetivo quando mede, compara mas participa da liberdade, mediador entre o espírito e a existência para Jaspers.

A redutibilidade – *coincidentia oppositorum*

...

083

“O homem é sempre mais do que aparece numa ciência da qual ele é objeto”.

Diz Jaspers que “Hegel pose l’être como identique à l’être de l’esprit, tel qu’il est exploré par les sciences de l’esprit”.

...

Por estar o homem como indivíduo integrado em grupos sociais constitui ele também uma sociologia (Jaspers), mas também indivíduo.

É um erro se visão vulgar que o homem como indivíduo é uma abstração – abstração seria se ao afirmarmos o indivíduo negássemos o social, no homem, isto é, se os grupos sociais estão integrados na sociedade não é abstração estudar os grupos sociais e declarar que esses são abstrações e que a única realidade é a sociedade; nem tampouco afirmar que a

sociedade humana está no mundo e que afirmar a sociedade humana é realizar uma abstração porque o mundo é que é a única realidade.

E o mundo no cosmo, e assim por diante. Também poderíamos fazer o mesmo raciocínio no homem quanto aos seus órgãos, músculos, células.

É fácil compreender, agora, quão parcialmente falso é a afirmativa comum dos marxistas que tanto se opõem encarniçadamente ao indivíduo e que querem reduzi-lo a uma mera abstração.

...

O aspecto econômico do mundo. Os dois pontos de vista: o da economia política clássica e o dos liberais. Produção e consumo. A contemporaneidade, de Proudhon.

Reorganizar súmulas do Pensamento de Proudhon.

Aproveitar de Nicolai argumentos nosso.

O dialetismo de Proudhon, o de Marx e a dialética-trágica em seus planos (esferas).

...

084

As regressões

A criança por sua ainda fraca estruturação de esquemas eidéticos vive as intuições ainda em forma pura, sem assimilações intelectuais imediatas. Por isso conhece a criança a suprema agradabilidade das intuições que nós raramente conhecemos em face de novas idéias, do novo, do fato estético superior, da obra de arte grandiosa e em certas atividades fisiológicas que ainda conhecem a intuição pura, sem assimilações imediatas e esquemas eidéticos como no orgasmo genital, por exemplo.

A presença da agradabilidade é de tal forma eminente e atuante na criança que é usando-a que podemos construir esquemas educativos.

Nós conhecemos a desagradabilidade e dela dispensamos na formação de nossos esquemas, por isso construímos uma moral (função ética).

Temos possibilidades de regressões infantis às intuições puras, despojadas do operatório, do racional, somente naqueles raros momentos de que falamos.

Por isso a vida, com o seu decorrer, por não nos oferecer tantos momentos de agradabilidade como são os da intuição pura termina por cansar-nos. Não encontraríamos nenhuma felicidade numa vida que se perpetuasse se não nos libertássemos do operatório

na busca da intuição pura. Por sentir seu valor e significado, embora sem compreendê-la, surgem tantas tentativas de rompimento do racional.

Temos aqui um campo de possibilidades novas para o estudo não só das regressões na ordem das novas atividades cotidianas, como das regressões pensamentais em busca do ilogismo, do mágico, do irracional, do páthico sem que estas últimas regressões possam ser consideradas tão graves como as que nos levam à prática de atos infantis, mesmo quando já deformados pelo acrescentamento de modalidades posteriormente adquiridas pela educação e pelo convívio social.

...

085

O nada no Ocidente e no Oriente

O excesso afetivista dos hindus, em sua última providência, leva-os ao nada; o excesso racionalista do ocidente, em sua última providência, leva ao nada.

No primeiro, o nada é positivo, pois é negação do devir e oferece a alguns privilegiados a presença do ser. Nos segundos, esse nada é negativo, exclusão que a própria existência repete apavorada ante os excessos a que alcança.

...

086

Necessidade e liberdade

Assim como no histórico, quando o olhamos como um produzir-se, sentimos a liberdade e como produto, a necessidade, a Possest, quando cria é livre, mas o produto é necessário.

...

087

Atividade negativa ética

Quando o comandante dá uma ordem e o subordinado responde: compreendido!, ele compreende não só o que deve fazer como o que não deve fazer. Uma ordem inclui também suas interdições.

Assim um *ethos* (um dever-ser) afirma suas negações, implica-as, exige-as.

Tudo o que é isto ou aquilo exige o que não é; toda afirmação de um limite é a afirmação do seu ultrapassamento. Faz isso é dizer não faz outra coisa que isso: há recusa ética de ma ação que contradiga a ordenada.

...

088

Número

O tempo é o número qualitativo do movimento.

Os homens mediram o espaço pelo espaço. E também mediram o tempo pelo espaço. Começam hoje a medir o espaço pelo tempo (anos luz). Ma dia chegará que medirão o tempo pelo tempo, como o espaço pelo espaço, este pelo tempo e este pelo espaço. E quando a tal chegarmos teremos então a possibilidade de medir tudo pelo homogêneo e pelo heterogêneo, sem a necessidade de reduzir abstratamente o que é concretamente irreduzível.

...

089

O número

Quando examinamos os conhecimentos matemáticos das tribos mais primitivas é que podemos aquilatar o extraordinário papel que teve para a conquista de hominilidade, e da superação do homem sobre a animalidade que tiveram os conhecimentos rudimentares da aritmética.

...

090

Conceitos e números

Os conceitos são estruturas puramente quantitativas – são, na essência, números – segundo compreendemos os números, compreendemos os conceitos.

Tudo que distinguimos podemos numerar. Toda natureza é numerável. Se os números fossem apenas quantitativos teria razão Spengler em afirmar que a história não tem nenhuma relação com a matemática. Mas, há números qualitativos.

...

091

O número

Tudo o que não tem consistência ôntica é por isso mesmo sujeito à maior influência páthica: os números, por exemplo, variam, em seu conceito e sentido, de cultura para cultura.

...

092

O número

Convém observar que toda medida (número apenas como medida, como magnitude) exige sempre um ponto de partida. Mede-se de... Essa observação bem meditada (e meditar vem de medir) é de ricas conseqüências.

...

093a

O presente no tempo (Hegel)

“O infinito, nessa simplicidade, é como momento oposto igualmente a si mesmo – o negativo – e em seus momentos, enquanto se apresenta a, e em si mesmo a totalidade, e ao excluí-lo em geral, o ponto ou o limite, mas nessa sua (ação de) negar, se relaciona imediatamente ao outro e se nega a si mesmo”. (L. 202)

“O limite ou o momento do presente, o “aqui” absoluto do tempo, ou o “agora” é de uma simplicidade negativa, absoluta, que exclui de si absolutamente toda multiplicidade e, por isso mesmo, é absolutamente determinado; é não um todo ou um *quantum* que se entenderia em si e que, em si mesmo, teria também um momento determinado, um diverso que, indiferente ou exterior em si mesmo, se relacionaria a um outro, mas sim aí uma relação absolutamente diferente do simples. Esse simples, em sua negação absoluta, é o ativo, o infinito oposto a si mesmo como a um igual-a-si; enquanto negação, se relaciona também absolutamente ao seu contrário... e o agora é imediatamente o contrário de si mesmo. Enquanto que esse limite em sua ação de exclusão ou em sua atividade, se suprime a si mesma, e que nela é a negação. Ora, o que a limita em si mesma, é seu não-ser que é antes o que atua contra si mesmo, e esse imediatamente não é, esse não-ser oposto a si mesmo como ativo, ou como o que é antes o sendo-em-si, que exclui o seu contrário, é o futuro ao qual o agora não pode resistir, pois é a essência do presente que, com efeito, é o não ser em si mesmo. O presente, suprimindo-se de tal maneira que é antes o futuro que se engendra (devém em si, é ele mesmo esse futuro; ou esse futuro é ele mesmo não a vir, ele

é o que suprime o presente, mas enquanto é isso, o alguma coisa) de simples que é uma ação de negação absoluta, ele é antes o presente que, contudo, em sua essência, é ao mesmo tempo não-ser de si mesmo, ou futuro”. (L. p. 202, em/d)

O presente é assim a unidade presente-futuro. “Na verdade não há nem presente, nem futuro, mas somente essa relação mútua dos dois igualmente negativos um em relação ao outro, e a negação do presente se nega também ela mesma; a diferença dos dois se reduz no repouso do passado”. (L. p. 204)

.093b

“O agora tem seu não-ser em si mesmo e torna-se por si mesmo imediatamente um outro, mas esse outro, o futuro no qual o presente se transforma, é imediatamente o outro de si mesmo, pois é agora presente. Mas não é esse primeiro agora esta noção do presente, mas um agora que se engendrou do presente pelo futuro, um agora no qual o futuro e o presente, ambos se suprimiram e se absorveram, um ser que é um não-ser de ambos, a atividade suplantada e absolutamente em repouso, de uma sobre a outra. O presente não é senão o limite simples, negando a si mesmo, que, na separação de seus momentos negativos, é uma relação de sua ação de exclusão ao que o exclui”.

“A relação é o presente, como uma relação diferente na qual ambos se conservam; mas também não se conservam, reduzem-se a uma igualdade de si mesmo na qual ambos não são e são absolutamente destruídos. O passado é esse tempo retornado em si mesmo que absorveu em si as duas primeiras dimensões”.

O futuro nega a si mesmo ao atualizar-se em presente, fazendo o presente recuar no passado, e este presente recuará para o passado ao atualizar-se novo futuro.

...

094

Esquema de espaço e a ação da visão – exemplos

“... a sensação de uma ponta aguda dá bem a impressão de um ponto; um pouco mesmo facilmente para a vista, em que é difícil isolar pontos luminosos ou coloridos, a cor nos parecendo por natureza dever ser em nappe. Nada deve surpreender nessa diferença: nossa pele se presta a não ser tocada senão num ponto, enquanto nossa retina é quase sempre impressionada em seu conjunto “. (Ruyer, op. cit. p. 135)

...

095

Espaço e tempo

Espaço: abstração da quantidade, despojada da quantidade.

Tempo: abstração da sucessão sem o que sucede e sem o sucesso.

São assim idéias hiper-abstratas e vividas por oposição, com a presença negada, sem qualquer presença atual, do fato.

O esquema eidético do tempo e do espaço implica sempre uma aceitação e uma rejeição simultânea do fato – Idéias dialeticamente construídas porque para afirmarem-se negam precisamente o que se afirmam e afirmam o que negam.

...

096

O fator econômico e a história

Há épocas em que o econômico é atualizado por um grande número, como a nossa, nesses dois últimos séculos. Noutras, no entanto, não o é. Tal diferença leva os idealistas a afirmarem a influência que oferecem as idéias (fatores ideais) nessa atualização. E a prova seria ainda dada pelas diferenças individuais mesmo nas épocas em que o fator econômico se atualiza ante a consciência humana com tanta intensidade.

...

097

Fisiologia e Freud

Ensina-nos a fisiologia em contraposição a Freud que as glândulas sexuais estimulam consideravelmente a atividade, tanto física como psíquica.

O equilíbrio humoral complexo, do qual participam todas as outras glândulas é o sistema nervoso vegetativo.

...

098

Definição da Filosofia

A filosofia, enquanto tal, é ou não um saber teórico, sistematizado, especulativo, construtivo, vivencial, de todas as espécies de conhecimentos sobre todas as espécies de objetos, cujo instrumento é o ato de pensar humano, que captando ou construindo pensamentos, procura na universalidade, particularidade ou singularidade, captar seu

significado não só histórico, como também as origens, fins, bem como conexões ou analogias que permitam concluir ou não por uma visão geral de si mesma como saber teórico do cósmico inteligível ou não.

...

099

As formas platônicas

Já dizia Santo Agostinho que a doutrina das formas platônicas é tão profunda que sem compreendê-la ninguém pode chegar a ser sábio.

...

100

Essência e existência

A espécie faz parte do indivíduo. A espécie não é uma essência do indivíduo, algo que viva à parte do indivíduo, mas está no indivíduo.

...

101

As formas e os átomos

Os átomos como “pontos-de-acontecimento”, os “aqui” no complexo tempo-espacial. Eis a definição dos relativistas. As formas, no sentido de Ruyer, são os conjuntos desses “aqui”.

...

102

Existir é opor-se

Todo existir é um antagonizar-se, porque o que existe se ob-põe a outros que, por sua vez, se lhe ob-põe.

Já expusemos esse antagonismo em nosso livro “Psicologia”, com as seguintes palavras: “É por intermédio do sistema nervoso que o ser vivo toma contato com o meio ambiente. Na análise feita pelos psicólogos, é a sensação o elemento mais simples da consciência. A sensação é, assim, “a repercussão na consciência de uma impressão produzida no corpo”, mais acentuada nas regiões em que a inervação é mais rica, como são as dos órgãos dos sentidos. O fator exterior que provoca a sensação é chamado de *excitação*. A sensação é um estado psicológico, o estado em que se encontra o nosso

psiquismo, ante um complexo processo de fatos mais elementares, que procuraremos estudar e esclarecer.

Na sensação reconhecemos:

- 1) certa *qualidade*: - pode ser sensação auditiva, tátil, visual, etc., certo caráter específico;
- 2) certa *intensidade*: - pode ser mais intensa, menos intensa;
- 3) certo tom *afetivo*: - pode uma sensação ser agradável ou desagradável, em graus maiores ou menores. Duvidam os psicólogos das chamadas sensações indiferentes;
- 4) certo *conteúdo representativo*: - uma sensação é uma informação, mais ou menos nítida do mundo exterior.

Nesta análise que fazemos da sensação, vemos logo quão complexa ela é. A tensão vital, ao encontrar uma resistência exterior, que se manifesta na forma de excitação, sofre uma mudança na sua direção, uma discontinuidade. Os nervos periféricos são atingidos, segundo a qualidade da resistência exterior, se auditiva, se visual. A mudança de estado desses nervos periféricos é correspondente à intensidade da excitação. A sensação pode ser favorável, ou não, ao organismo, portanto agradável ou desagradável, que é o seu caráter afetivo. Essa sensação fornece imediatamente uma informação sobre o que produziu a excitação. É através de certos órgãos, chamados órgãos dos sentidos, que tomamos conhecimento do mundo exterior. Classicamente são considerados cinco: a vista, o olfato, o ouvido, o gosto e o tato. Entretanto os psicólogos modernos acrescentam quatro ou cinco sentidos mais.

São os *sentidos internos*. As sensações de fadiga, de tensão muscular, as câibras nos dão as sensações de nossos músculos, como os estados de depressão e de sobreexcitação nos dão a de nossos nervos, como também a fome, a sede, náuseas, mal-estar nos indicam a sensação de nosso tubo digestivo, como as sufocações, a dispnéia, dos órgãos respiratórios, e as palpitações, as angústias, dos órgãos de circulação. As mudanças de temperatura de nossos órgãos internos nos são revelados pelas sensações de febre, calafrios, sensações essas que são diferentes das que nos são reveladas pelo mundo exterior ao nosso corpo. Essas sensações são conhecidas pelo nome genérico de *cenestesias*.

Muitos fenômenos psíquicos têm sido observados quando do estudo desta parte. Em caso de hipnose, doentes descreveram nitidamente suas sensações, bem como as regiões onde as sentem, sem terem o menor conhecimento de anatomia. Essa percepção dos órgãos internos é chamada de *autoscopia*.

Já vimos que um excesso de atenção pode aumentar a sensibilidade. Alguns doentes como os neurastênicos prestam tamanha atenção a essas sensações que as aumentam exageradamente de intensidade.

As *sensações quinestésicas* (esta palavra é formada de dois termos gregos que são: *kíneses*, movimento e *aisthesis*, sensação, significando, portanto, sensação do movimento) são aquelas que nos indicam as diversas posições do nosso corpo; se estamos ou não com os braços estendidos ou em ângulos reto; se temos as pernas abertas ou fechadas; se os dedos se dobram ou não sobre a palma da mão, todas elas sem que tenhamos realmente sensação de qualquer contato. Se movimentamos nossos membros, sabemos logo, sentimos logo se estão em movimento.

Foram tais fatos que levaram alguns psicólogos a falar de um *sentido muscular*. Tais sensações são importantes para a fundamentação da noção de espaço, da noção das extensões, como também são importantes para a formação da maestria dos movimentos que conhecemos nos atletas, nos artesãos, nos operários qualificados, nos quais as sensações cenestésicas acham-se superiormente desenvolvidas.

A *sensação térmica*. Costumavam os psicólogos dizer que era o tato que dava as sensações do calor e do frio, assim como as sensações de pressão e de dor. Os psicólogos contemporâneos decompuseram o sentido do tato e verificaram não ser a pele sensível em todas as partes e que oferece variações quanto à sensibilidade do frio e do calor, havendo, assim, partes que sentem mais e outras menos um e outro. Desta forma não é apenas uma questão de pressão, do contato, mas um verdadeiro sentido térmico (de *thermos*, g. calor). As sensações de frio e de calor são variáveis de acordo com a temperatura da pele. As partes do corpo variam de temperatura. O nariz e as mãos são mais frios do que o tronco; a boca é mais quente do que as partes exteriores do corpo. Uma pessoa que tenha feito exercícios fortes, sente calor devido à circulação mais apressada do sangue, e esse calor se irradia pela pele, o que dá a impressão de abafamento. Quando entra na habitação uma pessoa afogueada procura logo abrir janelas para entrar ar, pois julga o ambiente sufocante.

O sentido da orientação. O ouvido internamente é um órgão complexo. Tem uma parte enrolada sobre si mesma, chamada caracol; três canais semicirculares, onde estão dois saquinhos chamado utrículo e sáculo, os quais contêm, cada um, um corpo de nome otolito, composto de finos cristais calcários. Não conheciam os psicólogos antigos quais as funções desses corpos.

Foi com surpresa que, mais próximo a nós, comprovaram alguns observadores que as lesões feitas nesses órgãos, em diversos animais, não prejudicavam em nada a audição, mas produziam vertigens, quedas, transtornos nas atitudes, na emissão dos sons, nos movimentos. Foi o que os levou a considerá-los como órgãos do sentido da orientação. Realmente termina nesse órgão um nervo sensitivo que se une ao auditivo, mas independente. Citemos uma página de Ebbinghaus: “Se com os olhos fechados, giramos muitas vezes seguidas, tendo como base o calcanhar, e nos detemos subitamente, teremos a impressão sensível, vivíssima, de girar em sentido contrário ao precedente. É uma sensação dos canais semicirculares. Deve-se ao anel do líquido no canal horizontal que, no começo da rotação do corpo, havia ficado um tanto pegado às paredes destes e segue girando um momento quando nos detemos bruscamente, o que produz uma excitação contrária à precedente nos órgãos terminais de um nervo que penetra nesse líquido. Se girarmos rapidamente, num círculo bastante grande, como ocorre com os cavalinhos num carrossel, ou quando se descreve uma curva, o corpo tem a impressão de inclinar-se para fora. Se subimos rapidamente um elevador, ao deter-se este bruscamente, temos a impressão de descer. São sensações dos órgãos otolíticos”. . . São verdadeiramente graves os transtornos que se verifiquem nesse órgão. Certas fobias, como a agorafobia (fobia das multidões), muitas vezes têm esta causa”.

. . .

103

Existir e existencialidade

O existir é o existir de uma coisa. Nós apreendemos a existência de alguma coisa, e não a existencialidade da coisa.

. . .

104

Mediação do espírito

Para Hegel, o espírito é mediação enquanto produzindo a si mesmo, enquanto faz a si mesmo.

...

105

Em si e por si

Na posse, já há uma revelação da possibilidade. Os seres são (é *fürsich*); os seres possunt (é *an sich*).

...

106

O estar como inhesão

O estar como topicidade em algo...

O estar como inhesão lógica em...

O estar como inhesão formal concreta (tensão) em...

O estar como inhesão de estrutura formal abstrata em...

O estar como inhesão ontológica em...

O ainda teológica, axiológica, etc.

...

107

Esquemas Gerais

1) Os esquemas psicológicos podem ser:

esquemas $\left\{ \begin{array}{l} \text{eidéticos} \\ \text{fáticos} \end{array} \right\}$ sintéticos (fáticos-eidéticos)

2) Dois corpos A e B, que são afins, combinam-se para formar D, nova tensão.

Esta implica variabilidade qualitativa.

3) A afinidade implica $\left\{ \begin{array}{l} \text{semelhança} \\ \text{diferença} \end{array} \right\}$ analogia

Dois corpos afins são sempre análogos, não iguais.

4) Toda distinção implica $\left\{ \begin{array}{l} \text{o semelhante} \\ \text{o distinto (diferente)} \end{array} \right\}$

No que é distinto de . . . , há algo semelhante ao que se distingue.

Semelhante implica	{	diferente
		igual
Diferente	{	o repetido
implica		o diferente absoluto. Valor ontológico e valor ôntico da unicidade
Igual	{	o desigual
implica		o idêntico (Vide unicidade)

5) O semelhante é símbolo do semelhante assimilado.

6) Onde há analogia, há semelhança e distinção.

7) Símbolo implica analogia, portanto.

...

108

A exemplaridade

A exemplaridade do melhor, na fase criadora da cultura;

A exemplaridade do pior na fase da civilização.

Atuação vetorialmente diferente, mas homogeneamente avassaladora de ambos.

...

109

Ego habeo factum e relógio e técnica

Relacionar o ego habeo factum, em vez do feci, com o desenvolvimento do espelho, na Europa, e a “desilusão” que decorre após o ano 1000 em face do não advento do juízo final previsto.

O desenvolvimento do relógio coordenado ao racionalismo da burguesia ascendente.

A substituição da ordem da Eternidade como ordem do tempo, pelo relógio como tempo abstrato, fora do tempo este como intuição humana.

Observar, por sua vez, o desenvolvimento da técnica e sua dependência e independência do capitalismo, bem como sua influência sobre este.

...

110

Para a teoria do ciclo das formas viciosas

- a) Um fator a considerar é o número: o radicalismo do número menor e o conformismo ou colaboracionismo ou a contemporização, a condescendência, quando os grupos mais numerosos. Não se iniciaria aí a decadência.
- b) Ameaça aos grupos eternos pela decomposição.
- c) O fator psicológico do medo.
- d) O fator da exemplaridade do bem e do mal.

...

111

Sobre a Distinção

Em duas ou mais tensões, podemos captar notas dessas tensões:

- a) homogêneas { qualitativamente ou
quantitativamente consideradas
funcionalmente consideradas
relacionalmente consideradas
- b) heterogêneas { quantitativa e qualitativamente
relacionalmente
topicamente (por estarem em pontos diferentes, no complexo
tempo- espacial). Neste caso podem ser homogêneas ou
heterogêneas, mas a topicidade permite diferencia-las.

As diferenças topicamente consideradas podem, no entanto, serem assimiladas a um esquema abstrato da sua série.

Essas observações nos levam ao estudo da semelhança e da diferença, que já tivemos, por várias vezes, oportunidade de examinar em nossos livros, mas que exigem agora novas observações e análises decidualética.

É o que passaremos a fazer.

...

112

Sobre a distinção

- 1) Análise da diferença e da semelhança
- 2) Funcionamento seletivo e diferenciador de nossos sentidos e do nosso espírito.

- 3) Funcionamento sintetizador
- 4) O tema da distinção através da história da filosofia
- 5) A distinção como e podemos colocar depois de uma análise decadalética.

...

113

O sucesso de uma doutrina

O sucesso de uma doutrina está na proporção da sua deturpação. As idéias deturpadas vencem mais facilmente que as puras quando elas se fundam nos mitos dos homens, nos seus preconceitos e nas suas pre-concepções. O marxismo correspondeu deturpadamente à nossa época do princípio do século, daí o seu sucesso.

Um curandeiro no nordeste tem mais possibilidades de êxito que um genuíno pregador de uma doutrina religiosa. Nossa época é de apócrifos e de sub-homens e, nela, só uma filosofia apócrifa e de sub-humanidade terá maior “chance” que uma filosofia que pregue a elevação do homem.

Nossa época não tem mais silêncio para as meditações... Só a intuição do esteta ou do político pode conseguir ressonância entre as multidões.

O som cristalino do ouro não nos é mais agradável ao ouvido, mas sim o som defluxado da moeda falsa. Nossa época pertence aos charlatães e aos moedeiros falsos.

Esse é o triste espetáculo de todas as decadências. Os “polloï” agora tem a palavra... Ouvi, ouvi o coaxar dos sapos no brejo... Eles não se desmentem, eles se confirmam. E a voz de um se identifica a de todos.

Nossa época de socializações, o homem socializa o que é socializável, mas só é socializável o que é vulgar.

...

114

Indução e idéia platônica

“Induzir será pois “tirar” dos fatos as leis gerais que neles constituem o fundamento, penetrar no tecido das ilusões e dos erros que o particular e a mutação estendem sobre a verdade permanente e geral de seu *substratum*”. (Lupasco)

O mundo platônico da verdade, da *aletheia*, da ver-dade, do que seria visto pelos olhos do espírito e não do corpo, as idéias formariam um mundo que não era visível diretamente na mutação e no devir pelos nossos olhos do corpo.

Os exemplos puramente concretos que se encontram na obra platônica são apenas exemplos para aprendizes e não significam o sentido esotérico de sua obra para mestres. Assim pensar-se que Platão afirmava a existência no mundo das idéias de Cama ou Mesa, como idéias, independentemente dos fatos cama e cadeira, há uma caricaturização de sua filosofia.

Cadeira e Cama, enquanto formas, são fundadas nas leis que estão abaixo de todo acontecer, leis que são idéias, apenas visíveis pelos olhos do espírito. Cama e Cadeira, como formas, são idéias que tensionalmente podemos captar independentemente desta cama e desta cadeira. Não implicam nenhuma negação da ordem suprema das idéias, embora não possam identificar-se com aquelas, as leis supremas. Mesmo que não houvesse cama nem cadeiras, como não as deve ter havido na alvorada da humanidade, eram elas possibilidades dentro da ordem universal (das idéias). Preexistiam nessa ordem. Era isso que Platão queria dizer e nem todos podiam compreender. O ter lançado mão de exemplos para aprendizes compreende-se porque ele ensinava aprendizes. O mesmo procede um professor de filosofia quando usa exemplos concretos para mais fácil compreensão dos discípulos. Seria caricaturizar a filosofia considerar depois tais exemplos como definitivos e não apenas como esclarecedores para uma iluminação posterior.

Completando o pensamento acima exposto, diremos: que considerar, pois do seio desse processo indutivo, que tudo, em suma, alcança e deve alcançar essa identidade do geral que se precisa, se aclara à medida que experimentamos sobretudo o particular, o qual, por si mesmo, desaparece progressivamente do campo do conhecimento na própria atividade do cognoscente, é construir, no fundo, uma metafísica da identidade ideal.

...

115

Considerar se o tema é abstrato ou concreto – fático, eidético ou fático-eidético.

Se é da alteridade não esquecer

$\left\{ \begin{array}{l} \text{estático} \\ \text{cinemático} \\ \text{dinâmico} \end{array} \right\}$	concreto
---	----------

A lei da alternância – determinações e indeterminações.

...

116

Verificar

O sujeito na ação de examinar. Quem o faz? Um indivíduo ou grupo.

Colocar o sujeito em seus planos (totalidade, série, sistema, universo).

Precisar, se possível, os esquemas vindos da totalidade, série, síntese, universo.

Processos:

- a) Temperamento e caráter individual (Influências da totalidade)
- b) Influência da série (classe, estamento, etc.)
- c) Influência do sistema (Cultura num período)
- d) Influência do universo (Cultura em seu ciclo)

Como procede no conhecimento:

- 1) Racional – Não esquecer a estruturação em conceitos, categorias, a priori e a posteriori, indução, dedução – ação observadora – a reciprocidade da intuição.

Dialética do juízo operatório, atualizações e virtualizações racionais.

Influência dos esquemas afetivos nessa atividade.

Papel estatizante e homogeneizador da razão – O racional (geral) Inibição do irracional (individual).

- 2) Intuição: Influência dos esquemas. Reciprocidade do operatório. Atualizações e virtualizações racionais.

Auto-análise do sujeito e dos seus limites cognocitivos.

Objeto	{	Princípios intrínsecos e extrínsecos.
		Atualizações e virtualizações próprias e as do sujeito (Ato e potência)
		Alteridade- Reciprocidade
		Antinômicos – Antagonismos
		Assimilações e acomodações esquemáticas
		...

117a

Determinismo signalagmático

É o determinismo em que há reciprocidade de determinismo.

oderiam duas liberdades em ato, naturalmente, conhecerem ma reciprocidade que as transformassem em determinismo?

Não seria o determinismo ôntico, que pensamos conhecer, apenas a coincidência de duas liberdades de vetores diferentes que reciprocamente se interatuam dando a formação da determinação? Não será todo determinismo, em sua primeira origem, apenas signalagmático?

117b

Admitir o devir é admitir uma transcendência. O determinismo signalagmático das liberdades exigiria, por sua vez, esta concepção.

O ser, como liberdade, gerando o outro, que é ele mesmo, mas de vetor diferente, liberdade ainda, nos explicaria o ôntico pela determinação signalagmática de suas liberdades em oposição. Ambas positivas, mas que se ob-põem. Desta forma a necessidade implicaria a liberdade superessencial, e esta não seria absoluta pelo próprio transcender do devir que revelaria a impossibilidade do determinado permanecer eterno pois implicaria e aniquilação da liberdade.

Assim, em vez de explicarmos a liberdade pela necessidade, preferimos explicar a necessidade pela liberdade, fazendo-as coincidir no ontológico, embora no ôntico nos permitam distinguir.

...

117c

Ao aceitar o dualismo da divindade (como no maniqueísmo) e portanto de um cosmos dualístico antinômico, o homem, ao ter consciência desse imenso e eterno conflito; que ele também é, além de espectador, interprete, é que conhece e vive o instante da liberdade. Como compreender a liberdade sem o dualismo das antinomias eternas?

Essas antinomias são opostas em vetor (aspecto predominantemente intensista sobre o extensista), mas homogênea na origem como ato de liberdade em que ato e liberdade coincidem.

São, porque se opõem e criam o determinismo signalagmático que nos revela a necessidade do ôntico, idênticos mas inversos, ou melhor identidades inversas, absolutamente homogêneas e absolutamente heterogêneas. Heterogêneas na adversidade dos vetores, mas homogêneas como ato, idênticas como origem e dignidade.

Perfeitamente, aqui, se pode desenvolver toda a concepção triádica que caracteriza as idéias da divindade nas culturas elevadas e nas religiões superiores.

O ser, como ato puro e eficácia pura (Pai) gesta a si mesmo em vetor inverso (Filho), mas a ele está ligado por dignidade e origem (Espírito Santo).

O determinismo do ôntico é um apontar constante para a necessidade e a contingência e implica, como origem, a liberdade (a liberdade do ato).

A criação é assim constante e eterna, como constante e eterna é a inversão dos vetores da liberdade do ato puro que sendo outro que ele é ele sempre o mesmo e homogeneamente idêntico a si mesmo, pois a inversão aqui não é um negar, pois um não exclui o outro, mas um opor-se que não implica limitação definitiva, mas apenas a aparente limitação do ato híbrido ôntico, infinitamente em ato, pois sempre tudo está em ato (presente), mas não é tudo enquanto parte, embora a parte implique o todo.

117d

O homem e microtheos.

A liberdade no homem seria, pelo conhecimento ou pelo equilíbrio dos contrários em alternância, que a nossa concepção do determinismo signalagmático permite compreender, aquele instante de equilíbrio, onde, como ato, alcançando um instante de liberdade, o homem pode escolher.

Por isso mesmo, conhece ele uma responsabilidade.

Há sempre, em cada instante (que é de contingência e necessidade) um momento de determinismo e de liberdade.

...

118

Deus

Deus é, Deus cria. E cria o ser que ainda não era como tal (tensão). É a subsistência supraessencial de tudo. Criar é dar ser ao ser (modalidade de ser ao ser enquanto tal).

Ser e bem se convertem. Todo ato de criação é um ato bom e realiza o bem.

Criar o nada é um disparate. O nada não tem eficácia, não tem ser.

Criar nada é não criar. Disparate dizer que Deus não pode criar o nada.

Se nada é nada, onde está o criar? Deus cria. Nem nós, impotentes, podemos criar o nada, porque nada não revela poder de qualquer espécie. É disparate dizer que não se pode criar o nada.

Um ato de criação sem criatura não seria um ato.

Deus criando o ser cria o bem. O mal não tem substância essencial, embora tenha positividade ôntica. Deus não cria o mal porque o mal enquanto positividade não tem essência subsistente. O mal é valor, e como tal, seu ser é ser em outro. Apenas vale, não é.

...

119

Deus

Ciência de Deus e vontade divina e poder divino.

Deus sabe porque quer e pode.

Deus pode porque sabe e quer.

Deus quer porque pode e sabe.

Identificação no ato puro (*Possest*).

...

120

Deus e o futuro

“Na realidade, Deus não lê no porvir; lê o porvir em seu eterno presente”.
(Sertillanges)

...

121

A definição tensional

A definição lógica e a definição tensional que é a explanação determinação do esquema concreto da tensão.

121a

O esquema não é dado pela experiência, mas captado na e através da experiência pelo espírito in actu.

O esquema é a ”razão interna” . “lei de proporcionalidade eterna” do fato, ou dos fatos segundo é fáctico ou noético-fáctico ou noético-eidético, etc.

A razão interna é a tensio, o *arithmós tonos* (tensão) da coisa, o que lhe dá coerência (*cum haerentia*) ou o *arithmos* que permite a coerência da estrutura (a sua coesão).

O esquema é o método pelo qual a imaginação constrói a imagem (Kant) (regra da síntese imaginativa) um processo de edificação no tempo.

(Método de Síntese)

Ex. de Kant: esquema de mil, sem a imagem atual de mil unidades justapostas. O esquema do triângulo aplica-se a todas as espécies de triângulos...

121b

A totalidade é o todo potencial, o qual se divide em partes virtuais.

Para as “Tensões”:

“O todo universal está presente em todas as partes segundo toda a sua essência e potência, como “animal” no homem e no cavalo; por isso propriamente se predica de cada uma das partes. O todo integral não está em todas as suas partes, nem segundo toda a sua essência nem segundo toda a sua potência. Por isso não se predica de nenhum modo de cada uma das partes, mas apenas de algum modo, embora impropriamente se predica de todas ao mesmo tempo; como quando dizemos que a parede, o teto e os alicerces são a casa. O todo potencial está presente em cada uma das partes segundo toda a sua essência, mas não segundo toda a virtude. Portanto, pode-se predicar, de certo modo, de qualquer parte, não porém tão propriamente como o todo universal”. (S. Tomás de Aquino, I q.77 a 1)

121c

Para as Tensões

“Avicena estabeleceu que as formas substanciais dos elementos permanece íntegras no composto, realizando-se sua combinação por compensação ou neutralização das qualidades opostas dos elementos. Mas isso é impossível. Porque as distintas formas dos elementos não podem existir a não ser nas diversas partes da matéria, cuja diversidade supõe dimensões, sem as quais a matéria não pode ser divisível. Pois bem, a matéria sujeita a dimensões só existe nos corpos e corpos distintos não podem ocupar um mesmo lugar. De onde se segue que os elementos ocupam na combinação lugares distintos não dando-se assim verdadeira combinação, que é em si mesma total, mas sim mistura aparente, que resulta da justaposição de partículas mínimas...

...De conformidade com o Filósofo temos de opinar que as formas dos elementos permanecem no composto, não atual, mas virtualmente, posto que permanecem, embora atenuadas, as qualidades próprias dos elementos, nos quais reside o poder das formas elementares. De igual modo, a qualidade da mistura é a disposição própria para a forma substancial do corpo composto; por exemplo, para a forma da pedra e da alma de algum ser”. (S.T. 1, q. 77 a 1)

...

122

Sobre a tensão S. T. q. 77 a.1(*Totum universale et totum integrale* 1 q. 77 a 1 e *Totum potentialis*).

...

123

O que se atualiza na tensão não é só o que se contem nas partes constitutivas e constituintes, mas um *arithmós* (forma) que passa a existir pelo ato de ser.

...

124

A tensão enquanto tal tem uma forma substancial; os componentes, nela, uma forma accidental.

...

125

É ao todo que são atribuídas as operações das partes, consideradas como meios de ação.

...

126

A assunção corresponde a suscepção.

...

127

Não há distinção real-física entre ato e potência (S.T.º q. 66. a. 1, *Parthenius* 40. e. d.).

...

128

Atração e repulsão e Todo

Há sempre atração e repulsão entre todas as coisas, por mais distantes que estejam. Assim tudo está, não apenas relacionado, mas integrado em tudo, o que prova que todas as heterogeneidades se identificam na homogeneidade do Todo.

(Distinguir relatividade e relacionalidade)

...

129

Potência e ato (distinção) na síntese do *Possest*

Potência = passividade – atividade

Ato: atividade – passividade

A potência limita o ato, mas o ato limita a potência. Dessa forma a potência tem a atividade de limitar e o ato a passividade de sofrer o limite, como o ato tem a atividade de limitar a potência e a potência a passividade de ser limitada.

Portanto: ato e potência se distinguem:

- a) real-formalmente
- b) real-fisicamente
- c) real-metafisicamente

...

130

Possível

Possibilidade

Na Tensão, já em processo, é potência em germe.

Podemos partir deste axioma:

Tudo o que aconteceu, acontece ou acontecerá era, é, e será possível.

...

131

Dialética do fim e da destruição das tensões

Toda tensão ao formar-se revela dois aspectos dialéticos importantes:

- 1) ela tem um fim a atingir (*telos*) em si mesma ou fora de si mesma. Pois, como já vimos toda tensão que se forma é uma ordem, que já revela a relação das partes com o todo e das partes entre si. A finalidade é revelada pela ação do todo

sobre a parte. É da própria ordem. A demonstração dessa afirmativa, que ora fazemos, virá a seguir.

- 2) Toda tensão traz em si, emergentemente, um germe de destruição, de dissolução que a leva a alterar-se segundo a ação interna das parte ou dos fatores predisponentes exteriores, como do antagonismo de outras tensões. Tal germe pode ser considerado como negativo potencial (quando ainda em estado de latência) ou potencial ativo quando da predisponência de coordenadas favoráveis que atuam como fatores, até atualizarem-se sua destruição e a imediata ou não incorporação em outras tensões.

...

132

Ato, potência e ato puro

Sendo o Ser Supremo, enquanto ser, ato puro, todo poderoso, são possíveis todos os graus de eficacidade (matizes do ser), porque não o negariam, e o devir seria apenas a atualização da potência que se coloca entre o possível e o ser-em-ato.

O ato, enquanto ato, não conhece graus.

A potência, sim, é escalar. Dessa forma, podemos compreender a energia potencial ou em germe.

...

133

Dialética do ato e potência

O ato puro é em si o que nos é possível; toda eficacidade de vetores inversos; todos os extremos que revelam eficacidade, toda opositividade. O nada é um conceito negativo (privativo) do Ser, o nada é negado sua absolutuidade. Não é um oposto, não se põe ob.

O Ser (ato puro) aceita a *coincidentia oppositorum* porque não o nega, pois são possíveis.

Toda eficacidade opositiva é possível dentro do Ato puro, onde só pode ser ato, por sua vez, tomado isoladamente, mas atua como oposto, e potência, do oposto também ato, quando tomados ambos em sua existência (daí a hibridez de ato e potência, no existir (opor-se)).

O que é ato é potência, o que é potência é ato (o cosmos visto do ato por nós é inverso ao cosmos visto da potência).

Visto do epimeteico para o proteico, visualizamos a potência. Visto do prometeico para o epimeteico, vemos o ato.

...

134

A tensão como composição de ato e potência

“Um ser ou é necessário ou é contingente; e, por conseguinte, é, como tal, ou uma forma subsistente ou uma composição de sujeito e forma. Pois bem: se chamamos à forma de “ato” e ao sujeito “potência”, teremos a tese tomistas que diz: Um ente é, por necessidade, ou ato puro ou uma composição de ato e potência. Daí que a primeira das 24 teses tomistas, enunciadas deste modo tão geral, pertença ao patrimônio escolástico; e que sua justificação vai unida com a legitimação do princípio de razão formal da essência. É uma redução do mesmo princípio em termos de ato e potência”. (Lorenz Fuetscher, p. 27)

...

135

Alteridade na consistência da tensão

Tudo quanto existe é constituído de outros. Todos os corpos físicos são constituídos de outros corpos. Toda tensão existencial é constitutivamente múltipla (numeroso). Os elementos consistentes alteram-se sem que haja alteridade tensional total, mas apenas parcial.

As alterações dos elementos componentes podem motivar as fases da alteração tensional funcional, sem que perturbem a tensão que pode ser considerada formalmente como a mesma, embora conheça processos parciais que não a alteram a ponto de transigirá-la. Num grupo social esquematizado, formando, portanto, uma tensão, os elementos componentes são sempre naturalmente numerosos e diferentes. Por maior que seja o grau de homogeneidade dos elementos constitutivos, esses, mesmo considerados formalmente, seriam outros que os outros. Cada um é um outro para o outro.

As modificações do processo tensional de cada um podem, atingindo certo número, modificar o funcionamento tensional do todo, como estrutura, marcando períodos deste,

sem que ele sofra ruptura na sua coerência e na sua unidade e permanença, formalmente sendo o mesmo.

Dessa forma cada ente conhece, dialeticamente, uma alteridade na constituição.

...

136

Alteração parcial e total da tensão

Todo ente (enquanto existência fáctica) é por sua vez ele mesmo e outro: pela alteração de todo processo existencial (alteridade do processo).

Todo ente, neste caso, pode ser considerado em seu devir como um processo de atualizações constantes, quer imanentes, quer relacionais. É um processar-se mais lento ou mais rápido segundo as proporções que se estabeleçam em face das coordenadas que compõem a sua realidade concreta. É sempre, constantemente, um tornar-se de seu processo tensional, embora enquanto tensão, formalmente considerado, pode ser considerado sempre o mesmo. A alteração tensional revela-se pelo processo tensional de todo existente que é um constante passar de um estado qualitativo total para outro estado qualitativo total, embora mantenha sua estrutura. Essa alteração também pode ser estrutural, mas, nesse caso, estamos em face de uma alteração tensional total, enquanto nas modificações imanentes que não altera essa estrutura tensional temos apenas mutações de carácter parcial. E quando essas alcançam a certo número, há então a passagem da tensão que se altera como tensão. No caso de uma mudança quantitativa total, temos então um salto qualitativo que a transfigura e torna outra tensão.

...

137a

Lei da integração tensional

“Todas as tensões isoladas tendem a integrar-se em conjuntos tensionais, segundo a razão da ordem à qual pertencem”.

A lei do Bem MENP postula:

“Todas as tensões procuram pelo menor esforço alcançar o máximo proveito”.

Desdobramos essa lei sob duas distinções:

- a) o emprego do menor esforço, o que corresponde à lei de Hamilton da menor ação;

b) uma finalidade: a busca do maior proveito.

A finalidade já examinamos na parte referente. Podemos ainda distingui-la:

Finalidade intrínseca aquela que corresponde à ordem interna da tensão que se realiza através da atuação do todo, enquanto tal, sobre a parte, o que já estudamos.

Finalidade extrínseca aquela que não surge da ordem interna, mas da ordem do conjunto tensional à qual pertence a tensão, a ela subordinada.

Desta forma toda finalidade pode ser considerada sob os dois aspectos: intrínseco e extrínseco.

Uma tensão é um arithmós, portanto um numeroso. Cada parte é por sua vez uma tensão subordinada a um todo. Se considerarmos a tensão como “arithmós plethos”, como um todo, a sua finalidade é intrínseca, mas extrínseca para as partes componentes, tensões subordinadas. Estas, por sua vez, são conjuntos, que considerada, enquanto tais, como “arithmos plethos” tem uma finalidade intrínseca, mas consideradas nas tensões componentes, esta finalidade passa a ser extrínseca.

137b

Mas, de qualquer forma, ao considerarmos separadamente as finalidades como intrínsecas ou extrínseca cometemos o erro abstracionista. A finalidade extrínseca da tensão, que é a finalidade do conjunto observado como um todo, separado das parte, é abstracionista. O todo tensional é inseparável real-realmente, enquanto tal, da parte. Portanto a finalidade extrínseca aponta algo da intrínseca. Um todo, com sua finalidade, é uma atualização de possibilidades das partes componentes que o estruturaram. As tensões quando isoladas podem não atualizarem outra finalidade senão a que lhe é atualmente peculiar, mas ao compor uma totalidade ela atualiza possibilidades que lhe emprestam uma finalidade extrínseca que ela tem apenas quando se subordina a uma estrutura. Desta forma se vê que dialeticamente não se pode separar a finalidade intrínseca da extrínseca, pelo menos no que se refere aos conjuntos tensionais.

Como não podemos no conceito de ordem deixar de distinguir:

- a) a relação entre as partes;
- b) a relação das partes com o todo; não podemos, conseqüentemente, deixar de considerar também
- c) a finalidade, pois toda ordem tem uma finalidade (intrínseca e extrínseca).

A lei da integração tensional encontramos-la manifesta nos diversos planos (esferas), como passaremos em breve a mostrar.

A razão da lei está na lei do Bem MEMP.

As tensões que se formam obedecem sempre aos princípios:

- a) do menor esforço;
- b) do maior proveito (finalidade universal de todo existir: Bem)

Estabelecer os aritmoi optima dessas combinações cabe a cada ciência, segundo o seu objeto. Entretanto tentaremos, desde já, esboçar algumas observações já comprovadas pelas respectivas ciências.

137c

Lei das integração das tensões

Toda tensão é um arithmós (tonos ou plethos ou nomos).

Como número, portanto, é componente de um numeroso. Nele coincidem: nomos (número como ordem), plethos (número como conjunto) tonos (número como coerência). As partes que formam uma tensão não são apenas quantitativas, como número aritmético (posotes), mas como um universo de diversos arithmoi que nela se integram. Para que os elementos componentes se estruturam numa tensão estão implicadas as seguintes condições imprescindíveis:

- a) a pluralidade de tensões componentes;
- b) pluralidade de números (*arithmoi*) desses elementos componentes; como função, relação, etc.:
- c) que os componentes tenham já em si a possibilidade de se estruturarem com outros numa unidade coerente; desta forma, cada componente, que traz consigo um número indeterminado (n) de possibilidades, ao pôr-se em presença atual de outras tensões, que se adequam afinadamente, estruturam-se num todo; este todo (unidade tensional) é também um *plethos*, pois forma um conjunto, o qual revela a possibilidade que estava inerente aos elementos componentes; estes, por sua vez, tinham em si como potência o de poder-se integrar com outros; como tal potência não é um puro nada, as potências inerentes às tensões são um modo de ser potencial, que passam quando da atualização da tensão; portanto, o *tonos* e o *plethos* eram já nos elementos antes da formação da tensão, como formas

menores, no sentido dos eidolai platônicos (ídolo, diminutivo de *eidos*, formazinhas); esses são os fatores emergentes das tensões;

137d

- d) imprescindível ainda a presença de coordenadas que favoreçam a estruturação da tensão (fatores predisponentes), cuja variabilidade dependerá das diversas ordens a que pertencerem;
- e) toda tensão afirma a afinidade entre os elementos componentes, pois se tal não se desse também não se formaria a tensão; essas afinidades são mais próximas ou remotas, tendo as primeiras o papel de marcar evidentemente a preferência;
- f) ao formar-se a tensão, esta, como um todo, atualiza qualidades em potência nas partes componentes que a nova estrutura permite atualizar; convém aqui esclarecer: 1) qualidades da unidade atualizadas que estavam em potência nas partes componentes, o que permite dar ao todo um aspecto qualitativo atual diferente do das partes; 2) atualização de qualidades novas nas partes que passam do estado de potência para o atual por ação recíproca das outras partes (reciprocidade); 3) virtualização de qualidades das partes, que passam ao estado de potência pela mesma ação da reciprocidade, já estudada na dialética. Nota: essas constantes passagens da atualidade para a virtualidade nos mostram a alteridade das tensões nas contradições internas;
- g) toda tensão formada é um esquema com suas possibilidades e revela um todo qualitativamente diferente das partes; essas possibilidades se atualizarão segundo o processo interno da tensão (emergência) em função dos fatores predisponentes, externos; a plena atualização do conjunto das possibilidades tensionais e a constante virtualizações de possibilidades que depois de passarem pelo ato, tornam a ser possibilidades já ultrapassadas, levam a tensão ao seu esgotamento, deperecimento e final desintegração, segundo tempos diferentes conforme às esferas a que pertençam.

...

138

Síntese do tomismo

Ens est transcendens.

Deus solus est actus purus.

Absoluta specificatur a se: relativa ab alio (Reginaldo).

...

139

As tensões como esquemas

As tensões, segundo os planos, formam esquemas.

Assim temos:

- a) esquemas físico-químicos e nas ciências afins;
- b) esquemas biológicos e nas ciências afins;
- c) esquemas psicológicos (psíquicos) e ciências afins;
- d) esquemas sociológicos e nas ciências afins.

Analisemos os esquemas:

...

140

Esquemas

Esquemas astrais, cósmicos.

A matéria como esquema.

A realidade dos esquemas. Demonstrar sua especificidade.

...

141

Organização e Adaptação

Nos seres vivos: as formas organizadas e atividades assimiladoras são contemporâneas e não as primeiras anteriores às segundas.

...

142

As formas e os átomos

Os átomos como “pontos-de-acontecimento”, os “aqui” no complexo tempo-espacial.

Eis a definição dos relativistas.

As formas, no sentido de Ruyer, são os conjuntos desses “aqui”.

...

143

Conexão das tensões

Quando há uma ordem (relação entre o todo e as partes e das partes entre si), as partes connexionam-se com o Todo, formando uma unidade, qualitativamente diferente das partes componentes. Temos a tensão, a qual consiste no revelar-se de um ato que é a sua unidade.

...

144

A tensão na escolástica

“Os conceitos primitivos se adquirem pelos últimos dados. A quem não vê, nem ouve, nem se alegra, não se lhe pode ensinar que é ver, ouvir, e alegrar-se. Cada um tem que experimentá-lo em si próprio. Isto significa o axioma: *potentia definiri nequit nisi per actum; actus vero nullo pacto definiri potest, sed tantum declarari*”. (Remer-Geny, Ontologia 6, 35)

“Não posso entender o significado de faculdade visiva se não o é pela visão; nem posso compreender a aptidão da razão para conhecer a verdade se não é pelo conhecimento verdadeiro. O que o ver e o conhecer são em si mesmo só podem declará-lo o mesmo ver e o mesmo conhecer. Daí se deduz a primazia absoluta do ato sobre a potência, sendo como em sua razão ontológica e lógica”. (Lorenz Fuetscher, p. 20)

...

145

Fatores das tensões

Toda tensão que se forma decorre de fatores:

- a) emergentes – imanentes aos elementos que a compõem;
- b) predisponentes – segundo as coordenadas ambientais.

A mudança das coordenadas ambientais, dos fatores predisponentes, pode resultar em mutações tensionais, como estas podem influir sobre aquelas. Há uma interatuação variável em intensidade, múltipla nos aspectos qualitativos, mas homogênea no funcionamento.

...

146

Princípios tensionais (sobre as tensões)

A lei da seletividade universal revela-se em todo acontecer cósmico.

Todo conhecimento é uma captação esquemática.

O conteúdo cognoscido é esquemático, como esquemáticos são o cognoscente e o cognosis.

Todo funcionamento do acontecer em qualquer plano é tensional e revela seus esquemas.

O esquema nos abre o caminho para a compreensão da gênese da generalização, do eidético, etc., através dos despojamentos.

Tem os esquemas graus eidéticos e fácticos. A gama, o registro, é variável.

...

147

Ordem das tensões

As tensões são ordens. E como tal, múltiplas em sua constituição. E como tal, tem coordenadas ou estão em coordenadas.

- a) têm as coordenadas internas;
- b) estão em coordenadas externas.

Essas coordenadas revelam vetores diferentes entre opostos.

Por sua vez, essas coordenadas interatuam-se mutuamente em graus de uma escalaridade ampla.

...

148

Aspectos qualitativos e quantitativos da tensão

Toda tensão (um todo) é quantitativamente a soma das partes, mas qualitativamente diferente. Assim posso dizer de uma unidade que ela é e que ela não é.

É as partes, mas não é só as partes, portanto é o que não é as partes também.

Dessa forma, a dificuldade do espírito em aceitar um ser e um não-ser simultâneos fica descartada porque as contrariedades permanecem em planos diferentes dentro da mesma unidade, ambos com positividade.

As tensões podem ser estudadas sob os aspectos seguintes:

- | | | | | |
|----------------|---|-------------------|---|------------------|
| 1) Intensidade | { | 3) Potência e ato | { | 5) Todo parciais |
| 2) Extensidade | | 4) Potência e ato | | 6) Todo parciais |
| | | 6) como processo | | 7) alteridade |
| | | | } | 8) pulsativo |
- 9) Contradição ou antagonismo exterior
- 10) Transfiguração iterativa

...

149a

Coordenadas internas da tensão

- Numa tensão há:
- | | |
|----------------|--------------------------------|
| a) o Todo | |
| b) a coerência | a forma |
| c) a parte | aritmós essencial - ontológico |
| d) a ordem | existencial – ôntico |
| | esquemas correspondentes |

A relação entre as partes e o todo e as partes entre si qualificam a ordem e o seu grau é a coerência (*cum haerens*).

Há mútua influência dos quatro aspectos:

O Todo influi sobre as partes enquanto todo, providência sobre as partes, marcando-lhe, graças à ordem e a coerência, uma finalidade, que nada mais é que o domínio ou o grau de domínio do todo sobre as partes que as leva a servi-lo, no interesse do todo. As partes, por sua vez, no todo atualizam qualidades que formam o global qualitativo do todo. Dessa forma, o todo sofre influência das partes, cuja atuação pode fortalece-lo ou enfraquece-lo.

149b

As partes ao influírem no todo e ao serem por este influído mudam de aspectos. São partes que constituem um todo, mas que passam a ser constitutivas do todo. Assim, a parte como constitutiva distingue-se da parte como constituída, bem como a tensão, como constituída, distingue-se da tensão como constitutivo de partes a interatuação interna das partes e do todo, nos revela essas distinções, essas contradições. Por outro lado, as partes enquanto partes isoladas, são distintas das partes na sua interatuação, pois as partes ao interatuarem-se uma nas outras criam o todo, o qual por sua vez modifica a interatuação das partes entre si e desse para com o todo. Por sua vez, outrossim, o todo é elemento

componente de outra constelação e o ciclo das interatuações prossegue, tendo eles, consequentemente, influência embora menor sobre as partes componentes dos elementos componentes das tensões maiores.

Há assim uma interatuação, embora a nós imperceptível, de tudo sobre tudo, que é um dos invariantes funcionais do existir.

Os graus dessa interatuação é que nos revelam um dos variantes.

...

150

Invariantes nas tensões

Nas tensões podemos estabelecer as invariantes:

invariantes	{	funcional
		estrutural

...

151

Quantidade e qualidade nas tensões

Numa tensão, as modificações quantitativas, mudam-se qualitativamente.

Essas modificações quantitativas podem ser:

- a) pelo aumento ou diminuição do número dos elementos tensionais componentes;
- b) pela forma da disposição dos elementos quantitativos.

...

152

A formação das tensões

As tensões se formam obedecendo às seguintes invariâncias:

- a) à afinidade dos elementos componentes;
- b) aos interesses das partes componentes (nesse interesse há toda a escala cromática de variância).
- c) às pressões ambientais, de contorno, que favorecem a emergência de afinidades remotas, desaparecendo, desintegrando-se as tensões ao desaparecerem tais coordenadas ambientais.

Fatores { Em.
 { Pred.

Dependência: O grau de coerência e suas condições.

Definir claramente: esquema – Tensão (coerência e coesão)

Unidade e entitas

As espécies de unidade segundo Duns Scot.

...

153

Teoria das tensões

A tensão, em seu processo acional, aceita a incorporação de novos elementos que a levem a melhor

Processo tensional { Accional – atividade exteriorizante
 { Ou in se – atividade interna

A primeira estende-se na exteriorização; a segunda é imanente.

Podemos entrar exemplos no aperfeiçoamento (melhoramento, melhor coordenação) de um esquema de trabalho.

Atingido o ponto máximo do desenvolvimento, estabelecida a sua maior coerência, tende a conservar-se o esquema, devido ao equilíbrio atingido.

Novos elementos incorporados levam à desagregação que segue um ritmo direcionalmente inverso ao primeiro, até a desintegração total, com a presença de maior ou menor alternância de fluxos e refluxos.

O mesmo se vê nas culturas. As pseudomórfoses tendem a provocar a ruptura e desintegração de constelações de esquemas e predispor a formação e coordenação de novos, com as respectivas assimilações, etc.

Daí ser fácil compreender-se o papel dissolvente de certas idéias novas para um grupo social tensionalmente estruturado com certa rigidez (coerência).

...

154

Tensão e concreção

Todas as tensões fazem parte de coordenadas de uma realidade, com a qual crescem (*cum...crescior*), concretizam-se. Dessa forma, esse fato tomado como ensidade (*in se*), sem ser considerado em sua concreção é toma-lo abstratamente.

A concreção que cerca a tensão é outra (*alter*) que a tensão, e completa-a através das correlações, interatuação, etc., forma tensões globais, transeuntes, perduráveis em grau maior ou menor, e diz algo que não é a tensão tomada separadamente (diz... contra, contradiz), mas que sem ela a tensão também seria impossível, o que a afirma, negando-a, como a tensão, afirma a concreção ambiente, negando-a

Por isso uma visão global de uma tensão não pode prescindir do que a nega e a afirma, isto é, deve ser considerado no que não é ela, mas que, com ela, a inclui num campo mais vasto, explica-se, compreende-a (*cum... prehedere*) e fá-la participar (ser parte) de um todo maior.

Por isso a parte, tomada separadamente é idêntica a si mesma em sua tensão, mas é diferente de si mesma pela sua participação num todo que concreciona (cresce com...).

A tensão está privada da sua concreção que não forma a sua ensidade. Mas é (e é aqui significa existir, afirmação de posicionalidade) porque há o que não é ela (a concreção ambiente) sem a qual não existiria, e não se afirmaria. Por isso, para se ter da tensão uma visão global temos que afirmar que ela é o que é em *ensidade* e o que não é ela, mas que lhe dá o ser, sendo, assim o que é e o que não é (o que é como *ensidade* e o que não é que a faz por oposição e também negação, pois do ambiente está privada em sua *ensidade*, mas cuja oposição antagonista ou cooperante é imprescindível para que seja).

...

155

Princípio de interpenetração dos elementos tensionais

As tensões que constituem os elementos componentes de uma tensão maior, podem e fazem parte de outras tensões.

...

156

Topicidade das tensões

As tensões podem e devem ser consideradas como formando e fazendo parte de:

a) unidades

- b) totalidades
- c) séries
- d) sistemas
- e) microcosmos (unidades universais).

Por sua vez o microcosmos pode ser considerado como formando e fazendo parte do mesmo ciclo anterior e passaria, assim, para a categoria da unidade de outra constelação tensional.

...

157

A tensão no plano da totalidade

Assim temos: as tensões formam totalidades, que por sua vez podem ser: 1) de simplicidade quando tensões homogêneas, um nervo do coração, por exemplo, composto de células homogêneas; 2) de complexidade, quando se organizam com outros, heterogêneos, na formação de uma tensão de totalidade.

Em ambos os casos temos a presença da heterogeneidade e da homogeneidade, sendo predominante a segunda sobre a primeira, no caso 1, e o inverso no caso 2.

...

158

As tensões nos planos da série, do sistema e do microcosmos

As tensões que se coordenam num plano de totalidade, podem coordenar-se com outras totalidades num plano de

série	{	de simplicidade
		de complexidade

Valem para aqui as mesmas observações feitas no tópico anterior.

As tensões que no plano da série formam por sua vez sistemas e microcosmos obedecem às mesmas regras.

...

159

Os planos tensionais

Os microcosmos tensionais coordenam-se com outros na formação de totalidades: constelações tensionais.

De séries: conjuntos de constelações tensionais;

De sistemas: conjunturas tensionais;

De cosmos tensionais.

Esses cosmos tensionais formam os planos que podem ser examinados:

- a) onticamente
- b) ontologicamente

Esses planos são:

- 1) plano físico-químico
- 2) plano biológico;
- 3) plano psicológico
- 4) plano sociológico (e cultural) também, que concreciona, por sua vez, os anteriores através do conhecimento, do saber.

Deixamos para final o estudo dos planos do Possest.

...

160

Homogeneidade heterogeneidade das tensões

As constelações, conjuntos, conjunturas e cosmos tensionais revelam ,por sua vez, homogeneidade-heterogeneidade e, conseqüentemente, podem ser estudadas:

- a) extensivamente – como homogeneidades
- b) intensivamente – como heterogeneidades

E conhecidas ainda:

- | | | |
|--------------------|---|--|
| a) estaticamente | } | d) concretamente (síntese final) totalizadora. |
| b) cinematicamente | | |
| c) dinamicamente | | |

...

161

Os campos interacionais

A atividade das constelações, conjuntos, conjunturas e cosmos tensionais, bem como os planos podem ser examinados campicamente, isto é, formando

Campos análogos aos campos e sua concepção oferecida pela física moderna.

Portanto há:

- a) interatuação dos planos e estruturas tensionais
- b) interpenetração delas (tempo espaciais)

...

162

Elementos tensionais

O elementos tensional pode ser:

- a) prescindível
- b) imprescindível
- c) conveniente
- d) inconveniente

São imprescindíveis aqueles, cuja presença mantém a coesão da tensão. A significação pode ser qualitativa ou quantitativa.

Assim numa tensão social um indivíduo pode ter uma significação maior que um número de outros e a sua presença pode ser imprescindível para a manutenção de coerência tensional.

Exemplo nas famílias e até em certas comunidades maiores. Os elementos prescindíveis são aqueles cujo afastamento não perturba a coerência da tensão.

São convenientes aqueles elementos que favorecem a tensão e inconveniente os que põem em risco a tensão, perturbando sua coerência ou ameaçando-a até de desintegração.

...

163

Modificações das tensões

Numa tensão, os elementos componentes podem sofrer modificações individuais; sem perturbarem a coerência do todo.

Em alguns casos, as modificações individuais podem levar a fortalecer essa coerência, quando as atitudes possam trazer prejuízos à coerência.

Em outros, o indivíduo que contrasta de tal maneira a por em risco a coerência pode ser levado a expulsão.

...

164

Elementos estranhos a tensão

Dentro de uma tensão organizada, um elementos estranho que ameace a coerência da tensão, e nela penetre ou

- a) é expulso; ou
- b) exclui-se por sua atividade própria; ou
- c) é neutralizado

...

165

Exclusão de elementos tensionais

A exclusão de um elemento de uma tensão pode dar-se:

exclusão	{	voluntária
		compulsiva... (de ação interna ou externa)

Nas tensões, onde a vontade já se manifesta, como no animal que abandona o rebanho para isolar-se, ou no ser humano que abandona uma tensão social espontaneamente, tais fatos são patentes.

Mesmo que neguemos aos animais a vontade (o que não seria aqui caso ainda de discutir), o animal que abandona o rebanho por sentir-se em oposição tal com a tensão que a sua presença nela, se torna desagradável a si mesmo a ponto de encontrar-se num ponto de equilíbrio, entre a força de coesão que o liga à tensão e o ímpeto de dela se afastar, não podemos deixar de reconhecer que há aí uma escolha, e que nessa escolha houve um ponderar, embora sem consciência semelhante à dos homens que ponderam.

É comum negar-se aos animais, em suas funções psíquicas algo que tenha analogia às nossas funções. Mas se compreendermos que as funções psíquicas animais, do ponto de vista fisiológico são análogas às nossas, teremos de admitir que também os animais tem analogia espiritual conosco, embora todos estejam crentes que nunca nos identificamos com eles, apesar das experiências e das observações de Weinert, Koelher, Paul Guillaume, e muitos outros.

...

166

Integração e desintegração da tensão

A tensão, enquanto tal, embora qualitativamente diferente dos elementos componentes, não nulifica a eficácia deles, que permanecendo virtualizados tem a possibilidade de atualizarem-se em estados regressivos ou progressivos, dependendo de coordenadas que possam modificar o estado da tensão a ponto de desintegrá-la, ou de integrá-la, não mais como uma estrutura, mas apenas seus elementos componentes, em uma nova tensão.

...

167

Lei da destruição da tensão

Opostamente à ação conservadora da tensão, por ser ela múltipla na sua constituição, e nela atuarem vetores opostos, tende a desintegrar-se.

A perduração de uma tensão pode ser explicada: a) pela cooperação das coordenadas ambientais que mantém sua coerência; b) pela pressão das coordenadas ambientais que a formam.

Nos casos b, a coerência das tensões distingue-se dos casos a por:

- 1) no caso a, a coerência surge de coordenação interna (harmonização dos elementos componentes), sem que a pressão ou cooperação ou subordinação às coordenadas exteriores formadas pelos conjuntos e conjunturas tensionais diversas criem embaraços ou não a sua manutenção.
- 2) No caso b a tensão pode ser também o produto dos fatores predisponentes dessas coordenadas que pressionam e criam ambiente para produzi-la, como em certas composições químicas obtidas com a construção artificial de ambientes favoráveis ou por meio de pressões.

...

168

Possibilidade e desintegração da tensão

Ao formar-se uma tensão, ela já tem uma eficácia potencial. Suas possibilidades são já limitadas porque a tensão já é uma limitação.

A atualização dessas possibilidades dependerá das coordenadas internas e externas, elas são sucessivas (dão-se no tempo).

A atualização total dessas possibilidades encerra o ciclo da tensão que tende então a estacionar em seu processo tensional ou a desintegrar-se.

...

169

Lei da transfiguração e da desintegração

Quando uma tensão, por ação interna ou externa, não pode manter sua coerência tende a desintegrar-se.

As transfigurações que são mutações qualitativas dos elementos tensionais se dão quando desses momentos de desintegração:

- a) ante a ameaça da desintegração constroi-se nova ordem dos elementos componentes. Neste caso pode haver mutações qualitativas sem que haja mutações quantitativas, bastando para tal a emergência de possibilidades que os fatores predisponentes podem favorecer sua atualização.
- b) A nova ordem pode ser obtida com a inclusão ou exclusão de elementos, afim de obter uma coerência capaz de manter-se em face das coordenadas ambientais.

...

170

Lei da conservação da tensão

Toda tensão tende a conservar-se e para tanto tende a aumentar sua coesão.

...

171

Fusão dos esquemas

Os esquemas podem fundir-se na formação e integração de um novo esquema, mantendo os elementos híbridos numa nova ordem.

...

172a

Dos esquemas (formações, etc.)

Todos podem observar que a formação dos esquemas de situação como os de orientação são genuinamente ricos de lições. Quando estamos num local, para onde nos mudamos e vivemos, nosso esquema de orientação esbarra sempre com outros anteriores e nos parece insólita a direção que sul seja a que é, que muito melhor “viveríamos” como

norte. É que a situação, como a orientação, são mais esquemas vivenciais (pathicos), (em sua hibridez, há mais presença do vivido) que propriamente intelectuais. Sabemos que o sul é para lá, mas sentimo-lo para o lado inverso. A longa adaptação dos esquemas vivenciais aos intelectuais é muitas vezes demorada. E quando tornamos vivencial o intelectual, é quando o vivemos constantemente. Só aí se tornam num esquema só, por fusão esquemática, mantendo sempre a hibridez vivência-intelectualidade (esquema de fronema-noema, do afetivo com o intelectual).

172b

Esquemas fundados sobre outros, completos e incompletos

Fundado sobre esquemas tensionalmente estruturados podem formar-se:

esquemas $\left\{ \begin{array}{l} \text{completos} \\ \text{incompletos} \end{array} \right.$

Quanto aos incompletos tem eles possivelmente uma ação futura de insatisfação, devido a incompletação.

176c

Na criança, formado o esquema:

Erro.....castigo,

A cada erro corresponde um castigo.

Mas, no decorrer de sua vida, pratica uma falta, que é assimilada ao esquema erro-castigo. A não superveniência do castigo deixa este segundo esquema objetivo em contradição com o eidético anterior erro-castigo.

Esta incompletação, segundo o temperamento infantil e os aspectos caracterológicos adquiridos (isto é, segundo outros esquemas) pode atualizar uma insatisfação, uma atualização da culpa, que pode complexionar-se (complexo da psicologia).

Por outro, há algo que sofre, é assimilado ao castigo porque todo castigo deve ser desprazeroso. Temos aqui a reversão cronológica de erro-castigo, para castigo-erro. Nesse caso deve ter feito algo errado para merecer esse castigo. Há uma consciência de culpa sem objetivação do ato praticado.

Se há consciência de uma privação de culpa, assimila o castigo ao esquema de injustiça (que varia segundo as condições históricas, etc.).

A insatisfação prossegue, acentua-se até. Outro exemplo: toda palavra corresponde a um conceito. Simplificadamente temos o esquema:

Conceito-palavra.

172d

Consequentemente, toda vez que o ser humano conceitua algo, ou dá uma consistência a algo que se estrutura como um todo tensional, assimila ao esquema:

O que se diferencia – classifica-se.

Se o diferenciado, a estrutura captada, a tensão observada, não encontra assimilação em nenhum dos esquemas abstratos de classificação racional, forma um conceito próprio a ser classificado.

Nesse caso, conceituado implica termo. Busca-se um termo,. Há exigência de um termo, por isso não tendemos a nomear com termos verbais (palavras) tudo quanto conceituamos. “Como se chama isso? ... Como chamarei isso? “ expressam essa implicância dos esquemas.

Temos aqui mais um aspecto da implicância esquemática.

...

173

Atualizações e virtualizações na tensão

Processa-se a tensão através de atualizações e de virtualizações.

A ação desintegradora imanente nasce dessas virtualizações também.

Os exemplos afetivos do amor e do ódio. Onde maiores laços, maior repulsa.

A lei da compensação psicológica em Nietzsche e Jung.

...

174

Princípio dialético de finalidade nas tensões

A finalidade, já vimos, é a direção do todo sobre as partes.

A finalidade é patente no biológico, no psicológico e no social, e ela é uma revelação da coerência.

Nas constelações tensionais, há essa busca da finalidade do elemento componente, como a da finalidade do todo, que muitas vezes se chocam, se antagonizam e explicam a mutabilidade e o processo tensional.

175

Os elementos da tensão

Todo numeroso de uma tensão, enquanto esta ainda não se formou, contem-na parcialmente em potência.

Quando o numeroso encontra o seu número, unem-se em coesão, formando a coerência da tensão, e atualizam o que antes estava em potência.

A tensão, em seu estado tensional, é ato; e enquanto ato não atualiza tudo quanto pode ser, mas segundo as coordenadas da emergência e da predisponência (meio ambiente, contorno, etc.), isto é, segundo a sua história.

Analogicamente é o mesmo que se dá com o espírito humano. Sua tensão atualizará o que para tal tiver eficacidade, que se efficientizará segundo as coordenadas que atuarão, por sua vez, como fatores.

...

176

Conservação da tensão – exemplos

É comum dizer-se que o meio ambiente é o inimigo do indivíduo.

O colóide tem o caráter social (o numeroso) e o poder de persistir em seu ser, defender sua integridade, sua dependência-independência tensional contra tudo o que lhes possa atingir. Nem tudo é anti no indivíduo, nem tudo é inimigo no meio. Uma pequena massa líquida se separa, se isola do meio ambiente contíguo. Ela se cobre de uma leve camada eletrizada análoga à que se forma entre líquido e gás, e entre líquido e sólido, que trazem cargas contrárias como se fossem membranas.

...

177

Coordenação dos esquemas

A coordenação dos esquemas de assimilação favorecem o progresso da acomodação, e reciprocamente.

...

178

O processo de acomodação-assimilação nas tensões

Nas tensões biológicas, psicológicas e sociológicas há adaptação por assimilação-acomodação dos esquemas correspondentes e no plano de sua atividade.

No campo físico-químico apenas inorgânico a adaptação se realiza por equilíbrio. Os esquemas se adaptam analogicamente aos dos outros planos, por assimilação-acomodação, que se manifesta através do equilíbrio intensivo-extensivo.

As assimilações se processam por incorporação e por fusão ao comporem-se em novos corpos qualitativamente diferentes.

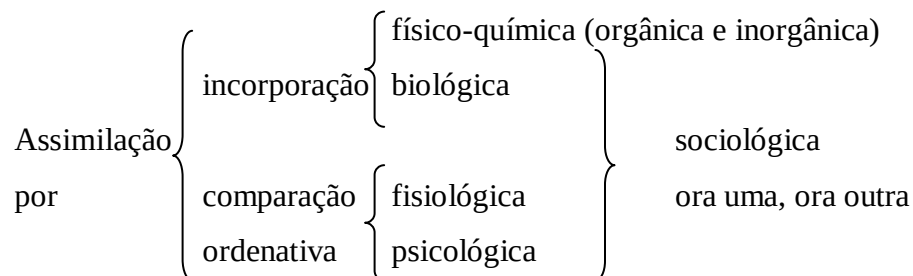
A assimilação pura e simples pela incorporação do homólogo, transformando-se em homogeneização, observa-se apenas no campo do orgânico. Entretanto, merece tal aspecto outras observações que mostram uma analogia de proporcionalidade mais completa.

...

179

A assimilação biológica

A assimilação é a incorporação de uma realidade exterior qualquer a uma ou a outra parte do ciclo da organização.



...

180

As lógicas da tensão

A tensão considerada como unidade, exige o ou... ou..., como alteridade e como processo o mais ou menos... e enquanto aos fatores de seu produzir-se como e... e...

...

181

As possibilidades tensionais ante o Todo

Tudo quanto existe ou existirá são possíveis que se atualizaram ou se atualizarão. Se se atualizaram ou se atualizarem eram ou são possibilidades reais. Como tais eram e são reais. Como não tinham a exemplaridade atual, mas apenas as potenciais, preexistiam (mas

eram, de ser), como eidos cósmicos e não com fatos cósmicos, no tempo e no espaço, aqui e agora.

Desta forma, tudo quanto é ou será em ato, foi e é em potência,; modo de ser ideal-real (eidético) nem sempre realizado facticamente (para nós).

Tudo preexistiu em idéia, em eidos (não na nossa mente, está claro), mas na mente (de *mentar*, de *mens*, *mentis*, de *manere*, *manar*, que mana, cria, gera) de um ser (*Possest*) que as compreendia (*cum-prehender*, tomava-as com, tinha-se).

O Todo menta (mana, gera, cria) todas as possibilidades e se algumas se atualizam e outra não, é porque escolhe, prefere, seleciona (de *les*, escolher, *inter*, entre, intel-lectual, intelecto) por intelecção.

O Todo, enquanto tal atividade, é logos (de *lec*, *loc*, *loq...* daí *loquare*, *e-loquens*, eloqüente e *legere*, ler, e-leger, e-loc, elogio) inteligência universal, saber universal

...

182

Dessa forma todas as tensões enquanto tal, são atos, porque se atualizavam, mas as possibilidades de todas as tensões não negam a ordem universal. O próprio fato de se terem atualizado já comprova a sua possibilidade, e consequentemente que faziam parte da ordem universal como seres, de modalidade diferente, por serem possibilidades, mas nunca como nada.

Portanto tinham também uma distinção real e como não se atualizaram ainda facticamente para nós, estavam em ato no *Possest* que as mentava, manava, criava, gerava, dentro de sua própria ordem.

Vemos, assim, que as diversas posições religiosas, teológicas e até as materialistas encontram pontos de ubiquação que só as paixões humanas e o desejo de heterogeneidade do pensamento (levado naturalmente por um caminho errado, por não se o melhor) evitaram encontrassem os homens pontos sólidos de apoio, de base, de referência para prosseguir-se no estudo mais analítico e completo do que a teoria das tensões pode oferecer ainda em benefício da coordenação e da coerência do saber universal.

...

183a

Perfeição tópica e fáustica – O Todo

A perfeição tópica, de limite, perfeição como a concebiam os gregos, era um limite inalcançável. Mas tal limite estava delimitado por relações.

Seria assim a realização do tipo genérico perfeito que é a medida qualitativa de Tomás de Aquino (a perfeição do gênero ou da espécie).

Mas tal conceito de perfeição tópica não esgota nossa vivência fáustica de perfeição, já surgida na Alexandria, através de Plotino, mas vivida por nós ocidentais, de um eterno superar de todos os limites, de um eterno transitar para mais sem esgotar-se, de dar infinito sem perder-se.

Tal ímpeto, tal pathos da perfeição não nos permite nunca que nos satisfaçamos em qualquer perfeição genérica ou específica, sempre por nós considerada como meras aproximações nossas que nos podem dar a ilusão do perfeito, sem que alcance a perfeição.

Em suma, nossa vivência de perfeição não é tópica e portanto inalcançável existencialmente. A perfeição é ideal, anelada por nós, mas só admissível no Todo enquanto todo que, por ser Tudo não pode ser mais nem menos do que é e, portanto, é a perfeição, enquanto o existir é sempre imperfeito, porque só o existente pode ser mais e pode ser menos.

O Ser-Tudo é o limite-ilimitado do ser, a finitude-infinita; é o limite de um processo (um produzir-se), mas o infinito desde então, porque sendo tudo, é já tudo quanto pode ser.

O Todo é um universo de tensões analógicas, que pelo homogêneo que as dá coerência, formam uma coerência, uma tensão. O existir, como fases, períodos de processo tensional das tensões unitárias, das totalidades, séries, sistemas e universalidades, que já estudamos na pentadialética, formam os distintos reais do Todo.

183b

Dessa forma, o Todo, enquanto todo, é uma tensão qualitativamente diferente, e por não ser em outro, é irreduzível às partes, diferente absoluto, irreduzível, o que nega o panteísmo e o supera.

Como tensão total ilimitada e indeterminada é o poder supremo e vigilante, eterno e infinitamente criador do processo tensional dos sistemas, séries, totalidades e unidades que o compõem, cujas combinações são infinitas em número e potência. Como se compõe de tudo, é sempre, é homogeneamente o mesmo, um, e diversos heterogêneos na parte, é infinito como poder criador.

Toda tensão é uma possibilidade já contida na parte que a comporá. A tensão total está contida já na parte. Esta já a realiza enquanto parte porque é parte de um todo ou o será.

Como tensão total do Todo (Possest) é a perfeição máxima, a perfeição final, toda a parte viva, já está contido nela, nessa ordem universal, é ela em parte, quer faça parte de outras tensões parciais. Prende-se assim ao Possest; ao Tudo que é um Todo, que o vive numa plenitude de ligação, de fusão. Mas, por ser parte, tem nostalgia desse ato do de que vive. Esse pathos do existir revela-se através da ordem universal que coordena a todos os entes. No homem a consciência dessa nostalgia se torna carne, como diria Nietzsche. Por isso, como consciência, descobre o homem a sua solidão, e o pathos da nostalgia do infinito, nele se torna consciência, e segundo o grau dessa consciência deseja ele esse ultrapassar-se que não pode cingir-se a uma mera superação aqui e agora, mas como um ultrapassar de si mesmo e até de sua consciência como limite e oposição, numa fusão cósmica com o Todo, que se revela em todas as místicas estéticas e em todas as estéticas místicas. Mas é também do desespero humano, não crer em nada disso. Ridicularizar até o que não é possível destruir. Em toda o ato de não crer no significado superior do existir que aponta, como símbolo eloqüente, o que o supera, o limite que é, por sua vez, dialeticamente, o símbolo do ilimitado, os leva a ficar na redutibilidade do existir enquanto parte, negando assim por uma exclusão ingênua a própria dialética que defendem.

...

184

A contradição na dialética das tensões

Considerar a contradição

contradição	{	formal (essencial)
		existencial

Formalmente toda cultura é ou não é. Mas existencialmente tem, está, ou nela há.

Formalmente a tensão é homogênea.

Existencialmente é heterogênea.

...

185

O Todo como máximo e como minimum

Tudo quanto existe (extensionalmente) é incompleto e imperfeito, por isso pode ser mais. O Todo, enquanto todo, não pode ser mais, porque então poderia ser o que ainda não é, havendo, assim, criação do nada absoluto, porque se não é absoluto, seria algo, portanto ser, e já estaria contido no Todo

Nem pode ser menos, pois se tornaria nada, transformaria o ser, como eficacidade, em nada, o que negaria a eficacidade do ser, que, neste caso, já seria nada e não ser. Portanto também não pode ser menos.

...

186

Coincidência no ser – monopluralismo

Na realidade física, ato e potência são análogos, mas quanto à eficacidade eles se confundem no Ser, que é *coincidentia oppositorum*, onde metafisicamente distintos formam uma só unidade ontológica. Ato e potência são distintos do Ser, por isso modos.

Toda natureza afirma a dialética do Ser, metafisicamente unidade, ontologicamente um (monos), quanto à essência de sua eficacidade de ser, mas plural, no existir, no resistir dos vetores. Portanto: monopluralismo, uma solução dialética do Ser e do Existente, do *essente* e do existente.

A concepção hylomorphica de Aristóteles nos mostra, no campo do existir, essa repetição monopluralista, no encontro da multiplicidade e a unidade nos seres individuais que são um pela forma idêntica em todos da mesma ordem ou série, mas múltiplas pela matéria que os individualiza e os diversifica, pois para Aristóteles os seres são constituídos de matéria e forma (hylê e morphê).

...

187

O possest como tensão

O Possest, como tensão, é qualitativamente diferente das partes componentes (tensões, conjunturas, etc.). Mas é duplamente diferente: a) diferentemente como tensão que oferece qualidades diferentes das partes componentes; b) mas superiormente diferente, absolutamente diferente, porque se todas as tensões componentes estão subordinadas a uma

tensão maior, o Possest, como tensão final não se subordina nem se limita ante nenhuma tensão, por isso é infinito.

...

188

Ser e Estar: Ter e Haver

Todo afirmar é um negar; tudo o que é afirma o que não é. Nem tudo o que se há se tem, como nem tudo o que se está se tem. O tético (posicional) se tem; o atético se há. Essa a razão que se confunde o nada com o atético.

Impõe-se aqui um estudo sobre esta riqueza de nossa língua que é a que nos oferece as duplas de

Ser e estar e de Ter e haver

Que passamos a examinar para esclarecimento do que acima enunciamos

...

189

Implicância do conceito de nada com o de estar

Toda tensão aponta a sua perecibilidade que é atética, possibilidade negativa da tensão. Esse atético, enquanto atético, é nada, desde que o consideremos onticamente. Mas permite uma afirmabilidade sem ter positividade.

O nada aqui atensional, e enquanto à tensão é um pre-ente, porque ainda não se dá, porque não determinou-se em ato, embora possa ser captado como possibilidade por um ser correspondentemente inteligente, a ele, naturalmente, como o é o homem.

O ente é já determinado, é a sistência já determinada, portanto é negação do nada (negação da negação), mas afirma também o nada porque aponta a sua indeterminabilidade como consequência da perecibilidade.

Assim, há em todo o existir a presença-ausência do nada (dialeticamente devemos nos acostumar, desde já, a trabalhar com conceitos bipolares dialéticos), porque cada instante do devir é um passo para o fim. Por isso todo instante do devir é um símbolo do nada, e é só aí que podemos compreender a contemporaneidade de ser e de não-ser que todo ente aponta. O nada é a constante presença da negatividade da tensão que passa de um estar para outro estar, sem deixar de ser. (Temos aqui, de forma patente, a dialética de ser e estar). O conceito de ser, ontologicamente considerado, não necessita do conceito de nada

para afirmar-se; mas o de estar já o implica porque no conceito de estar temos a presença da mutabilidade revelada pelo devir e pela intuição. O conceito de nada implica por oposição o de ser, mas ser como estar e como ser, isto é, ontica e ontologicamente considerados.

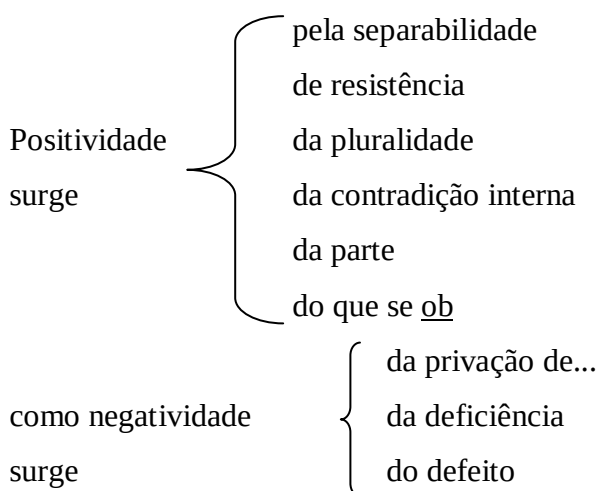
...

190

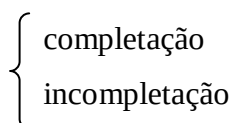
O Possest e o Mal

Como já esboçamos, o mal, pode ser considerado como: a) positividade; b) negatividade; c) positividade-negatividade (mal dialeticamente considerado).

O mal surge como predominância da:



Com a presença atual da positividade e da captação da negatividade temos o mal por:



Um exame dialético nos mostra que em tudo há positividade-opositividade e negatividade. Em toda parte há o se põe, o que se ob-põe e ausência de...

Temos, assim, a coincidência dos valores Bem e Mal.

No Possest não há privação de nem oposição, por isso não há, nele, o Mal.

Mas o mal é da natureza do Possest, mas um distinto de e nele, não sua essência que é total e absoluta. Nele coincidem os distintos e opostos (*coincidentia oppositorum*). Assim podemos combinar as idéias de Schelling sobre o mal com as por nós até agora expostas.

O mal está em o Possest, mas este transcende o mal, porque transcende a oposição e a privação da parte. A resistência, o ob, obstaculiza a plenitude da parte, e revela o mal (Schelling). O que não resiste, mas apenas persiste ou consiste não é propriamente um mal. O número, enquanto número, não é um mal. O mal está no que resiste.

...

191

A perfeição do Possest

O extremo perfeito exige o contrário, princípio de imperfeição, para Tomás de Aquino. “Manifestum est autem quod ... omne quod positive dicatur ut aliquid completum, est prius ao quod dicitur per privationem et defectum... Posito autem posteriori possitur prius”(In 2 De Coelo, lact. 4, n. 8) – O maximum na ordem do mal não é contrário do bem supremo, pois todo mal implica composição, enquanto Deus é ato puro, para Tomás de Aquino (S.T.1, q. 49, a3 ad 2). O Possest, como perfeição extrema, absoluta portanto, tem o seu contrário na imperfeição da parte, no componente quantitativo das tensões.

...

192

O Possest como liberdade

Assim, o Possest escolhe entre possibilidades, contém em si tudo em ato, porque é tudo quanto pode ser. As atualizações, no complexo tempo-espacial, nos dão do ato um sentido restrito, por isso híbridez de ato-potência, como já vimos. Nesse complexo tempo-espacial se atualizam (aquelas possibilidades) o que a ordem do Possest quer que se atualizem.

Ele escolhe. E como diz Leibniz, se não consideramos assim como haveria eleição (escolha) e liberdade? E se o Possest não for livre então é determinado por outro, porque se se determina por si mesmo é livre. Se o outro lhe é subordinado (natureza) e não é limitado, mas ilimitante.

...

193

O Possest como ato puro

Dialética final do ser (Possest), enquanto ato puro, absolutamente homogêneo, mas absolutamente heterogêneo em sua eficacidade de ser como ser e de ser como estar (modos

de ser). O Possest é infinitamente incriado na eternidade, infinitamente criador (complexo tempo-espacial ou em outros complexos cósmicos), absolutamente homogêneo em sua eficacidade e infinita e absolutamente heterogêneo em sua eficienticidade. Nele ato e potência coincidem e transcendem o dualismo existencial, porque a eficacidade de atuar funde-se na eficacidade de ser atuado.

É infinito porque não tem quem o delimite. Sua capacidade criadora ultrapassa os limites, mas realiza os limites, porque se tudo pode, nos estados em que se apresenta atualiza o seu poder parcial que afirma, por sua vez, o seu poder total, pois tudo o que está, tudo o que há (parcialmente) dá-se ao lado de tudo o que é (totalmente). A parte não nega o todo porque é parte do todo, apenas dele se distingue, mas é através dele que se afirma como parte. A parte é a afirmação do todo, como o todo é a afirmação da parte. O limite é a afirmação do ilimite, portanto distinção de si mesmo, que é por si mesmo afirmado e negado, contradição de tudo o que está, que contradiz o que está, o que há, mas afirma o que está fora de si, o que há fora de si, sempre incluído na totalidade do Possest.

O Possest, como ato puro, atualiza na eternidade a discordância entre ato e potência que são nele homogêneos, mas distintos através das atualizações e virtualizações do complexo tempo-espacial, como é possível outras atualizações e virtualizações em outros complexos cósmicos, deste, em nossa ordem, ou de outros.

...

194

Contradições no Possest

O Possest é todo poderoso, e porque tudo pode, pode os contrários, os opostos. Mas pode apenas os opostos existenciais e não os formais (essenciais). (Veja-se a distinção entre contradições formais e existenciais, a.....).

E o Possest não pode os formais, porque deixaria de ser todo poderoso e até ser. Não pode ser por exemplo o contrário absoluto do ser, o nada, pois deixaria de ser o Possest, o todo poderoso. Não-ser não é poder, é privação total de poder. Também o círculo não pode ser quadrado. Mas quadrado não é uma oposição dentro do esquema círculo. É formalmente impossível ser quadrado porque é da essência do círculo ser círculo. A figura pode ser círculo ou quadrado, mas se é quadrado deixa de ser círculo e vice-versa. Veja-se assim que a distinção que se faz entre contradição formal e contradição existencial é

importante. Não considerar essa diferença levou a estéreis discussões sobre o princípio de não-contradição, atacado por uns que desejavam destruí-lo com argumentações fundadas no existencial um princípio que era formal, que a Lógica Formal nele se funda como formal e que todos os formalistas sempre consideraram como formal. Um grande equívoco aqui levou a essas discussões absolutamente inúteis porque o caminho da Lógica Formal não impedia o da dialética e ambos podiam como podem e devem colaborar.

...

195

A tensão na biologia e na psicologia

Sempre tendemos para uma completção e gostamos do que revela uma unidade tensional. A própria vida completa, fecha, a estrutura incompleta. Todo o proceder biológico realiza a lei da coerência tensional. Todas as nossas atitudes de completção quer biológicas, quer psicológicas são apenas símbolos dessa lei universal.

...

196

Tensões na linguagem

As frases, quando completas, formam uma unidade e só o são quando tem todos os elementos para dar-lhes uma coerência.

...

197

A Tensão

Tensão	{	estrutural – formal, estática
		funcional – dinâmica, como “devir”.

...

198

Variância das tensões abertas ou fechadas

As tensões são abertas ou fechadas segundo também os planos em que atuam. Dessa forma, há uma variância, segundo as coordenadas.

...

199

Atualização e virtualização nas tensões

Na tensão atualizam-se aspectos virtualizados dos elementos componentes, por isso é ela qualitativamente diferente, mas também permanecem atualizados muitos aspectos que estão atualizados nos elementos tomados separadamente e quando separados. O exemplo da água.

...

200

Tensões abertas e fechadas

As tensões podem ser:

Tensões { abertas (gradativamente)
 { fechadas { totalmente
 { parcialmente

Funcionalmente as tensões abertas são:

abertas { a) incorporantes (graus)
 { b) adaptadoras { assimilação
 { acomodação
 { c) adaptadoras (graus)
fechadas (não-incorporantes) { totalmente refratárias
 { parcialmente refratárias

...

201

Incorporação das tensões

As tensões se incorporam para formar novas tensões. Ex. das figuras geométricas. Dois triângulos inversos e sobrepostos já formam uma figura diferente.

...

202

Tensões, esquemas e forma

As tensões tem sua forma, e conservam-se como tais, enquanto conservam sua forma. Essas formas, porém, podem ser:

a) rígidas

b) condescendentes

A forma de uma figura geométrica, o triângulo, por exemplo, é rígida, pois qualquer elemento a mais ou a menos, destrói sua forma.

A forma de uma montanha é descendente. Enquanto as formas condescendentes oferecem gradatividade, as rígidas são exclusivas, qualquer modificação a destrói ou a transfigura em outra tensão.

A forma da tensão é constituída pelos numerosos elementos que a compõe e pela ordem da coerência. A forma é propriamente o esquema.

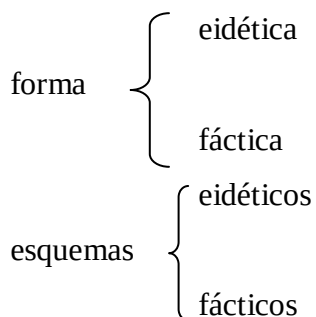
Todo esquema é a forma de uma tensão, por isso toda tensão oferece um esquema e pode ser estudada como esquema. A tensão é o todo e, por isso, inclui o esquema. Mas, daqui por diante, usaremos os termos esquema e tensão como sinônimos, devido a sua inseparabilidade, embora fazendo a distinção que ora oferecemos.

...

203

A forma das tensões

A forma pode ser considerada:



que por sua vez, nos esquemas psicológicos permitem construir o esquema sintético (fático-eidético).

...

204a

Esquemas matemáticos e Platão

Os esquemas matemáticos são rígidos.

Na geometria, por exemplo, as figuras são eideticamente perfeitas. O triângulo não é por exemplo apenas a presença de três ângulos, mas a forma que atualizam esses três

ângulos que devem ser dispostos dentro de coordenadas e coordenarem-se. Há uma atuação específica entre o Todo e as partes e estas entre si.

O triângulo não se decompõe nas linhas pois implica a ordem dessas linhas, sem a qual o triângulo não se dá. Essa ordem implica que as medianas dos lados se encontrem num só ponto. Desta forma, o triângulo e o plano do mesmo funcionam num sistema de referência. Temos o todo, as partes, a ordem e a coerência, que constituem uma forma. O triângulo é assim um esquema eidético (tensionalmente rígido) que este ou aquele triângulo fáctico atualiza simbolicamente, por aproximação, portanto. Como esquema abstrato o triângulo é perfeito. A soma dos seus ângulos, desde que aceitemos tais postulados, não pode exceder nem ser menor, absolutamente, a soma de dois ângulos retos. Num triângulo facticamente apresentado pode haver diferenças, não no triângulo ideal, indecomponível, indestrutível e perfeito. E os triângulos fácticos podem ser medidos segundo sua aproximação a essa perfeição que é excludente e não aceita aproximações senão no fáctico.

204b

Colocadas estas idéias, é fácil compreender-se como se tem falsificado o pensamento platônico, mal entendido por se ter confundido o simbólico em sua obra com o referente, o simbolizado. Platão partia dessas idéias de perfeição. Não só no que se referia à matemática como o todo. A tudo podemos eideticamente construir uma idéia perfeita. A idéia da justiça é uma idéia perfeita, pois não compreendemos como justiça senão o que é perfeitamente justo. E se chamamos uma atitude de justa é porque ela se aproxima, imita, copia a idéia da justiça. Também a própria idéia de perfeição é uma idéia perfeita, e por isso serve ela de medida de qualitativa para dizer-se se isto ou aquilo é ou não mais ou menos perfeito do que outro. Também a idéia de sabedoria é uma idéia perfeita, pois sabedoria é perfeitamente sabedoria. E quando falamos na sabedoria humana, falamos de algo que se aproxima do que eideticamente consideramos sabedoria. E quando chamamos alguém de sábio consideramo-lo como uma cópia, uma imitação da sabedoria e não a incarnação da sabedoria que é perfeita. Pois bem, a idéia do triângulo, que é perfeita, e é um esquema abstrato, de uma tensionalidade rígida, pode ser simbolizado por um triângulo real-fáctico, este, aquele, etc. Mas o triângulo é sempre possível, porque a ordem da natureza não o impede. Se desaparecessem todos os triângulos fácticos do mundo e inclusive o homem que pensa sobre triângulos, o triângulo era ainda uma possibilidade

porque a ordem universal não o impede. Então o triângulo é possível em qualquer circunstância, porque não contradiz essa ordem. Se não contradiz essa ordem está nessa ordem, essa ordem já o contém como possibilidade. E se o contém como possibilidade ela já não é um simples nada, como não o seria já sendo apenas possível. Nesse caso há um mundo de idéias e mundo da aparência, diz Platão.

204c

O mundo das idéias é esse mundo ao qual pertence o triângulo enquanto possível e que nós, homens, podemos construir através de um esquema abstrato, com a qualidade da perfeição. O mundo da aparência, é o mundo do que aparece, o mundo das coisas fácticas, reais-fáticas, do que parere ad, do que se apresenta ad nós, do que aparece. E o que aparece copia, imita as idéias perfeitas e são essas coisas que aparecem tanto mais perfeita quanto melhor imitam essas idéias. Ora, sucede ainda que o mundo do que aparece, mostra-nos Platão, é um mundo de mutações e de variedade. As coisas imitantes são diferentes umas das outras, mas a idéia perfeita não o é nunca, porque é perfeita sempre. Então o mundo das idéias é um mundo imutável, mas não um estático, parado, morto, mas vivo, porque essas idéias são vivas, são exemplares, eficazes porque atuam sobre nós e buscamos, assim, realizar no mundo da aparência a perfeição do mundo das idéias. Portanto o homem deve trilhar o caminho da perfeição se quiser atingir ao que dura, ao que se eterniza, ao que é eternamente atual, diríamos nós. E eis porque as obras dos artistas que mais se aproximam dessa perfeição atravessam os tempos, se eternizam na admiração dos homens. A má interpretação das idéias platônicas, fundada nos esquemas de topicidade dos quais não se livra o homem comum nem o intelectual medíocre levou-os naturalmente a perguntarem onde estava esse mundo das idéias. E como não podiam compreender o pensamento platônico, queriam uma topografia desse mundo para que pudessem ir lá contemplar as idéias que, naturalmente esperavam contemplá-las com olhos corpóreos, quando Platão fala em contemplação das idéias, dos eidos, como contemplação do espírito. Pois não somos capazes de dizer que isto é mais perfeito ou menos perfeito do que aquilo? E temos acaso a representação atual da perfeição disto ou daquilo? Não a temos, mas somos capazes de medir isto ou aquilo qualitativamente segundo essa idéia de perfeição que não é captável pelos olhos do corpo, mas pelos olhos do espírito.

204d

Então o mundo das idéias não está aqui nem ali nem acolá. Está na concreção do ser, mas não se localiza facticamente como este livro ou aquela pedra. Está esse mundo na ordem do mundo, que nos aparece através dos símbolos dessas idéias supremas, por isso são cópias, porque, como sabemos, todo símbolo também imita, pela semelhança que tem, em algo, com o simbolizado, o referente.

Como as coisas são imperfeitas e mais ou menos imitam as idéias supremas, os arquétipos de Platão, este mundo de aparência é em dignidade e valor, hierarquicamente inferior ao das idéias. E para que ele aumente de valor necessita aproximar-se das idéias de perfeição., Por isso marchar para a perfeição é a atividade máxima do ser humano, onde esse mundo de idéias as transformou em consciência e em exemplaridade. Vê-se assim como a exposição costumeira que se faz das idéias platônicas encerram verdadeira falsificação do seu pensamento. Poderíamos ainda, fundados nos textos de Platão, dar mostras decisivas do que afirmamos, mas esperamos para o futuro, quando publicaremos um trabalho em elaboração sobre a obra platônica, mas atualizada dentro dos esquemas da cultura grega e fugindo às traduções apresentadas dos conceitos gregos aos nossos conceitos, fundamentalmente diferentes, poder patentear então, os erros cometidos e que se perpetuam através das diversas obras de divulgação e até de verdadeiros mestres do pensamento filosófico.

...

205

Tensão e Marx

“As relações de produção de uma sociedade formam um todo; os economistas consideram as relações econômicas como outras tantas fases ou elementos autônomos que decorrem uns aos outros, que resultam um do outro. O inconveniente que há nessa maneira de considerar o assunto é que quando se aborda apenas um desses elementos, torna-se impossível explicá-lo sem recorrer a todas as demais relações da sociedade; relações todavia que, segundo a concepção daquela maneira de ver, ainda não foram engendradas”. E mais adiante “... Transmutam-se os diferentes membros da sociedade em outras tantas sociedades à parte e que vêm umas depois das outras... “,, o corpo da sociedade no qual todas as relações coexistem simultaneamente e se suportam umas às outras”. (Misère de la Philosophie, 125-126).

Marx considerava o capitalismo como um conjunto, um todo e não um aglomerado de elementos associados, como a posição associacionista tende a considerar.

...

206^a

O todo e as partes

“As impressões sensoriais reais são consequência aditiva dos estímulos dos elementos sensoriais isolados. Este processo aparece absolutamente claro e a explicação da sua realização é totalmente satisfatória para o ponto de vista científico natural. O experimento permite a desassociação artificial e a recomposição do processo natural da sensação. A analogia com os métodos científico-naturais da análise e síntese era, pois, evidente. Daí também a expressão empregada às vezes de “química psíquica” quando se tratava de impressões estruturadas por vários sentidos. Um exemplo: Alguém toma um gelado de baunilha. Que diz a química acerca da impressão gustativa percebida? Em primeiro lugar comprova a existência de um elemento da esfera do sentido da temperatura, quer dizer, uma impressão de frio.

206b

Além disso se acrescenta o elemento doce do sentido do gosto, o odor da baunilha do sentido do olfato e o elemento branco do sentido do tato. Se assim se deseja pode completar-se o todo ainda mediante a cor amarela, que proporciona o sentido da vista. Por conseguinte, segundo a psicologia antiga, estabelece-se a seguinte equação gelado de baunilha – frio – doce – odor de baunilha - -brando – amarelo.

A antiga psicologia acreditava ter resolvido seu problema com o estabelecimento dessa equação. Como em qualquer soma não organizada, a fórmula de soma para o gelado pode começar ou terminar num ou noutro sem modificá-lo essencialmente. E isto é o que a psicologia da forma quer dizer quando fala do somativo-agregativo, aditivo ou formado a pedaços ou somativo unido por uma e num sentido da antiga psicologia. Do complexo somativo gosto de gelado pode suprimir-se um elemento após outro. Ao suprimir o último se transforma em nada a totalidade da impressão no sentido do pensamento positivista. A psicologia da forma não pode satisfazer-se com o resultado ao qual conduz o ponto de vista da química psíquica; para ela o todo é mais que a soma das suas diversas partes e no sentido

de positivismo nada mais que esta soma”. (David Katz , “Psicologia de la forma”, tradução espanhola, p. 10/11).

...

207

Exemplos da totalidade

Podemos considerar os reflexos como esquemas, o que já teremos ocasião de examinar. Mas tem sido mal aproveitados pela psicologia atomista. Mas Katz, depois de citar os estudos de Goldstein que tanto criticou a reflexologia, diz que os “argumentos mais contundentes contra as idéias reflexológicas da psicologia atomista são as observações levadas a cabo em animais amputados artificialmente. A compensação das alterações da mobilidade produzida deste modo não tem lugar da maneira que poder-se-ia esperar se os movimentos acomodados do organismo animal fossem estruturados acordados ao esquema do reflexo. O animal realiza preferentemente uma mudança instantânea com o aparelho motor que lhe resta sem que reaprenda penosamente as tarefas antigas do movimento do lugar correspondente”. Mostra-nos Katz exemplos eloqüentes, como os do caranguejo ao qual amputaram uma ou mais patas e que combina os movimentos para poder continuar andando. E se cortados todos os membros, põe em movimento suas mandíbulas para facilitar o movimento, o que normalmente nunca faria. A um cão, ao qual amputaram as pernas traseiras, ele se movimenta colocando o abdômen sobre as patas dianteiras; se amputam as dianteiras, marcha como um canguru; se amputam as duas patas de um lado, move-se apoiando-se sobre as patas que ficam. Do porquinho da Índia ao qual amputaram todas as patas, procurava mover-se rodando em torno do eixo do tronco. Conclui Katz: “...dos experimentos de amputação mencionados infere-se que nada acontece num terreno de inervação motora que não tenha efeito retroativo sobre todos os outros. Em lugar do antigo ponto de vista atomista, aplicado desta vez ao sistema nervoso central, aparece neste caso o ponto de vista totalista”. E fundando-se em Magnus, nos afirma ser a medula em certo modo diferente em cada momento e reflexa deste modo a situação e posição das diferentes partes do corpo e da totalidade do mesmo. Os processos periféricos dão forma ao órgão central. O órgão central não determina o que há de ocorrer na periferia, mas a periferia determina como o órgão central há de adaptar-se.

...

208

Tensão e sua diferença da soma

Uma tensão caracteriza-se também pelo que a distingue fundamentalmente de uma soma. Numa soma, se retirarmos uma ou mais partes, as restantes não se alteram, permanecem como eram desde início: elementos componentes que continuam o que eram antes. Numa tensão, a retirada dos elementos componentes altera as dos que restam, e tal se dá conforme o grau que a tensão permite de retirabilidade. A um certo número, a tensão deixa de ser para seus elementos tomarem outras características.

Na tensão o todo sempre influi sobre a parte. Na soma, não! Assim um muro não é apenas uma soma de tijolos, cimento e areia. Na ordem que recebe e na coerência que toma, na finalidade para que foi feito, tudo isso o distingue de uma mera soma. Um muro permite que se retirem partes sem perder sua qualidade de muro até um número que o transformará e reduzirá suas partes apenas a material de construção, os quais perderiam a qualidade que tinham, quando faziam parte de muros.

Essa distinção entre soma e tensão impõe-se que a façamos para esclarecimento de outros temas da filosofia. Examinamos, pois:

...

209

Contra a concepção atomista

O defeito fundamental do associacionismo na psicologia é deixar de considerar a presença de um ímpeto necessário para organizá-lo e para permitir, por exemplo, na memorização, e precipitação desta e não daquela associação, o que revela, nesse ímpeto, a presença de um interesse de origem próxima pática e de remota origem na sensibilidade. Também as tensões que se organizam no nosso universo não o fazem por mera associação, mas impõe-se um vetor energético que se liga entre tais e não entre tais outras. Neste ponto, a Gestalttheorie também compreende a imprescindibilidade de uma necessidade ou de um interesse para que se construam as estruturas.

...

210

Auto-regulação das tensões

As tensões apresentam ainda um processo de auto-regulação dinâmico. Como um todo, funcionam em atenção as suas necessidades. Incorporada a uma tensão, as modificações que o seu processo de auto-regulação possa sofrer, não se dando desintegração da tensão é porque se coordenam com aqueles, sob a égide de uma auto-regulação tensão-conjunto (totalidade ou série). E assim também quanto aos planos do sistema e do universo.

...

211

Exemplos de auto-regulação

O desenvolvimento da autonomia nos animais até o homem. A auto-regulação dinâmica do organismo já comprovada, que procede como um todo. A auto-regulação na física, na química, etc.

...

212

Os esquemas do espaço como um todo

“William Stern qualifica a zona da boca no recém-nascido, que ao mamar estabelece o primeiro contato com o mundo exterior, de espaço primitivo tátil cinético. A partir dele se constrói o esquema do corpo conforme aos movimentos passivos e ativos que sobrevêm do corpo com seus diferentes membros. Um passo decisivo nesse desenvolvimento dá a criança quando passa a fazer uso ativo de suas mãos. Tem sentido pensar que no esquema do corpo da criança são vividas em forma relativamente isolada, junto ao espaço da boca, as mãos, como ocorre com a mão do membro fantasma de alguns amputados, em relação com o coto. O papel predominante da mão no desenvolvimento individual explica sua representação preferente no membro fantasma. A passagem mais importante próxima ao emprego das mãos o dá a criança ao conquistar o espaço quando começa a andar”. (Katz, 67/68)

...

213

O corpo como um todo

“Entende-se por esquema do corpo a imagem espacial que temos de nosso corpo, graças a todas as impressões que procedem do mesmo em estado de repouso e de atividade.

O esquema contém as diversas partes do corpo e suas recíprocas relações espaciais. A compreensão da gênese do esquema do corpo contribuíram não pouco às investigações das chamadas ilusões dos amputados”.

...

214

As tensões na psicologia, na física e na fisiologia

Köhler descreveu também modelos físicos que possam ilustrar a tendência à caracterização da forma com transformação da mesma no sentido da máxima simplicidade. “Um fio metálico não elástico sobre um plano isolado e plano, quando é atravessado por uma corrente elétrica, passa da posição inicial à forma circular. O condutor, o curso da corrente e o campo, acham-se no espaço em forma simples e simétrica”. Para ilustrar os processos que convertem uma forma instável numa equilibrada, apresenta Köhler o seguinte e simples fenômeno físico: “Se vertermos azeite num líquido com o qual não se mistura, e a densidade específica de ambos é a mesma, então modificam as forças da superfície a forma dos limites até que o azeite nade como uma esfera uniforme na outra substância; isso acontece em consequência do acidente dinâmico que tem lugar nos limites entre ambos líquidos”. É nessa tendência à regularidade e a perder as assimetrias que Köhler vê a base objetiva que também nas formas vividas manifesta tendência à uniformidade e a simetria. E para terminar Katz afirma que o conceito da forma ultrapassa, assim, o campo da psicologia, para penetrar no da física e da fisiologia.

...

215

As tensões na fisiologia

“A auto-regulação espontânea dos processos orgânicos é a solução proposta pela psicologia da forma em sua tendência unitária. A auto-distribuição dinâmica é o conceito funcional que é necessário introduzir na teoria fisiológica”.

...

216

A visão e as tensões

“O espírito diz: a vivência da terceira dimensão não é primitiva, mas sim desenvolve-se à base da experiência. Ao contrário, o nativista diz: a vivência da terceira

dimensão é primitiva e acha-se determinada desde um princípio por disposições congênicas. A psicologia da forma repele esta separação absoluta das diferentes dimensões espaciais tomada da geometria e a constitui pelo conceito dinâmico, e mais elástico, o qual considera impossível a separação estanque no que se refere às dimensões. Encontramo-nos, neste ponto, novamente com o problema da fixação ótica. O espírito admite que a fixação se desenvolve lentamente, graças a uma experiência individual; o nativista admite para ela disposições sensomotoras fixas. Segundo a psicologia da forma, o conflito que acabamos de esboçar se baseia na idéia de que o sensorial e o motor se acham ligados entre si cegamente, com a diferença de que esta junção se baseia no nativismo da disposição hereditária fixa, e, segundo o empirismo, no rendimento lentamente melhorado pela experiência e pelo exercício. O psicólogo da forma opõe-se a ambos. Os sistemas sensorial e motor não são dois sistemas separados, unidos entre si por meras vias de comunicação, mas partem de um sistema mais completo. A forma específica do acidente se regula segundo a lei de pregnância. Segundo a teoria da forma, a fixação dos olhos estabelece um melhor equilíbrio no sistema das unidades sensoriais e motoras. O rendimento em si cheio de sentido e adequado à melhor apresentação dos estímulos óticos tem lugar no estado final devido à direção do acidente sensomotor da forma”. (D. Katz, p. 56/57)

...

217

As tensões em antagonismo

Quando em antagonismo com outros, as tensões tendem a redobram sua atividade defensiva. Em tais casos pode suceder: 1) quando desafiadas pelo antagonista:

- a) aceitarem o desafio pelo aumento da coesão;
- b) aceitar o desafio e aumento de coesão com atividade de resposta;
- c) neste último caso, acrescentar-se ainda uma atividade de expansão, forçando a inclusão de novos elementos para estruturar-se em bases mais sólidas;
- d) ou incorporando-se a tensões afins para enfrentar a antagonista, com a conseqüente decorrência das possibilidades expostas em a, b, c.

3) ante o desafio do antagonista:

- a) incorporar-se ao antagonista para sobreviver como tal;
- b) destruir-se ante a impossibilidade de enfrentar a tensão antagonista;

- c) deixar-se incorporar e subordinar-se a uma tensão mais forte, outra, que lhe seja menos desfavorável que a antagonista. Em toda a atividade das tensões quando em antagonismo, patenteia-se sempre uma atividade que é sempre o símbolo e a resposta mais correta que corresponda aos interesses ou necessidades da tensão. Tais regras, não teses, variam segundo os planos das tensões, o que passaremos a expor e a considerar os aspectos heterogêneos que possam surgir, para uma síntese final, concreta

...

218

As tensões nos animais

A psicologia animal nos revela que uma captação totalista é completa, bem como seus instintos também funcionam totalistamente estruturados. Neste ponto a Gestalttheorie trouxe contribuições valiosíssimas.

...

219

Captação da tensão

Só captamos uma tensão (um esquema também) quando as suas partes já revelam a ordem de sua estrutura, do todo.

A Gestalttheorie nos tem apresentado provas através de experiências bem interessantes. Um círculo que apenas fosse mostrado menos da sua metade, surgiria como um arco para o experimentado. Uma elipse para ser notada como tal exige a apresentação de mais da sua metade (exemplo de número).

Só se alcança com a metade de uma figura o esquema (Gestalt) da figura total se a sua metade já revelar a lei do todo.

...

220

Exemplos de aumento de tensionalidade

A tensão que se forma entre os componentes de um navio, tripulação por exemplo, passageiros entre si, aumenta de coesão, à proporção que se afastam para além mar. As condições ambientais, predisponentes, favorecem essa coesão e dá maior potência unitária aos elementos componentes, atuando o todo mais vivamente sobre as partes. O mesmo se

observa numa tripulação de um submarino que, quando submerge, revela uma tensão ainda mais poderosa do que a que vemos num navio, pois as condições predisponentes sendo mais agressivas e contrárias aumenta ainda mais a força de coesão da tensão.

Os exemplos podem ser aumentados ainda em prova das teses por nós defendidas.

Um quadro de futebol, o médico e a enfermeira ante o doente. Nesses casos há tamanha coordenação que, mesmo sem uma prática muito acentuada, podem atuar com muito maior unidade. Num quadro de futebol, ante o adversário mais fraco ou mais forte, o grau de coesão sofre modificações que decorrem também da influência de diversos outros fatores. É fácil compreender-se que em tais casos há uma virtualização parcial de aspectos individuais, que se tornam latentes para permitir a atualização do que é coletivo, do que é o Todo. Numa equipe de futebol, num casal, numa tripulação tais fatos são facilmente verificáveis. É fácil agora compreender-se o grau de tensionalidade que dá tanta coesão a uma tribo, em que o coletivo é tão atualizado, como o grau de coerência tensional da cultura egípcia entre dois desertos, antagonistas, adversários, como o líbio e o árabe, e a contrastante fertilidade das terras adjacentes do Nilo. A coerência daquela cultura que levou 5 mil anos de coesão encontra em nossa concepção das tensões uma explicação clara. E ainda poderíamos citar muitos outros exemplos, em todos os planos. A inteligência do leitor é suficiente para enriquecer de outros pormenores como de outros fatos o que comprova a nossa tese. Vejam-se na história os exemplos dos judeus, dos turcos, dos mamelucos, dos drávidas, dos hunos, em algumas fases bem características dos persas, etc.

...

221

Antinomia fundamental das tensões

Os elementos de uma tensão estão, em parte:

- a) subordinadas ao Todo;
- b) coordenadas ao Todo;
- c) cooperantes com o Todo.

Bem como, em parte:

- a) autônomos do Todo;
- b) des-ordenados ao Todo;
- c) em operação dispersa ao Todo.

Essa antinomia fundamental de dois nomos:

nomos $\left\{ \begin{array}{l} 1) \text{ de integração} \\ 2) \text{ de desintegração} \end{array} \right.$

nos revelam o aspecto dialético e contraditório de toda tensão.

Analisemos:

...

222

Críticas à teoria tensional

Não se deve atribuir à teoria tensional o defeito de não ser suficientemente analítica. Desde o momento que nos colocamos ante as tensões como conjuntos componenciais, um todo-com-partes-interatuantes, não nos podem servir as críticas que se fizeram à Gestaltheorie, cujos trabalhos que coincidem com os nossos, aproveitamos, rejeitando tudo quanto não se enquadra nem no conceito histórico da teoria da assimilação de Piaget e da concepção tensional por nós exposta.

As tensões dadas sinteticamente não implicam um afastamento de análise, imprescindível para a nítida compreensão da estrutura que está contida já nas suas partes componentes. Reconhecemos o valor das velhas concepções, como a contribuição que a gestaltheorie, e outras concepções oferecem aos novos estudos, mas reconhecemos, por outro lado, as deficiências que nos revelam. Nem tudo na velha teoria da memória é falso, nem tudo quanto o associacionismo apresenta também o é. Há uma grande soma de verdade que apenas queremos separar do que há de falso que uma concepção generalizada ameaçou de englobar num todo superficial e parcial, esquecendo de procurar o que havia de mais amplo e complexo como nos oferece a teoria tensional. Podemos dar como exemplo a psicologia diferencial, cujo valor da individualidade humana está a exigir novas explicações e que dentro dos complexos tensionais por nós expostos podem encontrar um novo campo de observações e pesquisas que certamente trarão ótimos resultados no futuro. Deve-se sempre considerar o nosso princípio de que nem tudo o que é componente de uma tensão está totalmente subordinado ao Todo. Há um grau de autonomia que é sempre importante considerar e nunca esquecer.

...

223

Esquemas incompletos

Há esquemas, que já possuem parte dos elementos capazes de se constituírem definitivamente, embora não o tenham em atualidade, implicam, no entanto, em sua ordem, a possibilidade de incorporação próxima ou remota dos elementos que faltam para a sua completação. São assim esquemas incompletos, mas que já revelam um certo grau de estrutura, pois podem manter-se em estado de expectativa de uma completação.

...

224

Esquemas de insatisfação

A insatisfação é sempre o resultado de um esquema não completamente estruturado. E dá-se quando nele há a possibilidade da estruturação final, já que os elementos em vias de estruturação permitem supor essa possibilidade. A insatisfação surge em todo o ser psiquicamente constituído ou até organicamente constituído, cujos esquemas incompletos mantêm-se na expectativa de uma completação.

Recordamos mais facilmente o que desejamos fazer do que o que já levados a ato.

...

225

Esquemas de insatisfação

Quando alguém tem fome e deseja comer tal ou qual prato, pode saciar-se a fome com outros alimentos, não o desejo de tal ou qual prato que retornará sempre, mesmo durante o período de equilíbrio, quando se encontra saciado.

...

226

Completção e enclausuramento das tensões

Tendem as tensões incompletas a completarem-se com a incorporação de novos elementos ou procurando encher seus vazios, ou pela nova disposição dos seus elementos ou por redução da sua atividade estrutural. Atingido qualquer destes estados tendem sempre a enclausurar-se e manter-se, tanto quanto lhe permitam as coordenadas internas e externas. O que nos leva à lei da conservação tensional.

...

Desintegração das tensões

Com uma profunda diferença entre o homem e os animais, pode aquele romper as estruturas tensionais da percepção. É por isso que o homem diz não à natureza, pois pode desintegrar as tensões (e esquemas) naturais. Um hábito, no homem, pode ser destruído por sua vontade. Tal já não se dá no animal que para perdê-lo necessitará adquirir outros através de exigências muito complexas ambientais.

Köhler chega a considerar os instintos como possibilidade congênita para encher vazios ou para enclausurá-los, reduzindo-os então à atividade esquematizadora do todo orgânico. São tais afirmativas que levam os gestaltistas a substituírem o conceito de instinto pelo de autoregulação do organismo e da conservação de sua realização estacionária. Voltando ao pensamento de Koffka, o instinto seria no plano biológico, com as qualidades que lhe são próprias, a mesma atividade universal das tensões que tendem a completar-se, enchendo os seus vazios ou de enclausurarem-se na defensiva. Desta forma, o instinto seria essa atividade no plano da biologia.

...

Fluxos e refluxos nas tensões

O processo tensional revela-se também por fluxo e refluxos que são formas semiótica da lei universal da alternância. Os refluxos, conforme os planos, pode nos aparecer como regressões quando comparados ao estado atual da tensão.

Mas observe-se nessas regressões que elas se apresentam simbolicamente a estados anteriores, com os quais tem analogia e não identificação. Tais fatos podem ser levados à conta do princípio de irreversibilidade.

...

As tensões como reversibilidade e irreversibilidade

Todo o existir pode ser visto como: a) reversibilidade; b) irreversibilidade.

As formas, enquanto tais, os esquemas enquanto abstratamente considerados, como esquemas universais em potência que se atualizam são reversíveis por podermos memorizá-los por um lado e por outro por se atualizem em novas tensões.

Mas as tensões, enquanto tais, em sua concreção, são irreversíveis. Seus estados são sucessivos e pode repeti-los simbolicamente, nunca identicamente. O grau dessa simbolização por ser mais ou menos próximo ao referente simbolizado, sem jamais confundir-se com eles. São assim os fluxos e refluxos das tensões que são simbólicos uns aos outros. Mas cada um, tomado na sua individualidade é irrepitível e irreversível, só o sendo tomado em sua generalidade.

...

230

A técnica e o homem

A técnica surge-se e liberta-nos e escravizamos. Liberta-nos em parte da magia, porque só somos mágicos quando não dispomos de meios para resolver um problema. E escraviza-nos depois porque forma uma verdadeira esfera, do ex-corpo, do exterior para onde tendemos e nos deixamos, afinal, prender. Benditos aqueles que a olham apenas como algo que se torna, se transforma e não se deixam arrebatar pelo ex-corpo. São poucos, são raros, não importa. Têm, além disso, o valor de tudo quanto é raro. É fácil ser como os outros muitos, extraverter-se para o mundo exterior, deixar-se arrastar pelo ex-corpo. É fácil ser-se como a maioria e até muitos acham nisto um grande valor. Mas, benditos aqueles que não se deixam arrebatar pelo ex-corpo. Benditos aqueles que se deixam libertar pela técnica e que não se deixam por ela escravizar. Bendito, ainda mais, aqueles que lutam por libertar o homem da nova escravidão, dando-lhe o domínio sobre as coisas, sem que esses meios de domínio o transformem em novo escravo de senhores cruéis como os senhores antigos, inconscientes como eles, mas muito mais terríveis porque neles nem uma gota de sangue, nem uma gota de afeição os anima. O homem criou deuses demoníacos, de uma dureza metálica. É preciso libertar-se agora deles.

...

231

A tríada de Proclo

Proclo estabelecia na sua tríada: a) o espírito em si; b) a saída do espírito de si; c) o retorno do espírito a si. Os esquemas se estendem através da acomodação ao encontro da imagem do objeto, intendem através da assimilação. Temos aqui, em síntese, seis momentos: 1) os esquemas em si e o objeto; 2) acomodação dos esquemas; 3) imagem do

objeto; 4) memorização pela assimilação; 5) comparação e assimilação dos elementos diversos aos diversos esquemas acomodados; 6) síntese esquemática total.

...

232

Perduração das tensões

Quando a constelação das tensões que formam as coordenadas ambientais são favoráveis ao cooperarem com condicionalidade emergente das tensões e estas se coordenam em conjuntos em que o novo todo tensional não exige dos elementos componentes modificações profundas em suas tensões, esta nova tensão tende a duração e a perduração ilimitada. Esta só poderá ser perturbada se as coordenadas ambientais mudarem totalmente.

...

233

Exemplos de perduração das tensões

“Para o átomo cuja constituição nuclear apresenta uma real analogia com a constituição molecular de um líquido ou de um sólido compreendendo um grande número de unidades distintas, moléculas ou átomos, fisicamente equivalentes (a energia total de ligação no interior do núcleo atômico é, como já se reconheceu recentemente, sensivelmente proporcional ao número de partículas elementares pesadas, prótons e nêutrons, que encerra, da mesma forma que a energia de ligação no interior de uma gota de hidrogênio líquido, por exemplo, é sensivelmente proporcional ao número de átomos presentes) para o átomo, dizemos, a mais alta forma de sociedade é a agregação comunista, o cristal. É esta a que mais se aproxima da estrutura igualitária... Daí se compreende a tendência manifesta para as formas materiais de regularidade, de simetria, de planificação, o que se pode chamar de comunismo físico. Por ela se explica a tendência do coloide – de um grande número de coloides – a adotar ao envelhecer uma estrutura cristalina ou pseudo-cristalina e finalmente a flocular. O acordo tende assim a restabelecer-se, de uma maneira no entanto demasiadamente apressada, entre a forma social do composto, a partícula coloidal, e a de seu principal constituinte, o átomo. O primeiro não representa em relação ao segundo que um edifício mal acabado, mal sucedido, disparatado quanto ao seu materiale e por conseguinte perecível. O átomo não está em perfeito equilíbrio – assim como o

homem não está verdadeiramente à vontade – senão numa sociedade construída a sua imagem. Ele tende ao cristal...O cristal em que o acordo se encontra ao contrário desde a origem ao menos parcialmente realizado, em que o indivíduo e sociedade se harmonizam, tem para ele a duração quase a eternidade. A madrepérola, outra colônia comunista, é da mesma forma, o tipo social que melhor responde a forma histológica fracamente individualizada e pode dizer-se comunicante do celenterados”. (Boissoudy, p. 115/118)

...

234

Lei da incorporação e excorporação das tensões

As tensões tendem a incorporar os elementos que lhe são convenientes e a excorporar os que lhe causam embaraços.

...

235

A excorporação

A excorporação que se dá nos planos físicos e biológicos (neste através da desassimilação ou da rejeição, dejectação), observa-se na psicosfera através da atividade cathártica. Toda tensão procura excorporar os elementos inconvenientes. Nossa tensão psíquica total (espírito) procura excorporar tudo quanto nos cria angustia, preocupação, desassossego espiritual. Essa excorporação se dá pelas várias maneiras de catharsis já estudada na psicologia, que por sua vez pode ser criadora de novos esquemas. Em nosso livro “Convite à Estética” estudamos o desenvolvimento da catharsis e da sua combinação com a técnica e com a estética para construir os princípios da Arte.

...

236a

A atividade da tensão

A atividade da tensão pode ser dividida entre: a) atividade interior; b) atividade exterior.

Estas duas atividades formam uma contradição, por oposição. Ambas, quanto a si mesmas, são: a) integradoras; b) desintegradoras.

O que já tivemos ocasião de ver. Essas atividades, distinguidas aqui, formam um todo ativo de tensão, mas contradizem-se na unidade, por oposição, pois ambas tem

positividade, embora cooperem, inversamente, para a formação da realidade. Essas atividades apresentam graus diferentes.

A atividade exterior manifesta-se com finalidade de:

- I) Integradoras: a) conservação;
 - b)defesa da integridade
 - c)defesa da independência;
 - d)defesa da identidade
- II) Desintegradoras: a) captação de elementos estranhos;
 - b)aceitação de desafio do antagonista;
 - c)associação com elementos semelhantes ou estranhos;
 - d)ampliação que provoca transmutação.

Considerando dialeticamente, essas atividades podem equilibrar-se no sentido do chiasma pitagórico, num equilíbrio de contrários, ou de contrastes, ou de meras contradições.

Além disso, dadas as condições do contorno, a ação desintegradora pode levar a aumentar a capacidade integradora, quando, por exemplo, na aceitação do desafio do antagonista, consegue vencer o antagonista ou precipitar a atualização de potências latentes que implicariam, então, um progresso.

Tais teses aqui expostas sinteticamente, exigem agora uma análise, para que possamos formar uma concreção final.

236b

Análise

Os aspectos tensionais que ora apresentamos referem-se mais aos planos biológicos, psicológico e sociológico do que propriamente o físico-químico, muito embora neste também seja patente, sobretudo no da química orgânica e consequentemente na química biológica.

236c

O progresso não consiste apenas propriamente no que pensava Spencer, “na passagem de uma homogeneidade indefinida e incoerente a uma heterogeneidade definida e coerente” com “disposição concomitante do movimento relativo de suas partes”, levando a uma individualização indefinidamente crescente, nem tampouco na socialização ilimitada

de socialistas anti-individualistas. A natureza é uma grande mestra em suas lições maravilhosas e não preferiu nem uma nem outra e quando as realiza, logo as supera pela evidenciação das suas deficiências. A natureza “procedeu por individualizações todas as vezes que criou um tipo determinado de indivíduo partindo de indivíduos do tipo imediatamente anterior, por exemplo, o indivíduo pluricelular do tipo merida ao partir da colônia de plastides, depois pela socialização para se elevar do tipo assim criado, da merida simples à colônia de méridas (hidractinia, sinfosofores...) e de novo pela individualização para unificar esta colônia e fazer dela um indivíduo de plano superior, uma zoide. Ela chega mesmo a empregar-se a fundo num desses dois caminhos, por exemplo, e levar ao extremo a socialização e alcançar assim as verdadeiras agregações comunistas, (hidrocoralários) onde, pondo de lado o elemento histórico primitivo, não subsiste quase indivíduos de qualquer espécie. Seria então passar a medida e interdizer-se todo novo progresso. Sem insistir mais e para encontrar o caminho livre a natureza retorna atrás, volta ao antigo modo, quer dizer à eleição e ao aperfeiçoamento de um novo indivíduo. Dessa forma, para o ser vivo, o progresso foi obtido somente através de uma série de individualizações e de socializações forçadamente incompletas. Do conjunto da evolução biológica se destaca uma impressão de linha quebrada, de vai-e-vem ao mesmo tempo que progresso”. (“Le phenomene revolution, p. 113). Hegel considerava o progresso como nascido do choque, da contradição e da sucessão dos contrários. O que também nos mostra a natureza através dos exemplos mostrados por Boissoudy, o qual acrescenta estas palavras de grande vigor e de uma rigorosa observação: “O erro de Marx, que foi em certa medida a dos filósofos idealistas alemães, de Lessing e Herder, foi considerar o desenvolvimento histórico como um movimento de sentido constante quer lento e regular, quer cortado e acelerado por uma revolução, mas sempre progressivo e ascendente, sempre orientado para um mesmo fim, sujeito a uma mesma direção geral, suscetível portanto de ser previsto dialeticamente em suas modalidades próximas como em seu acabamento longínquo. A evolução é ao contrário essencialmente zigzagante: .

É no equilíbrio das forças contrárias que há o progresso criador e não em vitórias de uma sobre a outra, porque a verdadeira dialética é compreender a imprescindibilidade dos contrários. Todo o pensamento de Boissoudy, a que acabamos de expor, vem corroborar o

que temos dito até aqui e sobretudo as teses que expusemos neste capítulo, pois uma ação meramente exterior tenderia a tornar-se totalmente desintegradora da unidade tensional.

...

237

A colmeia e o formigueiro como um todo

“A constituição da abelha e da formiga não é diferente da dos outros insetos.

O corpo deles é tripartido, conforme a regra, em três regiões distintas (será simples coincidência? Suas colônias encerram também três tipos distintos de indivíduos). Apesar do desenvolvimento e a concentração de seus gânglios próprios repartidos sobre a cadeia ventral em diversas massas volumosas das quais cada uma parece gozar em relação ao cérebro de certa autonomia. Onde reside esse conjunto a personalidade? Onde está o centro do indivíduo? Como na colmeia, no formigueiro, ele está em toda parte e em nenhuma”. (Boissoudy, p. 118). .

...

238

A sociedade repetindo como tensão a tensão individual

“Tudo o que afasta a sociedade da estrutura original do homem, todo movimento anti-aristocrático por conseguinte, ultrapassando a medida – o que não quer dizer todo movimento social – dirigido contra as elites e favorecendo a preponderância política das massas, deve ser considerada para o homem como uma regressão”.

“O organismo saudável é talvez o gênero da sociedade em que os princípios socialistas ‘a cada um segundo suas necessidades’ e a ‘cada um por todos e todos por um’ tem sua mais perfeita aplicação. É contudo uma sociedade eminentemente aristocrática. Aristocracia e socialismo seguem um ao lado do outro aí. É talvez a melhor forma de democracia”. (Boissoudy, p.119)

...

239

Exemplos de tensões incompletas

Quando ao ouvirmos variações de um tema, sentimos uma satisfação imensa, quando ao final, retorna-se ao tema principal, porque sentimos como fechar-se o esquema musical que se abriu através das análises das variações. Eis o exemplo de uma tensão

incompleta durante o seu processo descritivo (através da música) que a completar-se fecha o ciclo e a insatisfação, nesse caso ainda agradável, mas insatisfação de qualquer forma, que nos deixava o esquema incompleto, ao desaparecer afinal pela completação, dá-nos o alívio de uma expectativa que finalmente encontra a solução desejada.

...

240

A forma da tensão

Um precursor da Gestaltheorie, Hohannes Muller, em 1826, já dizia: “Até no espaço totalmente escuro, quer dizer, no absoluto repouso da substância do sentido da visão, vemos as formas representadas com terrível vivacidade, sem que, contudo, se distingam graças a qualquer iluminação da obscuridade restante. Se a obscuridade já em si mesma organiza formas na substância do sentido da visão, graças à imaginação da fantasia, não deve maravilhar-nos se também à luz do dia, devido à viveza da fantasia, graças à imaginação, se estrutura em formas a delimitação mais incompleta no campo visual subjetivo. Há homens de viva fantasia aos quais bastam tão somente alguns pontos ou raios no ocaso para que sua fantasia plástica e diligente complete estes elementos que associa entre si constituindo formas visíveis. As crianças vêem facilmente nos contornos mais heterogêneos, caras, homens, etc.

...

241

Exemplos de tensão

Mostra-nos Boissoudy que as moléculas de coloide não funcionam como um conjunto fortuito, mas como verdadeiras tensões, com a capacidade de persistir em seu ser, de defender sua integridade, sua independência contra tudo o que possa atingi-las.

Ela recobre-se de uma leve crosta eletrizada análoga a que se forma entre líquido e gás ou entre líquido e sólido, de onde partem, de cada lado, cargas contrárias.

...

242

Exemplos de tensão

Revela-nos exemplos de tensão, Boissoudy, eu em todos gêneros de sociedade animais, quando atacadas forças poderosas ou obstáculos que põem em risco totalmente a

sua conservação, por ex., meio fundamentalmente hostil, tendo os indivíduos a separarem-se para lutar por si e tende a se unir precisamente quanto a existência é mais fácil. Considera Boissoudy que as razões de tais fatos decorrem de que as forças conjugadas tornam-se impotentes contra as forças destrutivas. A cooperação, princípio de toda sociedade, não lhes viria em benefício por não lhes aumentar sua força de resistência individual e a única forma de lutarem consistiria na resistência individual por isso separam-se. Revelam tais fatos que a conservação individual se antepõe muitas vezes pelo menos a conservação coletiva e que quando as condições são um pouco mais favoráveis tendem os indivíduos novamente a se reunirem. Boissoudy apresenta inúmeros exemplos, desde o campo animal até ao homem.

...

243

Exemplos de tensão

Como exemplos de uma sociedade tensionalmente coerente oferece-nos Boissoudy o exemplo de uma colônia de podocorinas. Estas formam uma espécie de cidade fortificada em que os pólipos componentes dividem entre si funções sociais, aparecendo nas bordas verdadeiros órgãos de defesa. Alguns desses pólipos se diferenciam de tal modo que ficam privados de suas bocas e seus braços são substituídos por um colar de tentáculos guarnecidos de células ortigantes. Outros cumprem o papel de defesas acessórias e colocados na superfície da colônia tomam a forma de cornetas ou de espinhos endurecidos e atrás deles que os pólipos se colocam quando se dá uma ameaça exterior. Temos aqui um nítido exemplo da situação do todo sobre as partes que as leva a tais diferenciações necessárias para defesa da coletividade. Em outros exemplos sobre as hidras se observa que as funções podem ser modificadas pela nossa ação sem que o indivíduo coletivo deixe de viver e no caso de inversão do entoderma para o exoderma o entoderma transforma-se imediatamente em exoderma cumprindo as novas funções enquanto o exoderma transforma-se em entoderma, desta maneira há um equilíbrio na totalidade como também se verifica uma identidade de funções em tecidos diferentes atualmente. Ainda como exemplo das tensões nos oferece Boissoudy os exemplos de separação do líquido do meio exterior por meio de uma camada diferenciada e carregada de energia que cumpre uma função semelhante ao exoderma. Uma gota d'água ou de azeite se cerca de uma fina membrana

elástica constantemente tensa que se opõe a toda perda de substância como também a toda penetração de elementos estranhos. A tensão superficial é uniforme e a gota toma tanto quanto possível a forma de uma esfera, a qual não atinge totalmente devido ao seu peso. Esta membrana elétrica atua como defensiva e evita o dispêndio de energias. O mesmo autor nos mostra nas constituições físicas a cooperação existente entre as moléculas na formação dos todos.

...

244

O acaso e as tensões

A famosa fórmula de Cournot sobre o acaso é a seguinte: “O que há de fundamental e de categórico na noção de acaso é a idéia de independência ou de não-solidariedade entre diversas séries de causas”. Podemos não aceitar em seus termos gerais a fórmula de Cournot, mas é preciso considerar-se o que tem de positivo quanto a teoria das tensões. As constelações tensionais podem formar entre si distinções reais-físicas de tal grau que se dê entre elas verdadeiras separações dentro das possibilidades do todo, devido às diferenças qualitativas que as especificam.

Dessa forma, há certa “independência” e certa “não-solidariedade” pela falta de um nexo de ligação entre elas, de maneira que em certas circunstâncias o coincidir de tensões de constelações de esferas tensionais diferentes nos surge como um acontecimento sem ligação, sem nexo de causas, o que toma o conceito (esquema abstrato) de acaso, embora tenha imprevisíveis conseqüências, sobre outras constelações, como a morte de Alexandre, de Cromwell, do rei Adolfo, etc.

...

245

Diferenças entre as tensões

Assim como uma tensão é qualitativamente diferente dos elementos tensionais que a compõe, os conjuntos tensionais são qualitativamente das tensões componentes, também são as tensões, segundo as esferas que pertencem, qualitativamente diferentes das tensões das outras esferas.

As diferenciações das esferas tensionais especificam as tensões correspondentes com caracteres diferenciais.

...

246

O movimento e a tensão

O movimento é a tensão no tempo, inseparável dela. Decorre do funcionamento da tensão, cujo movimento é específico. A distinção entre funcionamento e movimento é nos revelado através do tempo, cujos três conceitos: tempo, movimento, funcionamento, são distintos da tensão que os identifica em seu ser.

O movimento variará segundo a especificidade da tensão e dos conjuntos a que pertencer. Daí a diferenciação que se pode fazer no próprio tempo, o que leva pela universalização da conceituação tempo, ao tempo abstrato da filosofia.

...

247

Funcionamento das tensões

O funcionamento de uma tensão depende especificamente da própria tensão e da esfera a que pertencer. Tensões complexas, funcionamento complexo.

A tensão funciona segundo a sua especificidade e segundo a estrutura a que pertença. Dessa forma pode compreender-se que o funcionamento é simples se considerado na tensão isolada, mas complexo se considerarmos no conjunto de que faz parte.

Além disso, o funcionamento variará segundo o esquema formado da tensão. Uma tensão de funcionamento simples pode, no entanto, ser composta de tensões de funcionamento complexo (uma pedra e suas moléculas, átomos, etc.).

...

249

O salto qualitativo nas tensões

“Toda a forma”, escreve Ruyer, “e forma aqui é o que chamamos tensões é original. Os elementos de uma forma composta permanecem o que são no conjunto do qual fazem parte, mas o conjunto não tem menos propriedades novas que as que derivam imediatamente da sua natureza. Num triângulo, cada um dos três lados permanece o que seria isoladamente, contudo o triângulo tem propriedades especiais novas... Em nenhum momento, quando, com o auxílio de três retas forma-se um triângulo, não assistimos a uma síntese do gênero das que observamos na química, ou ao menos como julgamos observar.

Na síntese química, convém, observar também o todo sintetizado oferece qualidades que são diferentes, distintas pelo menos, das dos elementos componentes quando isolados”. Prossegue Ruyer: “Se cada forma é uma realidade especial, ela deve ser considerada e estudada em si mesma, tanto quando as formas elementares da qual ela é composta. Vê-se que é uma asserção ininteligível a de considerar leis da física e mecanismos complexos, deduzindo das leis da mecânica e de mecanismos mais simples. Cada forma merece um nome novo, implica leis novas”.

...

250a

Ruyer e as tensões

O pensamento de Ruyer podemos sintetizá-lo assim: Para ele a forma é a que se dá no espaço e no tempo, definida totalmente por sua estrutura e não em sentido lógico nem metafísico, como faz questão de salientar. Para ele, forma é sempre em sentido restrito, e refere-se ao conjunto de posições no espaço e no tempo.

A imagem de um martelo, de uma tenaz supõe um organismo dotado de sistema nervoso, mas a forma do martelo, da tenaz, não o supõe. Aceita, em sua filosofia de estrutura que a mecânica é a ciência fundamental, mas não chega a considerar as outras ciências como “promoções” da mecânica. Mas se apoia sobre a noção de formas e não numa concepção técnica da mecânica, evitando, assim, os preconceitos mecanicistas.

Opondo-se à concepção monadológica de Leibniz estabelece postulados inversos, pois para ele a forma basta a si mesma e não necessita da ação do espírito humano para formá-la, o que corresponde, no tocante às esferas do biofísico, também à nossa posição. Afasta-se Ruyer de uma concepção substancialista, deste velho preconceito de um “suporte” que é um dos nossos mais fundamentais esquemas psicológicos, do qual ainda trataremos. “Todas as realidades são formas, mecanismos, mas cada forma tira sua lei da existência apenas de seu próprio ser, e não apenas da maneira de ser da forma fundamental: . (Ruyer)

A inteligibilidade e a ininteligibilidade depende dos nossos esquemas. Compreendemos aquilo que podemos assimilar através de nossos esquemas e que podemos, por meio deles, ordenar. Mas a experiência, a observação, nossa atividade permite-nos formemos novos esquemas pela nova coordenação dos que já temos e dos novos que

formamos, com elementos dos anteriores, graças às novas experiências. Na “Psicogênese e Noogênese” já mostramos o processo de sua formação.

250b

Em face de idéias como as de Ruyer e de todos os observadores modernos que constróem nos diversos setores do conhecimento humano, a nova possibilidade que se oferece a uma síntese filosófica que é a da concepção tensional do universo, que expomos neste livro, vemos patentemente a influência que os velhos esquemas exercem na formação de certos preconceitos que tanto embarçam o desenvolvimento das idéias neo-filosóficas. Quando Poincaré dizia: “Tal filósofo pretende que toda a física se explica pelo choque mútuo dos átomos... Nós acreditamos compreendê-lo porque cremos saber o que é o choque em si. Por que? Simplesmente porque muitas vezes vimos partidas de bilhar...” mostrava quanto influi sobre o nosso conhecimento os esquemas que formamos. A idéia do choque é assimilável graças aos esquemas que já formamos, como os oferecidos pelas partidas de bilhar, que nos revelam o choque. Mas tal não impede, porém, que se procure compreender o que seja o choque, mas já fundado em outros esquemas. Nosso problema atual para o conhecimento é construir com os elementos esquemáticos que temos outros esquemas capazes de nos permitir uma nova visão do mundo que seja mais rica de soluções que as anteriores que nos levaram a tantas aporias e a tantas antinomia insolúveis.

E os trabalhos dispersos, já tão numerosos, exigem uma síntese que ora tentamos. Ruyer, por exemplo, ao estudar as formas complexas mecânicas salienta a formação das formas-esquemas, como ele as chama, que, por semelhança, formam as classes. Percebe que entre as formas há uma ligação que não é um mero ajuntamento, mas uma coordenação, que para ele se deve à natureza do espaço, para o qual repele o conceito ingênuo de um grande vazio.

250c

Na observação IV (p.35) a forma constitui uma unidade, um todo, um sistema, mas relativa, pois nenhuma forma é completamente isolada. Vê-se que a nossa concepção tensional é analógica à de Ruyer, pois podemos ainda acrescentar suas palavras: pode falar-se de “uma” forma, quando as ligações no interior da forma considerada, são mais numerosas e mais complexas que as ligações dessa forma com outras. “É, em suma, a coerência tensional de que temos falado, que põe o todo ante as partes e vice-versa numa

coesão muito mais rígida, como num nexó de funcionamento muito mais coordenado. Por isso podemos contar os planetas, embora ligados pela gravitação. A unidade relativa da forma é o que faz o universo um conjunto de “seres” ; é ela a raiz da individualidade (Veja-se o capítulo onde tratamos da individualidade); o elétron, átomo, molécula, célula, organismo etc. É essa unidade que dá um sentido à noção de interferência “acidental” entre dois mecanismos. Não nos separaremos mais do pensamento de Ruyer e daqui por diante, à proporção que avancemos no estudo das diversas teses que exporemos, o seu pensamento e os seus argumentos estarão presentes para corroborar os nossos.

...

251

A tensão e a biologia

Em toda tensão o todo, além de ser a coordenação das partes, subordina a estas, mantendo e marcando um vetor direção, que lhe empresta o que distinguimos por finalidade. Nas tensões da biosfera, há a presença desse vetor que, por sua vez, como atividade coordenadora, coordena segundo sua forma original elementos assimilados, reproduzindo-se nestas tensões específicas. Toda tensão viva é de uma complexidade gradativa, que permite distinções numéricas, classificáveis segundo aspectos de seus esquemas (espécies, ordens, famílias, etc., da zoologia).

Todo organismo adulto é um universo de sistemas, etc. E ao atingir a tensão plena totalizante, em seu desenvolvimento, está apto a coordenar de com os elementos assimilados o conjunto de esquemas originários de sua própria constituição. E estes, em cooperação com outros, e coordenadas ambientais dão surgimento a novas tensões que o repetem.

Mostrar geneticamente as leis tensionais da reprodução. Procurar as leis da hereditariedade dentro da concepção tensional.

...

252

A tensão na biologia

“Uma árvore, no meio da natureza, dispôs milhares de séculos, se considerarmos que ela não é senão um só com a sua espécie, para harmonizar-se com ela; é um cosmos no

meio de um cosmos mais vasto, criado lentamente, e por conseguinte sempre em estado de equilíbrio com o seu meio...”(Ruyer, op.cit. p. 195)

...

253

Concepção tensional

À afirmativa de Bertrand Russel que ‘a substância do mundo não é nem metal nem material, mas neutra’ , responde Ruyer: “Para nós não há substância neutra; há apenas formas e a sensação consciente nada mais é que uma forma especial. A ‘clé de voûte’ de nossos sistemas é a distinção da forma no sentido cotidiano da palavra e da forma-imagem, considerada ela também como uma estrutura e um mecanismo”. (op. cit. p. 171)

...

254

As tensões na sensação

“... nossas papilas gustativas não reagem senão a uma forma geral da molécula química, sem a pormenorizar; elas retêm apenas um esquema geral”. (Ruyer, op. cit. p. 117)

“A qualidade do veludoso é o conjunto de sensações tácteis elementares, como um triângulo é o conjunto dos pontos que o compõem”. (ib. 122)

“... Uma melodia... seria um conjunto de notas, de sensações auditivas, reaproximadas graças ao nosso cérebro e tornada assim capaz de ter uma ação sobre o conjunto de nosso organismo”. (ib. 123)

“... o aparelho sensorial não é um órgão receptor de movimento e transmissor de movimento, é um órgão receptor de uma forma, segundo a natureza da qual um movimento se desenrola”. (Ruyer, op. cit. 142)

...

255

Exemplos da influência tensional sobre os elementos componentes

“Suponhamos pois a célula constituída e capaz de associar-se com outras células. A melhor maneira de compreender os caracteres especiais do organismo policelular é de fazer de início colocá-la no tipo geral do “cosmos”. (Ruyer, op. cit. p. 94)

...

256

Exemplos da concepção tensional

“O que há de verdadeiro na concepção físico-química é que os organismos devem ser compreendidos como formas; o que há de falso é que sejam essas formas as que a física e a química estudam”. (Ruyer, op. cit. 88)

...

259

O número das tensões – exemplos

“Assim na química, dada a fórmula do átomo de carbono, ou de oxigênio ou de hidrogênio, esses corpos não podiam, por sua reunião constituir novas formas de ligações bem definidas, senão de uma maneira bem determinada. A formação dos corpos ditos simples a partir dos elementos atômicos, é determinada igualmente, como a física contemporânea o prova cada dia de uma maneira cada vez mais precisa. Ela está regulada por leis correspondentes, para o átomo, às leis de Proust e de Dalton para a molécula. Há muito que se tem notado o papel capital do carbono com edifícios moleculares da substância viva, papel devido à sua quadrivalência que o torna capaz de formar moléculas complexas levando cadeias laterais em que podem se entrosar grupos secundários de propriedades variadas. Haveria aí uma passagem única de ordem química e uma ordem de estrutura de complexidade superior. O modo de formação dos organismos policelulares estaria igualmente determinado pela natureza da célula, forma já suficientemente complexa para que a esse grau haja, em vez de uma simples ligação, acomodação, quer dizer conjunto de ligações de ordens bastante variadas, ao mesmo tempo definidas e ‘souples’. A associação implicaria que o aperfeiçoamento das formas assim obtidas fosse ‘fazer-se por diferenciação e especialização cada vez mais ‘poussés des elements’”. (Ruyer, op. cit. 85)

...

260

Grau de complexidade das tensões

As tensões oferecem graus de complexidade segundo as esferas a que pertencem.

...

261

Atividades das tensões incompletas

As tensões completas tendem a perdurar nesse estado; as tensões incompletas ativam-se por encontrar a completação que se equilibre. As tensões completas, nas esferas biológica, psíquica e social, podem encontrar um estado de saturação que as eleve à desintegração. As tensões incompletas nas esferas biológica, psíquica e social ativam-se completamente, com mais agressividade.

...

263

Constelações tensionais como objetos das ciências particulares

As quatro esferas que tivemos ocasião de estudar nos formam os planos de:

- a) físico-químicoesfera
- b) biosfera
- c) da psicosfera
- d) da sociosfera

Cada uma dessas esferas permitem a construção das ciências gerais, como sejam as ciências Físico-química, a Biologia, a Psicologia e a Sociologia. As esferas, como já vimos, são os planos que as tensões formam em suas amplas homogeneizações. Constróem-se de constelações tensionais e dos aspectos homogêneos das diversas constelações que permitem ao homem a construção de esquemas globais, como são tais ciências, que formam uma verdadeira tensão e que procedem historicamente, funcionam, com característica das tensões. Como esses planos se interpenetram surgem as ciências de ligação, como a biologia físico-química biológica, a psico-biologia, a psicologia social, etc. Como essas esferas são formadas de constelações tensionais, essas se transformam, por sua vez, no objeto das ciências particulares.

E tudo se dá porque há um nexos de coerência tensional nas esferas, nas constelações, nas conjunturas e nos conjuntos. Como sempre há o numeroso presente é compreensível que se dissesse sempre que “só há ciência do geral”, quando na verdade há conveniência de acrescentar que só há ciência do funcionamento tensional, que completa aquele conceito.

Surgiria logo aqui a necessidade de caracterizar a matemática. Tal tema exige um estudo demorado que passaremos a fazer.

...

263a

Classificação das tensões

Classificamos as tensões em:

- a) tensões elementares;
- b) conjuntos tensionais;
- c) conjunturas tensionais;
- d) constelações tensionais;
- e) esferas tensionais;
- f) universalidade tensional.

Expliquemos:

As tensões elementares, de que já estudamos, podem ser examinadas em seus planos (individual, totalidade, série, sistema e universo), pois toda tensão é sempre o resultado de um numeroso. E como tal pode contar em si esses planos, embora surja como uma homogeneidade tensional. Exemplos: um ser humano, uma árvore, etc.

Em suas combinações, essas tensões elementares com outras qualitativamente semelhantes, ou afins, ou homólogas, constituem conjuntos tensionais que atuam e são atuados pelas tensões elementares, componentes. Ex.: uma floresta, um grupo social humano permanente ou duradouro. Mas tais conjuntos constituem, por sua vez, elementos componentes de uma conjuntura, ou seja, de coordenação de conjuntos, homogêneos, ou meramente semelhantes, ou afins, ou homólogos, etc., que atuam e são atuados pelos conjuntos que o compõem. Ex.: a floresta na região em que faz parte, clima, terra, etc., o grupo social duradouro na sociedade global que o inclui, etc. Essas conjunturas, por sua vez se coordenam com outras, mas mesmas condições já expostas, e formam as constelações tensionais. Exemplos: a região que inclui a floresta, inclusa por sua vez em nosso planeta, a sociedade humana inclusa nas diversas constelações tensionais que formam o nosso planeta. A universalidade tensional refere-se ao Todo universal, e não de difícil explicação, e inclui nela as diversas esferas tensionais.

263b

Mas assim como podemos partir de uma tensão elementar para considerá-la como um todo em suas combinações exteriores, podemos partir dela para considerá-la como uma micro-universalidade tensional e examinar as esferas, constelações, etc., que a compõem.

Em suma, analogicamente, repete-se sempre aqui a necessidade para evitarmos uma visão abstrata, de considerarmos toda tensão, partindo de si para si, como universalidade, sistema, série, totalidade e unidade, ou partindo de si para outro como unidade, totalidade, série, sistema e universalidade.

Verificados os fatos tensionais dessa forma, temos uma colocação concreta dos mesmos que nos impede cairmos em abstrações extremas com as suas conseqüentes deficiências.

Analisemos as teses expostas:

...

264

Exemplo de constelação tensional

O Egito da era faraônica poderia nos ser apresentado como um exemplo de uma constelação tensional de uma coerência extraordinária, portanto de uma tensão de grande rigidez. Entre dois desertos, coordenado pelo Nilo, fonte e razão de tudo, o Egito se forma sob uma base tensional muito forte, que coordena toda as atividades do país. É tal a interatuação do ar, do clima, da vida humana e animal, em tal grau, graças a linha coordenadora, espinha dorsal do Egito, que é o Nilo, que se nos apresenta como uma das culturas que melhor nos podem mostrar, no campo da história e da sociologia, um exemplo nítido de uma constelação tensional de grande rigidez, de grande coerência.

...

265a

As tensões no mundo da cultura e da natureza

Nas esferas psicológicas e sociológicas a captação e construção de esquemas nos revela uma profunda diferença se comparado com as esferas da biologia e da físico-química. Na biosfera e na físico-químicoesfera estamos em face da natureza no seu desenvolvimento tensional, evidentemente, patentemente causalista. Mas na psicofera e na sociosfera, o homem, que é efeito e condicionado no plano da natureza passa a ser condicionante no campo da cultura, sem deixar de ser parte do mundo da natureza. E assim como as ciências naturais são ciências culturais porque surgem no âmbito da cultura, pode o homem construir conjuntos tensionais, conjunturas, constelações e esferas novas que lhe permitem ordenar os fatos da natureza.

Dessa maneira quando falamos páginas atrás nas classificações das tensões, nos referimos às tensões no mundo da natureza. O homem, graças aos seus meios psíquicos, construirá um saber teórico, coerente, que terá por objeto as conjunturas, as constelações, esferas que ele constrói esquematicamente, com fundamento real, sem dúvida, sob pena de se tornarem ciências meramente abstratas ou de objetos falsos. Podemos, assim, afirmar que nas ciências o homem procede ao construí-las, obedecendo a classificação tensional que já tivemos ocasião de expor.

As ciências humanas fundam-se nos fatos tensionais da natureza, mas elas delimitam o campo objetivo segundo a esquematização cultural do próprio homem, razão pela qual o objeto de uma ciência nem sempre é preciso e varia segundo os ciclos históricos. Somos de opinião que se deveria reorganizar o objeto das ciências, fundando-nos no funcionamento tensional e considerando como ciências específicas aquelas que os conjuntos, conjunturas, constelações e esferas tensionais nos revelam.

265b

Construiria, depois, os homens ciências especificamente humanas e culturais que fossem como atividades intelectuais que atuassem como espacializantes coordenadoras dos diversos campos do acontecer (aqui empregamos campo no sentido da física). Desta forma, tanto a natureza como a cultura seriam englobadas em ciências concretas que visualizassem como objeto os campos que se oferecem e o nexos que as liga. É possível estudar a psicologia prescindindo a economia, a biologia, a história? Dessa forma teríamos ciências concretas que dariam ênfase às tensões de uma classe, as psicológicas, por exemplo, mas incluídas nos grandes esquemas tensionais que as concrecionam. Finalmente a filosofia se tornaria, então, a ciência concreta por excelência, pois lhe caberia estudar a concreção total, na qual se dão todas ciências gerais e particulares. Seria então a filosofia o saber teórico da universalidade tensional em sua imanência e transcendência.

...

266

Tensão do triângulo

Quando juntamos os três elementos lineares e com eles formamos o triângulo, já vimos que este é qualitativamente diferente das partes componentes. Atribuímos-lhe então a triangularidade. E que essa triangularidade senão o caráter que notamos nessa figura que

consiste em ter alcançado, com seus elementos componentes, o estado de triângulo? Pois bem, termos tais como intensidade, extensidade, bondade, amabilidade, conformidade, intelectualidade, etc. (dos tas, tatis, no latim, o keit, em alemão) apontam o conceito que revela o caráter de um todo estado que surge na tensão, que a tensão revela, e que tensões semelhantes repetem.

...

267

O valor dos esquemas

Não poderíamos, em face de um novo fato, compreendê-lo esquematicamente, se não tivéssemos esquemas para acomodar ao fato e permitir assimilá-lo. Se cada fato novo nos exigisse geneticamente que o captássemos através dos seus aspectos formais para construir depois o esquema, como nos mostram em parte as primeiras experiências infantis, a vida inteligente teria sido totalmente impossível.

...

268

O mundo físico e os nossos esquemas

“O papel do observador, do “espírito”, até na física, é bem modesto. Na realidade, se limita a criar certas pseudo-substâncias, certos seres, que se conservam, certas entidades tais como a matéria, a massa, a energia, a eletricidade, a força, a atração, quando objetivamente há apenas formas, mecanismos mais ou menos complicados. É nossa estrutura própria que nos impõe deformações. Por exemplo, se criamos a noção de atração, se transformamos a forma do espaço numa entidade que é uma força atraente, é que nossa epiderme é sensível, e que percebe a pressão de nossos pés sobre o solo. Se uma física rudimentar prestou tanta importância a esse mecanismo especial que chamamos a matéria, é evidentemente devido ao seu papel essencial nas nossas experiências correntes; a matéria é notadamente a fonte das ondas luminosas e ela nos dá uma impressão de contato”. (Ruyer, op. cit. , p. 281)

...

269

Distinção entre o todo e suas partes na tensão

“Quem faz a dissecação de uma rã descobre sua constituição interna e por reflexão também as funções fisiológicas dos seus órgãos. Nunca poderá, porém, produzir uma rã viva juntando novamente as partes. E assim, tampouco, poderá obter-se pela síntese dos elementos psíquicos a totalidade da alma com sua conexão vital cheia de sentido referida ao contorno espiritual integralmente. Ao contrário, a conexão plena de sentido é o primeira, e nela diferencia a análise estes elementos. Mas os próprios elementos não subministraram, de modo algum, uma base de compreensão para a totalidade”. (Spranger, op. cit. p. 28)

...

270

Funcionamento tensional das ciências

“...o pensar próprio das ciências do espírito não desce, em sua atividade normal, até os últimos elementos diferenciáveis, mas que se mantém num nível conceitual mais alto tomando o processo interior como um todo de sentido determinado que se inclui numa situação espiritual de conjunto da qual recebe sua significação”. (Spranger, p. cit. p. 27)

...

271

Tensão da natureza

“...a Natureza se ergue em nossa mente como um todo ordenado em virtude das leis dos atos cognoscitivos (cuja estrutura antecipa a priori o esquema da Natureza objetiva ...)”(Spranger, op. cit. p. 22)

...

272

As tensões e o valor

Entre os diversos valores que podem ser apreciados nas tensões, podemos classificá-los em:

- a) valores do funcionamento tensional;
- b) valores da tensão enquanto tal;
- c) valores dos elementos componente;
- d) valores de valorização(estes são dados pelas coordenadas tensionais);
- e) valores do transcender tensional.

A apreciação dos valores depende da colocação de uma tensão observada ou objetivada pelo espírito humano, segundo o campo, plano ou esfera em que estiver colocada e em suas relações com as outras, salvo as naturais condições do apreciante.

...

273

As coordenadas tensionais e o valor dos indivíduos

“Assim pois, desde o momento em que penso no sujeito com seu viver e seu criar enlaçado na tessitura do mundo espiritual social e histórico, livre-o já da solidão e do isolamento do puro estado subjetivo e o ponho em relação com os complexos objetos ou objetividades. São estas objetivas em três sentidos: em primeiro lugar, por estar aderidas a configurações física, já façam estas de direto veículo de valor, já funcionem como sinal ou meio de expressão estética; em segundo lugar, por haver surgido da ação recíproca de muitos sujeitos singulares (enquanto assim ocorre chama-se de formas coletivamente condicionadas); em terceiro lugar, porque se baseiam em determinadas leis de prestação de sentido ou interpretação de sentido supra-individualmente válidos”. (Spranger, op. cit. p. 21)

...

274

O valor da tensão enquanto tal

“Pode dizer-se, por exemplo, que uma máquina tem plenitude de sentido quando todas as suas funções singulares contribuem para um efeito de conjunto que de algum modo tem valor”.

...

275

Transcendência final

Agora se, no fim, depois que seguimos por tantos caminhos, que penetramos em tantos campos novos, agora sim podemos falar da transcendência, mas daquela transcendência que transcende à própria limitação dialética da imanência, a suprema e final transcendência do Possest.

...

276

Transcendência do Possest

As coisas tem o infinito em potência e Deus é o infinito em ato. Todas as tensões são passíveis de todas as combinações, dependendo das condições predisponentes. Tudo nos mostra que não há um limite potencial nas coisas, que se limitam através do ato híbrido do existir.

O Possest só poderia afirmar-se através da sua coincidência dos opostos, que, sem negá-lo, nele são a potência infinita que nele é ato puro, mas que se desdobra na sucessão pelas atualizações híbridas e realizam assim, um após outro, os instantes da eternidade, num eternizar-se também dos instantes. Não a nega esse desdobrar-se da eternidade, mas do eternizar-se se distingue, que nela se identifica, porque para o Possest não há pressa e bem pode desdobrar eternamente a própria eternidade, afirmando-se também no tempo que é tal porque há o eterno que o distingue. Todo existir é ato de criação, porque sempre surgem novas tensões das tensões anteriores em suas infinitas combinações. E todo esse criar é um transcender, por isso todo existir é um transcender.

...

277

O tensionalismo

O estruturalismo é uma transcendência do atomismo;

O atomismo é a imanência do estruturalismo;

O tensionalismo é a trans-imanência do atomismo e do estruturalismo.

...

278

Nós e Deus

Deus é uma necessidade. No instante extraordinário em que surgimos como homens, nesse instante ele deixou de ser uma impossibilidade. Porque somos e ele é, é o que somos e ele é.

...

279

As transfigurações das tensões

As tensões se transfiguram ao dar nascimento a tensões secundárias que estruturam com os elementos das primeiras. Estas acabam por substituir aquelas, desde que não

possam mais perdurar pelo advento das condições já expostas para a transfiguração das tensões.

...

280

As tensões funcionais

São tensões funcionais aquelas que se estruturam através do funcionamento das tensões que se coordenam na própria função. Podemos exemplificar com as eras culturais. As tensões configuradas dessas tensões funcionais podem construir novas configurações, dando surgimento a novas tensões funcionais, sem que percam a sua estrutura tensional.

...

281

A tensão na cultura e na história

Quando se vê a história globalmente, ela nos revela as seguintes tensões culturais: 1) ilhas de cultura, com características qualitativas específicas, coordenando-se num 2) organismo cultural, que engloba coerentemente um ciclo de uma cultura (a egípcia, grega, hindu, chinesa, etc.), funcionando como uma 3) era cultural, que por sua vez é cíclica e tende a transfigurar-se em outras tensões culturais.

...

282

As tensões na história e na cultura – exemplos –

“Olhando as coisas num grande esquema de conjunto, podemos considerar que, até a última irrupção dos mongóis no século XIII e as sucessivas invasões dos turcos nos séculos XIV e XV, trata-se do impulso migratório, que surge de novo uma ou outra vez, como características dessas zonas que estão ao redor e por cima de os círculos culturais”. (Alfred Weber, op. cit. p. 14)

...

283

Transfigurações nas culturas – exemplos –

“Assim, pois, após as culturas primárias seguem outras culturas secundárias de diverso matiz. As culturas secundárias se edificaram sobre os alicerces das altas culturas

primárias, sendo algumas daquelas de primeiro grau e outras de segundo, para expressarmos-nos em termos simplificados”. (Weber, op. cit. p. 14)

...

284a

As tensões das eras culturais

Deve considerar-se como era cultural aquela tensão da história, que é uma tensão coordenada de tensões culturais em seu dinamismo cíclico, mas que apresentam uma coerência que dá a forma da era cultural.

Weber nos mostra: ...”Desde o começo da segunda metade da época das grandes ondas migratórias – desde o século IX ao VI a.C. – as três grandes esferas culturais do mundo”(para nós são os organismos culturais, cíclicos) “que se haviam formado nesse tempo chegam (juntos) aos problemas universais, religiosos e filosóficos”. (Trata-se de Ásia ocidental e de Grécia, da cultura hindu e da chinesa). As três se produzem com uma curiosa simultaneidade e, parece, com mútua independência”. (Rejeitamos a aparência, e já mostraremos porque). “E estas três culturas chegam a um buscar, a um perguntar-se e a um decidir sobre temas universais de índole religiosa e filosófica. Arrancando deste ponto, e a partir de Zoroastro, os profetas judeus, os filósofos gregos, Buda, Lau Tseu, Confúcio, dão lugar numa era sincrônica de interpretações do mundo e às atitudes de caráter religioso e filosófico, que levam os nomes destas figuras. Essas concepções e atitudes filosóficas e religiosas, continuadas e reelaboradas, nascidas de novo, ou transformadas e reformadas numa ação de recíproco influxo, constituem a massa das crenças religiosas universais e a massa das interpretações filosóficas da humanidade. Pelo que respeita à parte religiosa, desde o final deste período – quer dizer, desde o século XVI d.C. – não se produziu nada que seja fundamentalmente novo”. (op. cit. p. 16)

284b

Há nessa era de sincretismo asiático uma homogeneidade-heterogeneidade que lhe dá uma coerência tensional, sem deixar, naturalmente, de considerar as heterogeneidades dos elementos configurados, pois como já vimos todas tensões são originais, tem unicidade, mas também abaliedade e generalidade. Há uma coerência dialética do pensamento sincrético dessa época, o que nos facilita ver a “repetição” das mesmas idéias até chegarmos ao sincretismo cristão, onde se dá um salto qualitativo e provoca o surgimento, e

justo, de uma nova época, o que, nesta citação de Weber não é bem revelado. O sincretismo cristão não é uma mera soma de eminência das diversas concepções dessa era. Ele forma uma consistência tal que revela uma tensão específica. A essa era cristã, sobrevem com o gótico e as cruzadas o fáustico que se estrutura numa tensão nova. É uma era que não nega a sobrevivência das culturas anteriores, mas que, por sua vez, também afirma uma nova especificidade tensional. A introversão da tensão genuinamente cristã, é sucedida por uma extraversona fáustica que, embora não negando a cristã, porque não a exclui, agrega, no entanto, novas tensões, novos esquemas, que permitem uma transfiguração tensional desta época. Não parece aí o cristianismo, mas transfigura-se. E uma análise de toda a sua história nos mostra, no surgimento dos novos sacramentos, e até da própria escolástica com a inclusão do pensamento grego, na filosofia, e na reviravolta das relações humanas, com o advento temeroso e tímido do capitalismo, o desabrochar do Renascimento, ponto de encontro de três ciclos culturais, como ainda estudaremos, que uma nova tensão se forma, tensão que se estrutura com solidez e coerência, por volta de 1500, quando se inicia a nova migração humana do homem tecnizado e capitalista que conquista o mundo adormecido no embalo das velhas culturas decadentes e já tensionalmente fracas.

...

285

O homem como tensão

O homem, como tensão individual, é análogo a outro homem, com um grau de homogeneidade variável. É esse grau de homogeneidade e de heterogeneidade que permite formar um esquema do humano, que é conceituado formalmente, quando se considera apenas o homogêneo que é comum em todos os indivíduos, para poder classificá-lo dentro de esquemas abstratos. O homem conceitua sobre si mesmo, mas sabe de suas diferenças. E essas diferenças são tão volumosas que o individual é sempre formalmente indefinível, mas apenas descritível.

“Definem-se as espécies; descrevem-se os indivíduos”. (Lachelier)

...

286

Homogeneidade e heterogeneidade das tensões

As tensões, segundo os campos, planos e esferas, vão apresentando distinções específicas. O grau de homogeneidade e de heterogeneidade é variável. Não há homogeneidade total nem heterogeneidade total. Em suma, cada tensão é original e tem sua unicidade. O grau de homogeneidade permite classificá-las; o grau de heterogeneidade permite distingui-las.

Em suma: as tensões são análogas, mas o grau dessa analogia é variável.

...

287

Totem e Tabu

Tabu como extensidade; totem como intensidade. Tabu, vegetativo; totem, animal, movimento, circulação do sangue e reprodução dos órgãos totêmicos;

Totem reside no sentimento comum, pertence à existência;

Tabu é próprio das relações entre consciência vigilantes (Spengler) e pode ser aprendido, transmitido.

...

288

Transfiguração

A contradição não é vencida, é ultrapassada pela transfiguração, quando o equilíbrio dinâmico é totalmente ultrapassado.

...

289

Todo (Possest)

No tempo há multiplicidade: a unidade participa do eterno. O Todo se unidade, é eterno.

...

290

As esferas da tensão

A variabilidade das disposições psicológicas gera as diversas realidades.

A ciência, na teoria, é uma disposição psicológica construída sobre leis e que tem, portanto, a sua realidade.

...

As esferas

O que não é organicamente transformável (melhor, assimilável) é restituído pelo organismo ao exterior como mineral (ou organicamente), neste caso como inadaptável ao organismo rejeitador. Este o processo seletivo da vida, uma prudente avaliação da vida. Poder-se-ia compreender esse processo seletivo apenas como funcionando pela afinidade ou não dos compostos químicos que formam o organismo e que extraem, dos elementos apreendidos do exterior, os elementos que lhe são convenientes, repelindo os inaproveitados, isto é, os que não apresentam afinidades com os elementos químicos orgânicos. A doença é produto da impossibilidade de repelir os elementos não afins que, ao permanecerem no organismo, constituem um corpo estranho que impede o pleno desenvolvimento do mesmo, obrigando-o a defender-se pelos esforços de expulsão ou pela formação de compostos químicos que possam atacá-los, o que constitui ou compõe um estado anormal, e que exige uma solução.

Essa tese, no entanto, oferece uma grande problemática. Se explicássemos apenas assim a vida, cairíamos numa explicação marcadamente físico-química. No entanto, há uma predominância, do todo sobre a parte, no mundo orgânico, que torna tal interpretação imperfeita e insatisfatória, porque há soluções também diferentes, como adaptações, recomposições que não obedecem a esse simplismo. Além disso, há a interferência do psiquismo sobre o corpo, o que é hoje inegável. As próprias idéias adquiridas interferem e podem suscitar modificações extraordinárias.

...

Soma e Todo

Matematicamente, dentro apenas do terreno da matemática, a soma é apenas o conjunto das partes. No mundo da existência tempo-espacial a soma é qualitativamente diferente da parte, sobretudo quando nela penetra a ação do homem, que lhe empresta valores ou nela capta valores. Assim a transformação da quantidade em qualidade, de que falam alguns dialéticos, encontra aí uma explicação, um apontar para novos aspectos. Na verdade, a quantidade não se transforma em qualidade. O que se dá é o seguinte:

- a) com a ação humana, a quantidade aumentada, pode ter novos valores diferentes da parte, o que lhe empresta uma qualidade diferente;
- b) todo o aumento de quantidade, considerado apenas em si, traz consequentemente modificações qualitativas que lhe são contemporâneas. Nunca a qualidade surge em dado momento (senão para a apreciação humana) do crescimento quantitativo, mas acompanha a este contemporaneamente, porque a qualidade é inseparável da quantidade, porque ambos são categorias do mesmo fato.

...

293

As esferas

O economismo, o psicologismo, o historicismo, o biologismo, o empirismo, o materialismo, o subjetivismo, o mecanicismo, e muitos outros ismos, são formas viciosas da “Anschauung”, pois não querem compreender o mundo, mas explicá-lo redutivamente, ou seja, reduzi-lo a um plano base do conhecimento, a um único aspecto da realidade, dado como um incondicionado.

...

294

Esferas

Em cada ciência, há um irreduzível, mas há também um redutível. Há planos, campos, zonas – os nomes deverão ser precisados oportunamente pelos estudiosos – que se reduzem a uma ciência “anterior” ou “posterior”, e outros que permanecem especificamente próprios da ciência em questão. Por exemplo: há algo na biologia que permite uma explicação físico-química, mas também o que é irreduzível à físico-química, como também o que ultrapassa à própria biologia.

...

295

Tensão na filosofia

Todos os filósofos genuinamente grandes formam, com seus discípulos e seguidores, uma constelação filosófica, com seus astros, satélites, planetóides, etc. Assim temos o universo aristotélico, o kantiano, o hegeliano, o pitagórico, o platônico. Uma

posição cêntrica na filosofia compreenderia essas constelações e os seus sóis historicamente, como história.

...

296

Técnica

A melhoria da técnica também advém do aumento do salário, pois leva o capitalista a compreender reformas que aumentem a produtividade do trabalhador, para compensar o aumento de despesa, constituindo um aumento de seus lucros. É uma compensação que surge do dispêndio inesperado, com o aumento do salário.

...

297

Exemplo de tensão da alma

“A unidade da alma individual está dada pela referência de todos os atos e vivências singulares a um eu. Este não pode ser definido, mas só vivido... a vivência do eu não é, de modo algum, algo totalmente unívoco, mas que tem um “sentido” muito diverso nas distintas funções espirituais. O que vulgarmente se entende por eu é o centro de vivência o modo enigmático vinculado ao corpo e, portanto, localizado assim definidamente no tempo e no espaço. Enquanto todos os atos e vivências são processos em um eu dotado de unidade, pode dizer-se que correspondem a uma estrutura fechada. Finalmente, hão de culminar num sentido dotado de unidade. Mas tal estrutura está diferenciada em suas funções. A estrutura total consta de um número de estruturas parciais, a cada uma das quais corresponde sua função específica, logo também seu valor específico. Pode imaginar-se o conjunto segundo a imagem de uma divisão do trabalho sobre a base de um plano dotado de unidade”. (Spranger, op. cit. p. 39)

...

298

Tensão na história

“... esses corpos históricos, tanto no caso de que constituam culturas primárias e secundárias superpostas como também no caso de que sejam produtos primários permanentes, que coexistem uns junto a outros, estão todos enxertados num grande movimento unitário de progresso gradual”. (A. Weber, op. cit. p. 18)

...

299

O todo como mais do que as partes – exemplos –

“É totalmente falso entender a relação entre o espírito objetivo numa manifestação histórica determinada e o sujeito particular individual histórico nele incluído simplesmente pela categoria da “expressão”. O espírito objetivo contém sempre muito mais que a mera expressão da estrutura psíquica individual correspondente “.

...

300

Funcionamento das tensões campicamente consideradas

“A cultura, a vida espiritual historicamente dada, se constitui em fases superiores evolutivas e consta, sem relação aparente ao tempo e ao espaço, de um número de esferas culturais que na consciência e na linguagem dos seres humanos que nelas participam ficam inteiramente separadas. A cultura se quebra, por assim dizê-lo, numa série de esferas de trabalho ou de funções. Em cada uma dessas esferas se realiza uma classe específica de valor. Enquanto esta classe de valor determina – enquanto assinala fins reais – a erecção da meta, pode chamar-se também a estas esferas conexões de desígnio. Temos de presumir que em toda conexão de desígnio se aloja uma lei determinada que regula o sistema dos meios estruturalmente aptos para o fim a que se persegue. Enumeraremos de maneira desde logo assistemática as esferas que de modo geral hão de tomar-se em consideração como esferas independentes: a ciência, a economia, a técnica, a arte, a moral, a religião, a sociedade, o Estado, o Direito e a educação. Naturalmente que essas esferas culturais não se situam espacialmente umas ao lado das outras como as partes de um corpo físico, mas que se enxertam umas nas outras e constituem uma estrutura, quer dizer, uma conexão funcional”. (Spranger, op. cit. p. 44)

...

301

Identidade e alteridade funcional

A identidade funcional (por exemplo, a das grandes funções dos seres vivos, idênticas em todos os organismos, apesar de órgãos diferentes, segundo os grupos) alie-se a alteridade funcional (como no-la revela a heterogeneidade desses mesmos órgãos, as

analogias de Goethe). Tensões variadas revelam funções invariáveis (casos citados, inclua-se ainda as diferenças estruturais entre adultos e crianças com funções constantes e idênticas).

As tensões semelhantes, considerem-se as diferentes.

Considere-se ainda toda a gama combinatória de: tensões iguais, com funcionamento idêntico; tensões diferentes com funcionamento idêntico; tensões diferentes com funcionamento diferente.

Não se dá o caso de tensões iguais com funcionamento diferente, salvo considerando períodos iguais, mas cronologicamente diferentes.

...

302

Tensões acidentais

São acidentais as tensões formadas fortuitamente, sem uma coerência que lhes dê a coesão de uma unidade com ordem do todo e das partes, isto é, cuja unidade surge não por ordem intrínseca dos elementos componentes, mas pela disponibilidade das ordens ambientais. Assim um monte de lenha, um punhado de trigo, etc.

Das tensões acidentais, segundo os graus de coerência e de atividade dos elementos componentes, até às tensões rígidas, há uma escalaridade que permite ampla e complexa classificação.

...

303

O Todo e parte e seus impulsos

Observa-se no homem a constância de dois impulsos: o de vida e o de morte. Poderíamos reduzir o primeiro a vontade de potência, porque ele está perfeitamente incluído nesse mehrwollen. Mas o impulso de morte não é propriamente a negação do primeiro? Preferiria propor que entre ambos há apenas uma alternativa e não uma oposição como se ambos fossem algo de diferente onticamente. O impulso de vida é a “vontade de potência”, o “ímpeto de potência”- cuja expressão vou preferir daqui por diante – para o crescer e chegar até o todo. A parte quer ser o todo porque a parte reflete o todo, sente-se qualitativamente o todo.

Esse desejo de ser o todo manifesta-se de duas formas:

Pessoal: desejo de eternidade da pessoa, do eu, é vital, mas desejo de eternizar-se como parte: ser eterno como o todo, ao lado do todo, ou alcançar o todo como consciência pessoal, ser a consciência do todo.

Nirvânico: eternizar-se, não mais ao lado do todo nem como o todo, mas transformando-se no todo, tornando-se o todo, pelo afastamento da parte.

Nesse ímpeto de potência, quando se manifesta através do ego são os impulsos de vida e através do segundo, no desejo de inconsciência, de libertar-se da parte e transformar-se em todo no inconsciente do indivíduo e talvez julgado o consciente universal, no deixar de ser parte para transformar-se em todo, estão os impulsos de morte. São caminhos diversos que tomam o mesmo ímpeto de potência: para conservar-se ao lado do todo: impulso de vida; para conservar-se transformado em todo: impulso de morte.

Estranha e profunda conjugação desses impulsos, alternativa da existência cósmica mostra que a afirmativa de um antagonismo entre esses impulsos foi apenas uma precipitada maneira de ver uma mesma realidade.

Onde o ego encontra maior desenvolvimento, como se observa no ocidente predominam os impulsos de vida; onde predominam o id, como no longínquo oriente os impulsos de morte são predominantes. São direções alternativas, mas no fundo o mesmo ímpeto de potência que ao atravessar o ego quer conservar esse e ao atravessar o id quer realizar apenas o cósmico.

...

304

Tensão e relação quantitativa e qualitativa

Uma tensão psíquica, enquanto tal, pode incluir, como inclui, quantitativamente, dentro de si, os elementos componentes, em ato ou por símbolos, mas em funcionalidade tensional pode ser apenas esquemática e, portanto, menor do que a conjunção das partes. É o que observamos quanto à consciência de nós. Neste momento, temos consciência de nós, e essa consciência inclui em seu campo de compreensão tudo o que somos, o que sabemos que somos e o que não sabemos, mas no esquema da consciência, temos apenas um “esqueleto” (esquema) do todo apanhado em sua generalidade, sem que a mesma consciência se projete sobre toda a extensão particular e singular de nosso psiquismo. É importante observar este aspecto que nos dá uma indicação valiosa quanto ao

funcionamento abstrator da nossa consciência, que imersa no tempo, sendo sucessiva portanto, não podia deixar de ser funcionalmente abstratora, generalizadora, quando dialeticamente é singularizante devido seu caráter intuitivo, pois cada intuição sucede a outra. Ela é assim singularizada em seu funcionamento, mas generalizadora em sua captação, o que revela o seu funcionamento dialético.

...

305

O pulsativo das tensões

Também a tensão nos revela um pulsar, o vibratório. O pulsativo marca uma arsis e uma tesis, em função do centro da tensão. A um máximo de fluxo, um correspondente refluxo, de proporcionalidade variante.

...

306

Dialética da posicionalidade e oposicionalidade das tensões

Todo existir não pode ser visto apenas por aut...aut (lógica formal, mas também além de mais ou menos, plus aut minus, como por et...et..., a lógica do também, que é a dialética propriamente que não recusa valor à lógica formal, mas reconhece-lhe os limites decorrentes do seu rigor excludente). Todas as tensões são positivas, quer eidéticas, quer fácticas, quer eidético-fácticas, quanto a si mesmas, e ob-positivas (opositivas, porque são positividades que põem ob, ante, contragegen) o que não nega sua positividade, mas também afirma sua oposicionalidade.

Até as tensões quando cooperacionais numa conjuntura opõem-se como partes de um todo a outro todo polar, em antagonismo.

...

307

Número e matemática – Tensão como número

Tudo que conhecemos é número. Tudo que é número é símbolo, por isso tudo é simbolizável por números. O existir é número, o existir é símbolo do ser. Por isso a essência, o que dá a forma a tudo, é número. O ser é ato (eficaz) por isso, enquanto tal, não é número. O ato enquanto em ato, em tudo quanto existe, é homogeneamente o mesmo, a eficacidade.

A tensão é número. E o número forma a sua coesão.

A tensiologia tem de criar para si uma numerologia em bases novas que afaste o número do conceito estreito quantitativo abstrato de arithmós, da aritmética e que o incorpore numa matemática que seja o que deve ser.

Examinemos os temas que ora propomos, como o de número e de matemática, em suas múltiplas acepções.

...

308

Exemplos de coesão

Entre as forças de coesão, devemos considerar: o mágico – o pensamento mágico, genuinamente afetivo e levemente penetrado de pensamento racional, e quando intelectualizado, é preferentemente intuitivo.

...

309

Exemplos de tensões móveis

“Todas essas culturas produzidas por criadores de gado cavalar e vacuum constituem ainda corpos formados magicamente e, portanto, também corpos travados e mantidos por uma intensa coesão”. (A. Weber, op. cit. p. 40)

...

310

A tensão no pensamento mágico

“... o quadro mágico agrupa, entretanto e ata em si, naturalmente, toda a vida segundo as leis de si mesmo. Segundo essas leis, “um é igual a três e três é igual a um”, reza a tábua de multiplicar dos bruxos. Pois tudo o que está reunido numa totalidade de atuação se converte para o funcionamento da mesma em um só objeto, numa entidade mágica, cujo funcionamento não pode encerrar-se dentro dos marcos intelectuais do espaço, nem do tempo. Em suma, trata-se da causalidade mágica”. (Weber, op. cit. p. 30)

“...(esse quadro) maravilhoso do homem mágico, dele ainda estamos cheios. Todo pensar mítico, metafísico e realmente religioso saiu dali. O dogma da Santíssima Trindade ressoa ainda no pensamento mágico de um igual a três. Na comunhão católica ortodoxa, na

qual Deus se encarna real e verdadeiramente, para atuar de modo plenário, manifesta-se uma causalidade mágica”. (Ibidem)

...

311

Ação da Tensão como todo sobre as partes

“Constitui um factum que tem cada vez maior transcendência imanente, o fato de que a vontade anímico-espiritual atua através de nós – por assim dizer-lo – sobre a substância vital dada, e sobre suas condições conformadoras transformadas por nós mesmos; e atua de uma maneira espontânea, indestrutível, com a tendência de colocar aquilo que chamamos sublime, perfeito e sagrado e de fazer surgir formações de conjunto, atitudes e obras. Quando se produz a realização de tais formas, atitudes e obras, reconhecemos que surgiu uma alta cultura. E é em mérito disto somente que a chamamos alta cultura”. (Weber, op. cit. p. 19)

...

312

A tensão no casamento

Estabelece o matrimônio uma relação que forma uma unidade, onde a consciência dos elementos componentes, nele, encontra o outro. Essa unidade, no qual cada parte transcende a si mesmo, encontrará, na criança, o “meio” para tornar-se uma existência em si. Assim se expressa Hegel: “O lado do Mittelein, onde se reconhecem como um e como transcendidos é necessariamente uma consciência, pois são um somente enquanto consciência; a criança é o em que eles se reconhecem enquanto numa consciência, como um e por isso como transcendidos...(Ibidem, p. 223)

...

313

A tímeze parabólica e os valores

Na tímeze parabólica o devia ser (sollen) é potencializado. O juízo de valor é precedido pela comparação (tímesis parabólica) entre o atual e o potencial. A tímeze realiza-se: A – objeto real; B – objeto como devia ser.

Na aplicação de A, há uma apreciação em A, dialética (dos contrários). B é alcançado pela virtualização dos contrários e pela afirmação do como devia ser ideal. Este

B permanece em potência, nunca se atualiza realmente, mas está presente em toda valoração, como ethos ideal; esta é a tímesis parabólica, como a compreendemos.

Como se tem a intuição de novos valores?

Qual a influência histórica na formação dos novos valores?

Não há criação propriamente de valores, mas intuição, revelação, descobrimento.

Novas relações humanas se formam como decorrentes das novas condições sociais de produção, de interação em geral. Sobre essas, a tímesis parabólica pode exercer-se. O gênio intuitivo intui o valor revelado pela tímesis, após a crítica ou a inconformidade ante o que sucede. Não se criam valores ad libitum. São achados à proporção que a tímesis parabólica se verifica como decorrência da própria inconformidade e insatisfação.

...

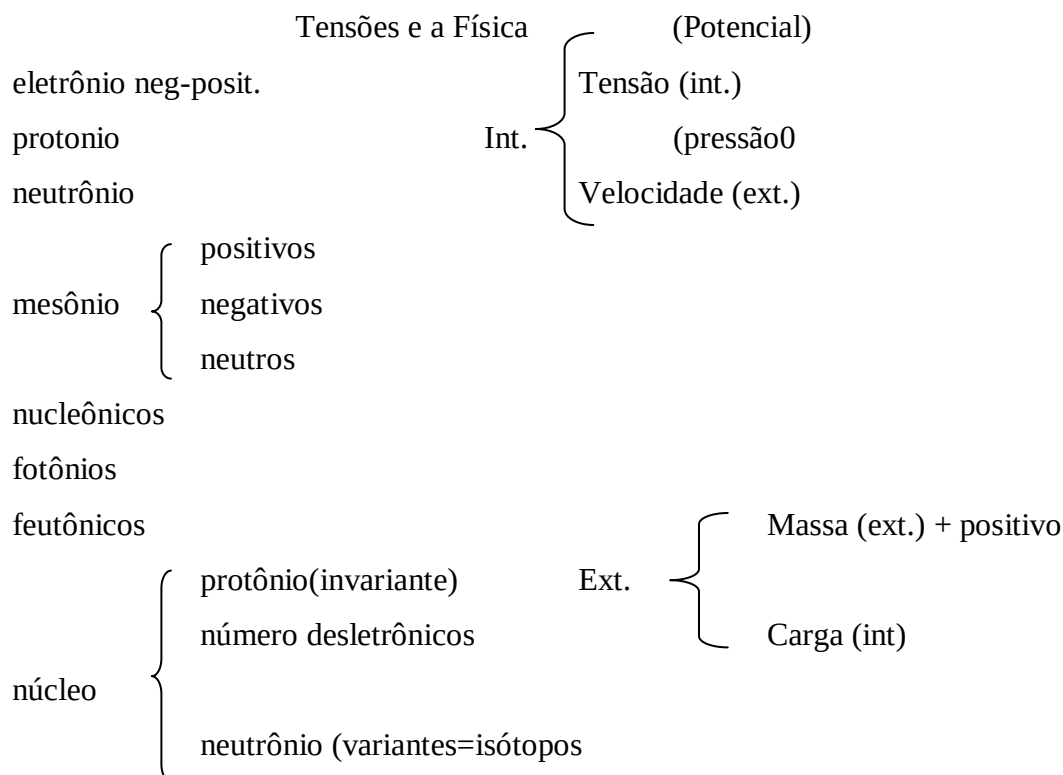
314

Lei do Todo e parte

A massa de um composto não é sempre igual à soma das massas dos componentes. Eis o que nos mostra a física, em apoio da nossa lei.

...

315



	Einstein: Massa é estática; energia é dinâmica (equivalentes)
Neutrino	Energia=trabalho=deslocamento elétrico
	Os neutrões não tem carga
Elétrico	

...

316a

Tensão – Um, divisão, indivisão – Conservação

“...unum non addit supra ens rem aliquam, sed tantum negationem divisionis: unum enim nihil aliud significat quam ens indivisus. Et ex hoc ipso apparet quod unum convertitur cum ente. Nam omne ens aut est simplex, aut compositum. Quod autem est compositum, non habet esse quandiu partes eius sunt divisae, sed postquam constituunt et componunt ipsum compositum. Unde manifestum est quod esse cuiuslibet res consistit in indivisione. Et inde est quod unum quodque, sicut custodit suum esse, ita custodit suam unitatem”. (Tomás de Aquino, Summa I, s q. 11, a 1)

Ser um não acrescenta ao ser mais que a negação de divisão, pois um não significa outra coisa que o ser não dividido; por onde se compreende que um se identifica com ser. O ser, com efeito, ou é simples ou composto. Se é simples, é de fato indiviso e, além disso, indivisível tanto em ato como em potência. Se é composto, não adquire o ser enquanto seus componentes estejam separados, mas quando, unidos, constituem o composto; por onde se vê que o ser de cada coisa consiste na indivisão, e por isso as coisas põem o mesmo empenho em conservar seu ser como a sua unidade.

316b

É verdade que Tomás de Aquino, in loc. cit., comenta e critica a posição pitagórica e platônica quanto ao um, julgando que, para estes, um se identifica com ser e não acrescenta nada, significando apenas a sua substância enquanto indivisa. É fácil daí concluir-se que para Pitágoras e Platão fosse o número substância (como *hipokeimenon*) dos seres. Já tratamos do verdadeiro sentido que empregou tanto Platão como Pitágoras e nos dispensamos de repetir.

O Aquinatense conclui que cada ser é um por sua substância, pois se fosse por algo distinto dele, como esse algo seria também um, e se o é por sua vez por outro, entraríamos no caminho do infinito, pelo qual é preciso deter-se desde início. Conclui que o um quando

se identifica com o ser não lhe acrescenta nada, mas, em compensação, o que é princípio do número, acrescenta ao ser algo pertencente ao gênero da quantidade. Dessa forma se evita considerar-se tautológica a afirmação ser um, porque um acrescenta um conceito ao ser. Outro não é, na verdade, a opinião tanto platônica como pitagórica. Pois quando Dioniso Aeropagita diz em De Div. Nom. (último capítulo) que ...”non est multitudo non participans uno: sed quae sont multa partibus sunt unum toto: “que não há multidão que não participe da unidade, pois o múltiplo por suas partes é um no todo; o múltiplo pelos acidentes, tem unidade de sujeito; o múltiplo em número, é um por sua espécie; o múltiplo em espécie, tem unidade de gênero, e o múltiplo por suas derivações tem unidade de princípio”, afirma ainda a concepção platônico-pitagórica.

316c

Veja-se esta passagem de Tomás de Aquino no mesmo artigo: “Mas advirta-se que se trata de um ser de per si, indiviso, embora porque o seja enquanto à sua essência, embora, por razão de seus elementos não essenciais esteja dividido, como sucede no que é um por substância e múltiplo por seus acidentes: ou porque de fato não está dividido, embora potencialmente seja divisível, qual sucede ao que é um enquanto todo e múltiplo por razão de suas partes, neste caso temos um ser que de per si é um e em certos aspectos muitos. Se, pelo contrário, tomamos um ser que de per si é múltiplo, e sob algum aspecto é um, por exemplo, múltiplo por sua essência e um porque assim o concebe nosso entendimento ou por razão de seu princípio ou causa, este de per si é múltiplo e em certos aspectos, um, como sucede ao que numericamente é muitos, e um pela unidade de sua espécie. Portanto, dizer que o ser se divide em um e muitos significa que de per si é um e em determinados aspectos é muitos, pois a mesma multidão não estaria compreendida no ser se de algum modo não o estivesse na unidade”.

316d

“Um se opõe a muitos, mas de diversas maneiras. A unidade, que é princípio do número, se opõe à multidão como a medida ao medido; pois a unidade tem razão da primeira medida, e o número é uma multidão medida pela unidade, como diz Aristóteles. E ainda mais, o um que se identifica com o ser, se opõe à multidão como o indiviso se dividido, ou seja como uma privação”. (Tomas de Aquino, Suma Teológica, I, q. 11.a 2.)

Todo este artigo é cheio de sugestões importantes. Faremos sua reprodução para sobre ele tecermos os comentários dialéticos que se impõe.

“Nenhuma privação anula inteiramente o ser... (traduzir até o final e realizar posteriormente os comentários).

316e

“... Vemos que todas as coisas existentes estão ordenadas entre si, já que umas servem a outras. Mas coisas tão diversas não se coordenariam num só plano se algo que seja um não os ordenasse, pois em toda multidão, melhor impõe a ordem um que muitos, já que um é de per si causa da unidade, e muitos não causam mais a unidade mais que acidentalmente, isto é, enquanto de alguma maneira são um. Portanto, como o que ocupa o primeiro lugar é de ser o mais perfeito enquanto tal e não acidentalmente, o primeiro que submete todas as coisas à mesma ordem, necessariamente há de ser um e único, e isto é Deus”. (Tomás de Aquino, Suma Teológica I qu. 11 a 3)

...

317

Reproduzir da Suma págs. 386, 387 e 388 (importante para a teoria dos esquemas noéticos).

...

318

“... cada ser é conhecido pela imagem que dele tem o cognoscente. Mas tal pode ocorrer de dois modos, porque como as coisas que se assemelham a outras são semelhantes entre si, pode a faculdade cognoscitiva assemelhar-se ao conhecido de suas maneiras. De uma, quando diretamente a informa a imagem do objeto, e neste caso conhece-o em si mesmo. De outra, quando o entendimento está informado pela espécie de algo que é semelhante ao objeto, e neste caso não se diz que se conhece o objeto em si mesmo, mas em sua imagem; e por isto não é o mesmo o conhecimento que se tem de um homem visto diretamente e o que se tem quando se lhe conhece por seu retrato. Portanto, conhecer as coisas por meio de suas próprias espécies recebidas no cognoscente, é conhecê-las em si mesmas; mas conhecê-las segundo o modo com suas representações preexistem em Deus, é vê-las em Deus; e estes dois gêneros de conhecimento são diferentes. Logo o modo como vêem as coisas em Deus os que vêem a essência divina, não consiste em vê-las por meio de

imagens estranhas a Deus, mas por sua mesma essência, presente ao entendimento, pela qual do mesmo modo vêem a Deus”.

E mais adiante: “Há potências que com as espécies primeiramente recebidas podem formar outras novas; por exemplo, a imaginação, que, a base das espécies de monte e de ouro, forma a de monte de ouro, ou o entendimento, que com os conceitos de gênero e de diferença forma o de espécie”. (Tomás de Aquino, Suma Teológica, 1. Q. 12,a 110)

...

319

“Cuius ratio est quia, sicut supra dictus est, modus cognitionis sequitur modum naturae rei cognoscentis”.

(A razão é porque, segundo dissemos, o modo do conhecimento é proporcionado ao modo de ser do que conhece). (Tomás de Aquino, Suma Teológica, I, q. 12. a 11)

...

320

“Com a sua razão natural nada conhece a alma sem alguma imagem sensível, como diz Aristóteles. Mas como em nós não pode haver imagem sensível de Deus, porque é incorpóreo, segue-se que não podemos conhecê-lo com conhecimento natural”. (Tomás de Aquino, Suma Teológica, I q. 12 a 12).

...

321

“... secundum Philosophum, voces (palavras) sunt signa intellectuum (sinais dos conceitos), et intellectus sunt rerum similitudinem (representações, semelhanças das coisas). Et sit potest quod voces referentur ad rem significandas (as palavras que se referem as coisas de que são sinais), mediante conceptione intellectus (por intermédio dos conceitos intelectuais). Secundo igitur quod aliquid a nobis intellectus cognosci potest, sic a nobis potest nominari (consequentemente, na medida em que podemos conhecer uma coisa, podemos impor-lhe um nome).

...

322

“... aeternitas includit omne tempus (inclui a eternidade todos os tempos); sicut enim simplicia substantia non possumus apprehendere et significare nisi per modum

compositorum (pois assim como não podemos conceber e expressar o que é simples senão a maneira como concebemos o composto), ita simplicem aeternitatem non possumus intelligere vel voce exprimere, nisi per modum temporalium rerum; et hoc propter connaturalitatem intellectus nostri ad res compositas et temporales (tampouco podemos entender nem enunciar a eternidade que é simples, a não ser à maneira como concebemos as coisas temporais e tudo isto devido à conaturalidade ou proporção natural que há entre nosso entendimento e os seres compostos e temporais) ”. (Tomás de Aquino, Suma Teológica, I, q. 13 a 1)

...

323

“... Pois é coisa sabida que nosso entendimento conhece de modo imaterial as coisas materiais inferiores a ele, não porque pense que são imateriais, mas porque tem um modo imaterial de conhecê-las. Assim mesmo, quando conhece as coisas simples superiores a ele, as entende segundo sua maneira de entender, ou seja na forma de compostos, pois sem que por isso entenda que são compostas. Por isso se vê desde logo que não há falsidade em nosso entendimento quando formula proposições compostas referentes a Deus “. (Tomás de Aquino, Suma Teológica, I q. 13 a 12)

...

324

“... pluralitatem quae est secundum rationem, representat per pluralitatem predicatu et subiectit: unitatem vero representat intellectus per compositionem (a pluralidade de sujeito e predicado é o que representa a pluralidade de razões ou conceitos, e sintetizando-os é como o entendimento representa a unidade”. (Tomás de Aquino, Suma Teológica, I q. 13 a 12)

...

325

“...scientia est secundum modum cognoscentie; acitum enim est in sciente secundum modum scientia” (a ciência segue o modo de ser do que conhece, pois o conhecido está ao que conhece conforme seu modo de ser). (Tomás de Aquino, Suma Teológica, I q. 14 a 1)

...

326

E diz Aristóteles “que no ato de entender, o entendimento e o inteligível são uma mesma coisa, como no de sentir são uma mesma coisa o sentido e o sensível, pois entendemos e sentimos, do fato, devido a que entendimento e sentido estão, de fato, informados naquele instante pela espécie sensível ou inteligível, e o único pelo que o sentido e o entendimento se diferenciam do sensível ou inteligível, é porque um e outro estão em potência (Tomás de Aquino, Suma Teológica, I. q. 14 a 2)

...

327

“... intelligere non est operatio exiens ab ipso operante, sed manens in ipso (entender não é operação transeunte, das que saem do agente, mas imanente, ou das que permanecem nele”. (Tomás de Aquino, Suma Teológica, I q. 14 a 4)

...

328

“A proposição uma coisa é conhecida segundo o modo de ser que tem no cognoscente, pode entender-se de duas maneira. Uma, quando o advérbio segundo designa o modo de conhecer por parte da coisa conhecida, e neste sentido é falso, pois o sujeito cognoscente nem sempre conhece o objeto segundo o modo de ser que tem nele, e assim os olhos não conhecem uma pedra segundo o modo de ser que tem nos olhos, mas que, pela espécie ou imagem da pedra que os olhos tem, conhece a pedra segundo o de ser que tem fora dos olhos. E ainda no caso em que o cognoscente conhece o objeto segundo o modo de ser que tem nele, nem por isso deixa de conhece-lo segundo o que tem fora, e assim o entendimento, quando conhece que entende, conhece, v. gr., uma pedra segundo o modo de ser com que está nele, mas sem deixar de conhece-la em sua própria natureza. Mas, se o advérbio segundo designa o modo de conhecer por parte do que entende, é certo que o cognoscente só conhece o objeto tal como está nele, e quanto maior seja a perfeição com que o conhecido está no que conhece, mais perfeito será o modo de conhece-lo. (Tomás de Aquino, Suma Teológica, q. 14 a 6)

...

329

“A essência das criaturas se compara com a de Deus como o ato imperfeito com o perfeito, e por isto não é suficiente a essência da criatura para levar ao conhecimento da divina, mas sim ao contrário”. (Idem, q. 14 a 6)

...

330

“Idea enim graece, latine forma dicitur: unde par ideas intelliguntur formas aliarum rerum, praeter ipsas res existentes(ideais entendamos a forma de uma coisa existente fora dela). E mais adiante prossegue:

“...não obraria o agente com vistas à forma se em si mesmo não tivesse sua semelhança, coisa que pode ocorrer de duas maneiras. Há agentes nos quais a forma do que hão de fazer preexiste em seu ser natural, qual sucede nos que obram pela natureza, como no homem quando engendra o outro homem, ou no fogo quando acende fogo. Mas noutros está por seu ser inteligível, e assim está nos que obram pelo entendimento; e deste modo preexiste a semelhança de um edifício na mente do arquiteto e tal se pode chamar idéia do edifício porque o arquiteto se propõe a fazê-lo semelhante à forma que concebeu no seu entendimento”. (Ibidem, I. q. 15. a 1)

...

331

Tempo, espaço e pensamento

Segundo Kant, a forma universal no sentido exterior é o espaço; do interno é o tempo. Mas tempo não é um contraconceito de espaço.

Tempo é o espaço interior, a manifestação do espaço interior que se apresenta como tempo. A potência do tempo é levada ao exterior (espaço) e nos faz compreender o espaço-tempo, forma já configurada das duas formas universais. Não há tempo sem espaço nem espaço sem tempo para nós (isto é, impõe-se algo que é tempo e espaço) O pensamento tem tempo, por isso nele não se “encontra” a espacialidade, argumento que pouco favorece aos espiritualistas. Mas, por ser tempo, é espaço também, porque o pensamento é algo, um proceder de algo. Todo fenômeno exhibe espaço e tempo; não o em si (como o afirmava Kant). O pensamento não é um em si, mas um determinado exibir do tempo, um espaço fenomenizado (interior).

...

232

Tensões

As tensões são unidades de ordem. São tensões esquemáticas (skesis) as que formam unidade da essência.

...

333

O valor nas tensões

Os componentes de uma tensão tem seus valores antes da formação da tensão, outros quando estruturados nas tensões. Os primeiros são virtualmente, total ou parcialmente, e os segundos são atualizados total ou parcialmente.

A tensão, por sua vez, revela novos valores, atuais e potenciais, diferentes dos valores atuais dos elementos componentes.

A tensão, por ser qualitativamente diferente, atualiza valores que não estavam contidos senão como possibilidades nas partes componentes, quando estas ainda não a constituíam, mas se tornam potenciais e atuais, quando esta se realiza.

Os valores variam nas tensões segundo sua alteridade.

Os valores potenciais das tensões são atualizados quando em face de outras estruturas ou quando das fases do seu processo tensional

...

334

Tensões – págs. 45-46-60 – “L’enfant de 5 a 10 ans”, Arnold Gesell.

...

335

Unidade e tensão

A unidade é a propriedade do que é uno (um), do que é indiviso. A unidade é indivisa porque recusa divisão, que a desintegraria e deixaria de ser unidade. Mas a unidade é formada de múltiplos (salvo as unidades de simplicidade de que falam os metafísicos como o puro espírito). Portanto é uma unidade de composição.

Assim a tensão é formada de múltiplos e implica a indivisão, porque é unidade e deixaria de ser tal se fosse divisível. Mas o que forma uma unidade é indiviso enquanto tal,

mas não é indivisível quantitativamente, embora o seja qualitativamente. Separa-se assim divisão de divisibilidade.

A divisão é impossível na unidade porque a nega e acaso realizada é a sua desintegração. Mas a divisibilidade quantitativamente considerada é, pelo menos, abstratamente possível e, em muitos casos, também fisicamente possível.

Toda tensão é um ser, tem a eficacidade própria da integração, que é a unidade, como toda unidade é conseqüentemente ser. Por isso é que os conceitos ser e unidade são convertíveis. Numa tensão, os elementos componentes são por sua vez tensões, outras unidades, e assim sucessivamente. Resta-nos saber se encontramos um ser último, uma unidade de simplicidade, como o átomo dos filósofos, o qual seria indiviso e indivisível.

...

336

Imanência e transcendência nas tensões

A nossa concepção tensional resolve o problema da imanência e da transcendência, pois as tensões, ao revelarem os saltos qualitativos que estudaremos, nos mostram a melhor solução a esse problema tão fundamental da e na filosofia clássica.

...

337

Transcendente e Imanente

O sumo transcendente é o sumo imanente de nossa vida sobrenatural.

...

338

Tensão como transcendência

Toda a idéia tensional nos leva a compreender a transcendência. Toda tensão é ato, e como ato transcende a si mesma, ao atualizar suas possibilidades, que transcendem aos elementos componentes. O ser supremo é eficacidade transcendente, que por isso se eficientiza no existir, no imanente que por sua vez regressa no transcender de si mesmo, ao ser supremo (Possest).

...

339

Eternidade e tempo

“Para Santo Tomás, a eternidade quanto suspensão e fuga do tempo é uma eternidade imóvel, mas de uma imobilidade que não supõe sempre a imobilidade do conceito e do lógico, porque pode ser imobilidade que abarque o movimento. A distância que vai de uma à outra parece ser a mesma distância que vai da pura identidade à plenitude espiritual. Ambas são imutáveis, mas de uma imutabilidade de distinto grau: a primeira é pobreza existencial absoluta e absoluta imanência; a segunda é riqueza existencial absoluta e absoluta transcendência. A primeira necessita receber tudo, a segunda não só não necessita receber nada, como pode dar infinitamente sem nada perder de sua essência”.
(Ferrater Mora)

...

340

Tempo

Por não podermos abarcar simultânea e totalmente a existencialidade geral, surge-nos a representação e a simbolização do tempo. Da mesma forma, a simbolização do espaço decorre do fato de termos apreensões descontínuas (aspectos como partes de um todo) que nos oferecem visões sucessivas.

A representação do tempo é um resultado de ação, e esta resulta da impossibilidade de um conhecimento total.

...

341

Tensão orgânica e inorgânica

Numa tensão orgânica e numa inorgânica, há a seguinte diferença que característica da vida: a tensão orgânica, quando desintegrada, as partes entram também em decomposição. Ou: a decomposição de uma tensão orgânica tende a tornar-se integral, tanto no todo como nas partes. A tensão inorgânica as partes componentes quando da desintegração não entram em decomposição.

A tensão orgânica não permite a análise química e posterior síntese; enquanto a tensão inorgânica permite a análise química e posterior síntese.

Revelam tais fatos: que as tensões tem graus e portanto são ordenáveis hierarquicamente. Estabelecer a hierarquia das tensões.

...

342

O nexo entre as tensões

Os nexos entre as tensões surgem da própria forma no complexo tempo-espacial.

...

343

Esquema como Gestalt

Toda compreensão a uma situação dada (por extenso que seja o sentido atribuído à palavra “compreensão”) aparece como uma estrutura e não como associações ou sínteses de elementos isolados. (Neste caso o esquema pode ser comparado a uma Gestalt).

...

344

Coordenação de esquemas

A coordenação de esquemas não deve ser considerada como associações. Eles funcionam como tensões. Operam por assimilação recíproca, quer dizer, graças a um processo que tem mais de reorganização global de que meras associações. Essa reorganização transfigura-se ao atingir a formação de um esquema tensional que apresenta consequentemente qualidades novas e originais, não atualizadas nas partes componentes.

...

345

A ordem da unificação dos esquemas tensionais

A unificação dos esquemas tensionais não se processa por meio de uma força de unificação, como o pensam os vitalistas, e, na psicologia, também a negam gestaltistas e outros. Os processos cósmicos, como bionômicos, como sistemas de relações são suficientes para explicar a ordem que se forma e lhes dá coerência, sem a necessidade de forças substanciais. Distingamos:

- a) a ordem da predisponência;
- b) a ordem da conexão.

A primeira surge do funcional; a segunda, das possibilidades internas (emergência). Não é qualquer disposição que cria uma nova ordem. Impõe-se que, na hora da estruturação, haja a possibilidade (emergência) da adaptação. O meio é um fator importante, mas não é o único, nem o definitivo.

...

346

Os esquemas como Gestalten c/ história

Os esquemas, na psicologia, são Gestalten, mas dinâmicas, com história.

Demonstremos:

...

347

Esquema e Gestalt

Pode aproveitar-se da Gestaltheorie o que descobre de atividade no nosso espírito, mas tem de rejeitar-se o apriorismo estático e substituí-lo por um relativismo genético, propõe Piaget.

Uma Gestalt não tem história porque não conta com a experiência anterior, enquanto um esquema, na psicologia, resume em si o passado e consiste assim sempre numa organização ativa da experiência vivida.

...

348

Tempo e espaço no pensamento operatório

Os sistemas tempo-espaciais dos objetos e dos movimentos e os processos sensório-motrízes são coordenadas que fatoram o pensamento operatório, porque espacialmente vamos e vimos, e o fazemos numa sucessão de tempo. O racional teria de ser espacial porque é o espaço que se repete e não o tempo, sempre outro, mas este espaço é este espaço, hoje e sempre.

...

349

Possibilidades numa conjuntura de tensões de novas tensões

Como já vimos, os elementos componentes de uma tensão, o seu numeroso, constituem por sua vez elementos componentes de outra ou outras tensões. Numa tensão, como num conjunto de tensões, há em potência outras tensões que se atualizarão segundo as coordenadas das conjunturas. Essa possibilidade revela a emergência e as conjunturas atuam como predisponência. A captação desses esquemas potenciais pelo homem é uma

das mais significativas características do ser humano, bem como pode revelar sua capacidade intelectual.

...

350

Assimilação e acomodação nas tensões

A interatuação das tensões se processam por meio da adaptação, segundo os seus períodos

adaptação {
assimilação
acomodação

que, por sua vez, favorecem as mutações tensionais.

...

351

Crítica à lei da pregnância

As boas formas (lei da pregnância) não sugerem por si sós, mas sempre em função de uma procura prévia, e que esta, longe de se confundir com uma maturação ou um exercício simples, constitui uma procura real, isto é, implicando a experimentação e o controle, é o que nos revela Piaget. O tacteamento é uma atividade extra-inteligente destinada a substituir pelo empirismo das descobertas fortuitas as reorganizações demasiadamente difíceis de realizar sistematicamente. (Piaget)

...

352

A não-contradição

O princípio de não-contradição não impede a compatibilidade de opostos numa estrutura nem a incompatibilidade entre elementos semelhantes.

...

353

Generalização de um esquema

Um esquema generaliza-se pela sua aplicação a circunstâncias cada vez mais variadas. Para a Gestaltheorie a estruturação resulta de uma necessidade intrínseca e não da experiência, e que ela decorre das condições do próprio sujeito.

...

354

A quem servem os esquemas

Os esquemas, uma vez constituídos, servem de instrumento à atividade que os engendrou, como os conceitos, uma vez surgidos do ato judicatório são o ponto de partida de novos juízos. (Piaget) Ação interna dos esquemas (sua atividade imanente, por meio de adaptações-assimilação-acomodação).

Essa atividade explica a existência dos esquemas.

...

355

Inteligência

A atividade da inteligência é a atividade assimiladora e acomodadora de esquemas nos primeiros graus; e a atividade criadora de esquemas nos graus superiores.

...

356

Objetividade dos esquemas abstratos

“Podemos crer na objetividade do abstrato, ou melhor do esquemático, sem cair no platonismo. Só o materialismo poderia desconhecer a importância das classes, quer dizer das formas que se assemelham”. (Ruyer)

...

357

Influência dos esquemas na realidade social e vice-versa

As coordenadas de uma realidade social influem sobre os esquemas dos elementos humanos componentes (esquemas de grupo, históricos, culturais, individuais, etc.). que por sua vez atuam sobre a realidade. Por isso o realismo mais objetivista é ainda subjetivismo.

...

358

Relativismo dos esquemas

O relativismo das estruturas afirma, no entanto, invariantes: estas são mais de ordem funcional que estrutural (tensão, coerência como invariante da estrutura, mas gradativa). A coerência é bem um conceito dialético, pois é invariante-variante, além de presente sempre

nas tensões que a revelam, varia gradativamente. Assim explicaríamos, dentro do relativismo axiológico das estruturas, as formas boas das formas más, segundo correspondessem melhor ou não a dupla exigência da organização e da adaptação da atividade psíquica (interdependência da assimilação e da acomodação).

...

359

Pensamento simbólico e intuitivo

Sintetizar os anteconceitos, a língua, a transdução, analogias expostos por Piaget em “Psychologie de l’intelligence”, p.150/166. O pensamento operatório, de 166 em diante.

...

360

Esquemas da formação dos conceitos

Síntese da psicogênese até o ante-conceito e deste ao conceito. A técnica e a magia. Os conceitos e o pensamento conceitual e categorial lógico, em face do pensamento ante-conceitual e categorial mágico.

...

361

É assimilável apenas o semelhante; é semelhante apenas o que é assimilado. Consciência do diferente.

...

362

Construção da realidade e do pensamento na criança

“Para construir um espaço, um tempo, um universo de causas e de objetos sensório-motrízes ou práticos, a criança precisou libertar-se de seu egocentrismo perceptivo e motor; é por uma série de descentrações sucessivas que se chegou a organizar um grupo empírico de deslocamentos materiais, ao situar o seu corpo e movimentos próprios por entre o conjunto dos outros. A construção de grupos e grupos operatórios do pensamento vai necessitar de uma inversão de sentido análogo, mas no curso de itinerários infinitamente mais complexos: tratar-se-á de descentrar o pensamento, não somente em relação à centração perceptiva atual totalmente, mas em relação à própria ação. O pensamento, nascendo da ação é, com efeito, egocêntrico em seu ponto de partida exatamente pelas

mesmas razões que a inteligência sensório-motriz é de início centrada sobre as percepções ou os movimentos apresentam de onde ela procede (Piaget, “Psychologie de l’intelligence” p. 146/147)

...

363

Tensões

Dialética da intensidade e da extensidade

Em toda tensão há a dualidade dos fatores de intensidade e de extensidade, bem como sua contemporaneidade de presença, apesar da escalaridade intensista e extensista.

Passemos à demonstração:

...

364

Tensões

Dialética do epimeteico e do prometeico

Cada tensão deve ser considerada sobre os seguintes aspectos

- | | | |
|-----------------|---|----------|
| a) o epimeteico | { | proteico |
| b) o prometeico | | |

...

365

Para a teoria das tensões

“A quem tem se dará...” Estas palavras do Evangelho são significativas.

...

366a

Atributos do Possest (Deus)

Partamos dos seguintes postulados:

- a) aceitamos o pluralismo substancial. Teríamos então; 1) totalidades substancialmente diferentes, cooperando para realizar o acontecer total; 2) a cooperação implica uma ordem comum, portanto uma identificação.
- b) Se essas pluralidades fossem indiferentes e independentes. Então: 1) não haveria cooperação, coordenação. Não haveria uma ordem, mas diversas

ordens. Mas teríamos de aceitar a eficacidade das substâncias diferentes, logo haveria um ponto de identificação entre eles, por serem eficazes, por serem.

Em qualquer dos dois casos, não podemos deixar de rigorosamente concluir pela afirmação de um todo só e único (o Ser, o Possest). Todo monismo de qualquer espécie, como todo pluralismo coincidirão fatalmente na mesma afirmação. Daí decorrem:

366b

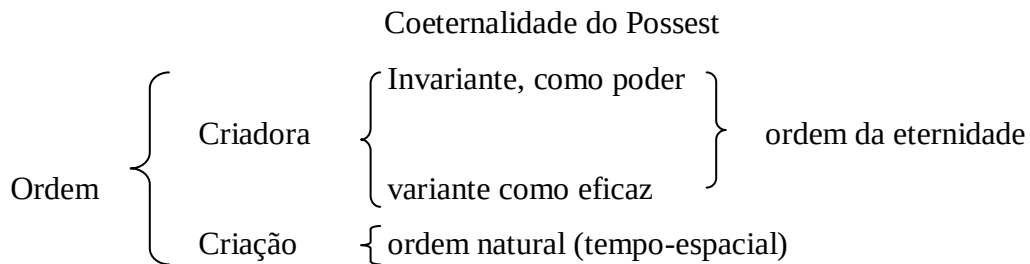
- a) o todo (Possest) é único;
- b) é absoluto, portanto;
- c) é onipotente (é tudo quanto pode ser) e pode ser tudo porque é tudo;
- d) é infinito (pois nenhum outro o delimita);
- e) onipresente (pois é tudo e é ato em tudo);
- f) eterno (pois não viria do nada, senão o nada teria eficacidade e seria ser e não, nada); como também não pode deixar de ser, porque é, e deixasse de ser não seria eficacidade e sim ineficacidade;
- g) é maximum e minimum (pois não pode ser mais, pois do contrário não seria tudo quanto pode ser, nem menos, porque do contrário deixaria de ser);
- h) qualitativamente e quantitativamente imutável (pois, enquanto todo, se mudasse, qualitativa e quantitativamente, deixaria de ser para ser outro do que é, e esse outro ou estaria nele ou fora dele. Se fora, então não seria ele tudo quanto pode ser, se nele, então já era ele, porque é tudo quanto pode ser. Dessa forma imutável, encerra a mutabilidade que é da parte em si, sem ser a parte. Assim o monismo não se confunde com o panteísmo);
- i) intelectual e páthico, porque escolhe entre possibilidades na parte, sem deixar de estar fundido totalmente em si mesmo;
- j) onisapiente, porque todo saber está incluído no todo e é ele a ordem do todo (em qualquer plano que se afirme esse saber, é ele esse saber);
- k) livre, absolutamente livre, porque não tem outro que o delimite;
- l) todo-amor, porque une na mais perfeita união;
- m) anarchos, agenitos, autophyê, autogenetos (livre absolutamente, não criador por outro, criador de sua própria espiritualidade e de si mesmo, na linguagem dos geólogos);

- n) como tensão total, inultrapassável, é a perfeição absoluta;
- o) providencial, porque nada se fez fora de sua ordem, a qual providencia de antemão para o que possa acontecer.

366c

Dessa forma, dos princípios, positivities que se possam atribuir a Deus, através das diversas teologias, a idéia de Possest as inclui dentro de qualquer concepção monista, desde que não procure escamotear os grandes problemas.

366d



O Possest (Deus) é a tensão total, absoluta, criadora e eficaz.

Nele a eternidade e a eficiência se confundem, como nele todos os opostos coincidem.

Ser eficaz é ser identicamente inverso.

A eficacidae implica a transitividade inversa.

Uma eficacidae homogênica na eficiência seria ineficaz, logo a eficacidae implica trânsito, sem deixar de ser eficaz. Pois a eficácia é eficaz sendo eficaz .a...

O Possest é eterno, mas sua eficacidae cria a transitividade, a ação. É ato puro, mas como todo ato, opera na ação. O ato híbrido, do existir, opera na ação que é a potência operativa. Toda ação não é totalmente ato, portanto, porque implica a potência, o que ainda não se atualizou plenamente. Nesse caso, no ato híbrido em ação, há o in-ação, o inacional. A ação é eterna no existir, mas coeterna com a inação, que por sua vez é eterno, também. Entre o devir da ação está o eterno in-ação.

No Possest os opostos se coeternizam (coincidentia). A eficacidae pura do Possest, ao eficientizar-se, eficientiza a potência e a eficacidae do ato existencial, que qualitativamente é igual, quanto a eficacidae à eficacidae do Possest, mas é pela hibridez do não-acional, limitada por este.

366e

Se o Possest se eficientisasse homogeneamente, seria apenas e totalmente como todo sem partes e teria uma eficacidade que não transitaria (a procissão de Plotino). O Possest não criaria, porque seria somente a si mesmo e não realizaria o seu poder de criar. E como é livre e tem em si o infinito de todo o possível (já que o impossível em face do Possest é nada), ele escolhe entre suas possibilidades coeternas, que, no âmbito do Possest são ato puro, mas que no âmbito do existir são modalidades do período de criar, o que nos surge portanto, como ato e potência.

Se o Possest permanecesse homogeneamente um-todo-sem-partes, um homogêneo só, seria nada, não-ser, em vez de ser. Se ser é eficacidade, é positividade, esta exige um transitar para... Dessa forma, o Possest para ser eficaz, cria os opostos. Estes não poderiam ser de ordens absolutamente diferente, pois do contrário se separariam de tal forma que seriam impossíveis, pois já vimos que algo homogeneizaria os múltiplos (e serem eficazes e, portanto, serem Ser).

Por isso esses opostos exigem uma identidade (homogênea). Desdobrando-se em opostos, o Possest é plenamente tudo quanto pode ser, pois os opostos encerram os extremos e os graus da escalaridade intermédia. Portanto, tais opostos seriam inversamente idênticos. Seu poder absoluto leva-o, assim a desdobrar-se em potência e ato. Potência como passividade e atividade. Passividade para receber a modelação do ato e limitá-lo, no existir. O ato, como atividade e possibilidade, porque ao ser limitado pela potência, por sua vez, limita esta. Assim potência é identicamente inverso a ato. Ambos coincidem no Possest. E seu cooperar (pois não co-ordenados a opor-se um sobre a outra) realiza o existir como oposição e devir.

Por isso, tomar a parte enquanto parte é tomá-lo separadamente. Concrecioná-la, através dos conceitos dialéticos é compreendê-la como parte e como todo. Mas o Possest é eterno e na eternidade não há princípio sem fim. Portanto esse opor-se dos opostos é coeterno com o Possest e constrói a sua coeternidade (coincidência dos opostos).

Nele o que podia ser, que é para nós, era, é e será.

...

367a

Possest – A possibilidade no Todo – Homogêneo-heterogêneo no Todo

Para o todo (Possest) não há impossível, porque o impossível é um conceito que exige o contorno, o limite do possível. Não tem, por si, perfil, porque o impossível não é. Falta-lhe positividade e sistência, do contrário passaria a ser e deixava de ser impossível para ser possibilidade. O conceito de impossível é inseparável de possível. Só é impossível o que não pode realizar-se. O não implica uma recusa e também um limite. Ora o todo, enquanto todo, não tem limites e sim perfil. Tudo nele é possível. O impossível ficaria fora dele. Mas fora dele é nada, logo o impossível para o todo é não ser, é nada metafísico. O impossível é assim um conceito que nós formamos ao intuirmos os limites das tensões.

Partindo do singular e do particular, podemos concluir que o heterogêneo acontece. Se acontece é que era, é e será possível. O todo, na parte, tem a possibilidade de ser heterogêneo, do contrário afirmaríamos a impossibilidade do heterogêneo que acontece.

Procurar explicar o heterogêneo pelo homogêneo é escamotear o problema e não resolve-lo, porque acontece a heterogeneidade. Portanto o Todo (Possest) tem o poder de ser tanto homogênea como heterogeneamente.

367b

O homogêneo e o heterogêneo cooperam, como conceitos, para a afirmação do poder infinito do Possest, pois se só fosse ele homogêneo, não poderia ser heterogêneo, e enquanto homogêneo é sempre o mesmo, igual.

O homogêneo e o heterogêneo formam, como conceitos dialéticos as identidades inversas, que coincidem na unidade do Todo (homogêneo-heterogêneo).

...

368a

O Possest e a sua onipotência

A pergunta desesperada dos que perguntam: por que antes o ser do que nada? Não seria melhor o nada que o ser? Por que o ser não se destrói a si mesmo? Se o pode por que não faz? Se não o pode, não é consequentemente todo poderoso.

Tais perguntas revelam bem o espírito de decepção que nesses últimos séculos, de tanto progresso e de tantas realizações técnicas, vem crescendo no homem que, desesperado ultimamente pela seqüência dos fatos e por viver numa era de absoluto barbarismo dos regimes totalitários, ora desesperançado para a vida e preferiria perguntar mais pelo nada, pela aniquilação, do que pela afirmação do ser.

A tibieza desses homens, frutos desse niilismo que Nietzsche tão bem estudou, precisou em suas linhas, e marcou os rumos que seguiria como fatalidade (porque toda fraqueza humana aumenta com aceitação da fatalidade, e o homem é fraco quando a aceita) leva-os ao desespero da nossa hora e proclamar sua preferência pelo nada. Nunca tal tema viveu com tanta intensidade nas páginas da filosofia. Nunca o homem acariciou uma idéia tão ausente de conteúdo como essa que, como um fantasma criado, pelo próprio homem, serve-lhe até, para sobre o nada construir sistemas novos e novas interpretações, como se tal fosse possível e não se desse apenas a construção de suas decepções, abstraídas de suas notas fácticas, a sua vontade (e bem afirmativa) de não-ser, que os leva a afirmar aquilo por uma má visualização dos temas filosóficos, que seria o contrário total, completo, de tudo quanto são, e quanto vivem. Mas deixemos a análise psicológica dos niilistas modernos passivos negativos para outra oportunidade e examinemos, com a filosofia e a dialética, as perguntas feitas.

368b

Por que antes o ser do que o nada?

Perguntar pelo nada como se fosse possível deixar o ser de ser e dar-se apenas o nada, ou antes nunca ter existido nada, e um grande nada nadificando a si mesmo, um grande vazio esvaziado tão esvaziado que até de si mesmo estaria esvaziado, o nada absoluto e único e total, eis em conceitos, o que se poderia aceitar.

Nesse caso, todo existir não existiria e o nosso desesperado não teria vindo a este mundo e tudo seria, para ele, muito melhor. Mas sucede que nosso espírito é afirmativo sempre e quando quer negar o faz afirmando através de uma recusa. E jamais podemos falar no nada como nada, sem lhe emprestar algumas afirmações que lhe dão ensidade, através até de nosso pensamento que o enche por mais que o esvazie.

O nosso próprio desesperado só pode perguntar por tal porque é, porque já se dá, e depois, devemos partir de onde estamos e não de onde não estamos.

O nada não poderia dar-se antes do ser, nem sem o ser, porque o nada não teria eficacidade por ser nada nem para ser nada.

A pergunta adoece de mal psicológico e é filosoficamente mal colocada, porque é do ser que parte a pergunta e o que o perguntante quer é deixar de ser o que é, como é, e não deixar de ser, embora o afirme com ênfase pois a própria afirmação enfática já nega as

suas palavras. Que o nada fosse melhor do que o ser, seria disparatado. Melhor para quem? Os valores se formam em função de hierarquias de valores e essas hierarquias tem seus portadores. Dando-se o nada, não há portadores, quando menos hierarquias de valores e valores.

E por que o ser não se destrói e passa a ser nada? Onde o seu poder, então?

368c

Ora, pela suspicácia, perguntemos pelo porque da pergunta. Que se entende por destruir-se? Deixar de ser pelo próprio poder de ser para ser outra coisa? Nesse caso passaria ainda a ser. De ser nada? E se negamos ao ser o poder de ser nada, negamo-lhe um poder? Absolutamente não. Tornar-se nada não seria um poder, mas um não-poder, seria negar a onipotência do ser que passaria a não ter poder porque passaria a ser nada. O não poder ser para o ser não é um limite do ser, ao contrário é a superação de qualquer limite. Não poderia o nosso filósofo tirar do ser o que desejaria provar: a sua todo-poderosidade pela negação da própria todo-poderosidade. Por não ser tão frágil que poderia deixar de ser, é que o Possest como ultrapassa todo o poder porque é todo-poderoso, cria eternamente. E como não poderíamos admitir nele graus de ser, pois teríamos de intercalar não-ser, os graus só nos podem aparecer no existir, nos modos de ser, e nos modos de existir, que a onipotência do Possest (o ser que pode) leva a criar em sua multiplicidade.

...

369

Participação da tensão

Toda tensão participante de uma tensão, e esta de uma série, participa da tensão como da série. E essa participação se manifesta analógica, distinta e limitadamente. Essa participação é participação também da perfeição da série.

Vejamos as referências:

...

370a

Sobre a participação em Tomás de Aquino

“Participare nihil aliud est quam ab alio partialiter accipere”. (In 2 de Coelo, lect. 18, a 6).

Portanto temos:

- 1) limitação (partialiter)
- 2) dependência quanto a um outro ser (ab alio). “Quaecunque non sunt esse sed habent suum esse per modum participationis...” (Pot. q. 3. a 5. 3 a. ratio). “... sicut Socrates dicitur homo non quod sit ipsa humanitas, sem humanitatem habens”. (LC. Gentes. 32)
- 3) esse habere é que marca a relação. Ter uma propriedade não é ser uma propriedade.

“Deus solus est ens per essentiam suam, omnia autem alia sunt entia per participationem, nem in solo Deo esse est essentia”. (3 C. C. 66, 6 a ratio).

“Solut Deus est ens per essentiam suam, quia ejus essentia est suum esse; omnis autem creatura est ens participatione, non quod sua essentia sit ejus esse”. (S.T. Iq. 104. a 1)

Ora o Possest enquanto tal é ser por essência própria. Nele se confundem essência e existência, porque não participa de outro, mas dele participam todas as partes que o compõem como elementos tensionais de sua tensão, que é, como já vimos, qualitativamente diferente dessas mesmas partes.

A participação não se define por um grau; ela não é de início limitação, mas distinção. Dessa forma, o participante é distinto do todo, (Possest), porque é parte.

Esclareçamos o conceito de distinção.

370b

O Possest porque é tudo e é o máximo de tudo é perfeito.

Nossa analogia está em nosso assemelhar-se imperfeitamente a ele, porque somos parte dele; a distinção consiste em termos uma perfeição sem sermos a perfeição; e a nossa limitação porque possuímos uma perfeição de maneira parcial.

Ora, tais conclusões fundamentam-se também na obra de Tomás de Aquino, ou pelo menos, nela, não encontram oposições, pois essas noções estão, como já vimos, pelas citações feitas e outras que faríamos se fossem necessárias, implícitas em sua obra. Vejamos, agora, como se colocaria ante as outras posições filosóficas e científicas.

...

371

O Possest

A água, no plano ôntico, é qualitativamente diferente do hidrogênio e do oxigênio, mas quantitativamente igual. O Possest é qualitativamente diferente das partes, porque não é apenas quantitativamente igual a soma das partes e, no ôntico, qualitativamente diferente, mas é no ontológico que se diferencia.

A água está coordenada com outros corpos e seres. O Possest, com todo e tudo, não é condicionado, mas condicionante-condicionado, porque é eficácia de todos os seres, que nele se eficientizam. Não poderia ser absolutamente diferente de todas as coisas, porque do contrário não seria tudo quanto pode ser.

Um problema capital para a teodicéia. O Possest surge-lhe como providência. E essa providência é algo mais que a eficácia que recebemos do Possest, nós, como tudo, e que nos permite fazer ou não fazer?

...

372

O ser da parte (participação)

“Os seres tem apenas uma perfeição parcial. Cada um dentre eles e não tal ou qual é isto e não aquilo. Sua essência limita sua existência. Não são por essência. Sendo limitado o seu ser, são seres por participação”. (Isaye)

...

373

Participação

Se a essência limita a existência, esse limita, por sua vez, a essência.

A essência metafisicamente considerada é perfeita na sua ordem. A imperfeição adviria da existência que a toma. Todo existir que é parcial nunca é perfeito porque sua essência é sempre transeunte, pois a existência que tem é sempre contingente-necessária. O que hoje é assim não o será amanhã, nem o foi ontem. É hoje assim por necessidade atual, mas por contingência na ordem universal. Dessa forma, só o Possest é sempre o que é. E, foi, será o que é. Por isso é eterno e imutável e nele coincidem a necessidade e a contingência, pois nele se fundem na eternidade e na atualidade pura. Na parte, a atualidade é sempre híbrida de contingência-necessidade.

....

374

A participação

A participação é a relação de uma perfeição parcial e complexa a uma unidade que é ao mesmo tempo perfeição total, aceitam os escolásticos. Estamos, em plena ordem qualitativa. “Na ordem qualitativa, a palavra “proportio” exprime a relação de uma grandeza dada a uma grandeza da mesma espécie – o minimum nessa espécie – tomado como unidade”(Isaye). Em ambos os casos a “proportio” é uma síntese de semelhança e de diferença (portanto analogia). A explicação ontológica dessa síntese deve residir em última análise no conjunto “ato-potência” realizado ou então como “matéria-forma”, ou então como existência-essência ou que est e quod est.

A expressão mais precisa da analogia para os tomistas é a que opõe a perfeição parcial à perfeição total. Dessa forma, para eles, Deus é um ser por essência, os outros, por participação. (...Deus est ens per essentiam, et alia per participationem”(1. q. 4. a 3 ad 3). Para os tomistas, a analogia não é explicada formalmente pela causalidade, portanto a participação que pela analogia se expressa também não se define pela causalidade “ex hoc quod aliquid est ens per participationem, sequitur quod sit causatum ab alio”. (1. Q. 44. A 1. ad 1)

...

375a

Irreducibilidade dos planos

A clássica tendência da redutibilidade, pelo valor unilateral que sempre teve, trouxe mais males ao desenvolvimento do pensamento humano que propriamente um bem. O plano físico-químico não pode ser o ponto da redutibilidade do biológico, do psicológico e do social, como pensam os mecanicistas; nem se pode reduzir o psicológico e o social ao biológico, como o quer o biologismo; nem tampouco o social pode ser redutível ao psicológico, como o pensa o psicologismo.

A esses quatro planos, que formam o quaternário das concepções esotéricas nos levam ainda a propor outros três, cuja demonstrações teremos oportunidade de fazer. Tais são:

- a) o plano astral;
- b) o plano cósmico;
- c) o plano do divino.

Para muitas concepções religiosas, o plano psicológico ainda deveria ser dividido em plano anímico e mental, o que os levaria a 9 planos. O plano cósmico encontraria ainda um plano intermédio o plano dos aevii, da aeviternidade (eviternidade) que fariam assim os 10 planos, que podemos distinguir:

- 1) plano físico-químico
- 2) plano biológico
- 3) plano psíquico
- 4) plano da alma
- 5) plano do espírito
- 6) plano sociológico
- 7) plano astral
- 8) plano cósmico
- 9) plano dos aevi
- 10) plano do divino – Síntese e concreção final do Todo

375b

As atitudes displicentes ou antagônicas que tomam geralmente as pessoas de um espírito vicioso científico e que querem reduzir a ciência humana apenas ao campo do limitadamente experimental, e dentro apenas da estreiteza de seus esquemas (pois quem não tem esquemas para ir mais longe, costuma considerar absurdo, porque soa-lhes surdo, ab-sur-dem, tudo quanto não lhes é assimilável) ridicularizando milênios de estudos e de observações sobre aspectos, ocultos aos olhos comuns, de nosso cosmos, revelam apenas uma fraqueza e não uma força. Realmente nos, no Ocidente, devido ao espírito de um cientificismo anti-científico tememos os absurdos e refutamos sempre por absurdo o que não podemos entender. Assim o fizeram ante Galileu, como ante Pasteur, como ante Einstein. Mas tais espíritos se obstaculizam o desenvolvimento da ciência não são tão poderosos que possam impedir outros estudos.

Nós não devemos temer os absurdos. A decialética nos ensina que precisamos de esquemas para conhecer o desconhecido. E esses esquemas precisam ser formados, estruturados. Depois, o que nos parecera absurdo é simples e claro. O que convém, antes de tudo é combater o espírito de caricaturização que é o ponto fraco, irreverente e indigno de

todos os néscios que falam sobre as doutrinas, opiniões, idéias que não conhecem senão de segunda mão e exposta, por sua vez, por outros néscios cheios de suficiência.

Analisemos tais temas e exporemos afinal a tese da irreducibilidade dos planos.

....

376a

O Possest

“Para demonstrar a unicidade de Deus, pode fazer-se alusão a outro fator especial. Assim como o conceito abstrato do ser é o mais pobre em compreensão e, conseqüentemente, o mais rico em extensão e o mais universal, segundo o princípio lógico: quo minor comprehensio, e o maior extensio, assim também o conceito do ipsum esse é o mais rico em compreensão e, portanto, o mais pobre em extensão, quer dizer, que não pode convir senão a um único ser”. (Fuetscher, op. cit. 99)

Aqui os extremos se tocam. O ser supremo, o Possest, é único. É tudo e único.

E prossegue: “Por outra parte, não é difícil deduzir diretamente do ato entitativo puro os atributos divinos. O esse como tal é a atualidade última; a forma pode estar em potência na ordem do ato entitativo, mas é impossível conceber o ato entitativo como em potência a respeito de outro ato. Se se dá, pois, o ato entitativo puro e subsistente, ficará absolutamente excluída dele enquanto tal qualquer potencialidade. Muito bem: como toda composição, quer substancial quer accidental, e toda mutabilidade, finitude, sucessão, na duração e na presença, ato, pressupõe necessariamente certa potencialidade, da mesma forma, Deus, por ser o ipsum esse é necessariamente simples, imutável, infinito, eterno, incomensurável, etc. Como além disso uma multiplicação do ato só pode ter lugar, segundo o tomismo, pela recepção numa potência subjetiva real, segue-se que o ato entitativo puro, como tal, é necessariamente único. Apenas de Deus se diz que é o ser em identidade real; enquanto que tudo o que não é Deus tem existência; esse participat, recipit. Estas mesmas idéias as encontraremos nos argumentos tomistas para provar a distinção real de essência e existência nas criaturas.

376b

Se não se desse tal distinção, as criaturas seriam iguais a Deus e, como Ele, seriam absolutamente necessárias, infinitas, etc., e não poderiam, portanto, ser criaturas. Toda a relação que o ser criado tem para com Deus, toda a sua dependência dele no começar a

existir, no ser e no operar, etc., assenta-se sobre a identidade real das mesmas em Deus. (Cfr. A 24ª tese tomista).

Afirma Fuetscher que não se pode considerar como perfeita nenhuma prova de Deus que não demonstre sua transcendência. A nossa teoria tensional nos apresenta Deus como transcendência e como imanência, sem cair no panteísmo. Por que Deus, o Possest é qualitativamente diferente, e superior em dignidade e valor infinitos a tudo quanto forma a imanência, delimitado e parcial.

...

377

O Possest

No Possest não há tempo; ele é eternidade. Por isso procurar uma razão do ser como se nos mostra no existir, seria procurar um antecedente e este já simplificaria o tempo. Ora, o Possest é em ato tudo quanto pode ser, portanto o que ele é, aqui e agora, tem sua razão fora do tempo, nele apenas e não precisa justificar-se porque do contrário teríamos de admitir um estado antes e um depois, e este seria possibilidade ante o primeiro. Nesse caso, o Possest não seria em ato tudo quanto pode ser, porque algo estaria em potência, o que implicaria tempo e o negaria ab-limine.

...

378

O Possest

Todas as tensões parciais são tensões em campos de coordenadas tensionais, portanto em oposição às outras, ora em antagonismo, ora em coordenação, ora em cooperação, ora subordinadas. Mas o Possest, com tensão final, global do todo, não se coordena, nem se subordina, etc. É uma tensão quantitativamente diferente de quaisquer outras. Como ato não tem qualquer hibridez, é puro, por si mesmo subsistente, coeterno consigo mesmo, a priori, portanto. Além disso, sua eficácia é própria e não advém de outro, portanto pura e não limitada, infinita, não tem limitação. Também não tem forma, porque ter forma é ser limitado, ter fronteiras com..., o que não se dá. Não tem contorno, mas perfil, em suma, é, plena e absolutamente é.

Sua eficácia absoluta distingue-se da eficácia da tensão que as relaciona, porque esta está limitada pelo que a constitui, como pelo que a contorna, limita-a. No entanto, há

analogia entre ambas. Nós somos também eficácia, mas nossa eficácia é a eficienticidade do Possest, como a nossa eficienticidade é sempre limitada à limitação já de nossa eficácia.

...

379a

Possest criador

Que é criar?

Que implica criar?

É ser o mesmo, espraiar o mesmo, a mesmidade? Não, criar é desdobrar o diferente. Não cria quem apenas realiza a si mesmo como é antes da criação. Criar é diferenciar-se. Criar é ativar-se através de aspectos diferentes, contraditórios.

Se Deus não pudesse criar não seria todo poderoso. E não o seria se permanecesse apenas ele mesmo. Para criar, teria que criar diferentes, como não poderia criar sua própria negação porque seria destruir-se e perder sua onipotência, de si mesmo desdobrou-se em contrários, em opostos, para que esses realizassem toda a gama do existir. E por isso Deus cria constantemente e se deixasse de fazer perderia sua onipotência, e é grande porque cria sempre. Não há aí nenhuma limitação porque criar é eternamente ilimitar-se, é eternamente ultrapassar-se.

Não queiram encontrar aí uma fraqueza. Onde há onipotência, não há fraquezas. Um ser eternamente criador não conhece fraquezas. Agora afasta de ti o tempo que é o limite. E compreenderá então que criar não é do tempo, criar é da eternidade.

Deus cria. Nele não o quando nem o onde. Na eternidade não há quando nem há onde; na eternidade, quando e onde se confundem. Por isso, ao eternizar-se do ato existencial, há a eterna presença de Deus. E ele está presente sempre onde colocamos o passado e onde colocamos o futuro. E mesmo quando fazemos o futuro, quando nós homens, pela nossa vontade e pela nossa liberdade, construímos novos roteiro para a nossa vida, nada mais realizados do que aquele ato eterno que em nós vida, como o é em todas as coisas.

379b

Não pode nossa vontade destruir a ordem universal. Nossa vontade apenas marca vetores, dispõe forças a nosso favor, mas as mesmas forças que usamos indicam que tudo se dá dentro da mesma ordem.

Nós somos livres porque conhecemos possibilidades, e ao conhece-las conquistamos nossa dignidade. Nossa liberdade não nega Deus, ao contrário o afirma.

...

380

O Possest

O Possest é porque é. A essência do seu ser é ser, eficacidade, ato. E porque é, e porque se afirma é idêntico e não se contradiz.

Não há contradição na tensão, enquanto tensão. A coerência da tensão é a sua homogeneidade e a sua identidade. Os elementos tensionais são heterogêneos, enquanto tais e separados. Como tensão constituída se identificam nela, e nela formam a identidade, que é coerência. O Possest como tensão suprema é idêntico a si mesmo, mas identifica faz coincidir em si todas as tensões elementares, das diversas esferas. O diferenciar-se dos opostos no Possest é um estar outro sem ser outro, porque ao estar outro não deixa de ser o que é. Sim, no Possest tudo é, mas está diferentemente, os opostos que nele coincidem são e porque são, nele, se homogeneizam, é um contradizer-se sem contradizer-se, porque no Possest tudo é.

....

381

Possest

A transitividade do ser determinado onticamente é a essência da potência, como sua eficacidade, e da sua efficientização, como ato. O Possest é ato puro porque nele eficacidade e eficiência coincidem eternamente.

...

382

Deus criador de formas substanciais

“... o fundamento último da diferenciação substancial... o constitui a riqueza infinita do ser divino, que se desdobra, por assim dizer, numa variedade de substâncias distintas individualmente...”(Fuetscher, op. cit. p. 223)

...

383

Tensão do Um

A tensão é número, e quando o é, é processo (vir-a-ser, devir). O Todo como UM é processo sem proceder, finito sem finitude, bem sem bondade, infinito sem infinitude, supremo sem supremacia, único sem unicidade, ser sem substância, ato sem ação, poder sem potência, existir sem existência, ser sem essência. Extremo e extremo, nele os opostos coincidem. Finitude, bondade, supremacia, unicidade, etc., são caracteres que marcam, distinguem, separam. Sendo Um não tem separação nem distinção, porque tais caracteres exigiriam o Outro.

...

384

O Possest

O Possest, por ser único, é o diferente absoluto, é a singularidade absoluta e a identidade absoluta. Poder-se-ia argumentar que a diferença absoluta exigiria outro, mas se houvesse outro não haveria uma diferença absoluta, porque esse outro seria, e tendo o ser teria com o Possest um ponto de semelhança, que impediria que houvesse entre ambos uma diferença absoluta. Entre o Possest e o Nada seria a proposta de outros. Mas essa também seria facilmente repelida, porque se o nada é hipostasiado teria eficacidade e ser e nesse caso seria e não como antes não-ser, nada, vazio absoluto de ser, portanto apenas um conceito que formamos por oposição ao ser, mas sem qualquer consistência em si. O podermos construir a idéia de nada, sem qualquer fundamento, mas dentro de uma atividade de esvaziamento do ser é a revelação maior do próprio ser do próprio Possest que se afirma e se diferencia por si absolutamente e nele faz coincidir a diferença absoluta com a identidade, que nele passam a ser o mesmo. É assim o Possest uma “coincidentia oppositorium”, coincidência de todos os vetores do ser, de todas as distinções possíveis.

...

385

A idéia de Nada é uma prova seu favor e não contradiz, porque o nada quando pensado só pode afirmar o ser e não a afirmar o nada porque não é consistente.

E por isso é único e por ser único nele coincidem os opostos, e é único porque nele coincidem os opostos. Se autonomizados os contrários que nele coincidem, temos:

- 1) dualismo, ao autonomizar o ser de seus modos (qualitativos e quantitativos);

- 2) panteísmo que vê a unidade dos contrários sem compreender a transcendência do Possest, enquanto tal, que se imanentiza no todo;
- 3) panenteísta, que aceita o existir dentro do Possest, como diferenciação funcional. O panenteísmo pode ser monopluralismo quando aceita a irreducibilidade das tensões, como a nossa posição, que evita assim a queda das aporias do panteísmo.

...

386

O Possest

Se o Possest é tudo quanto pode ser, e se ele é um pode ser múltiplo (é coeternamente um e múltiplo) e o múltiplo é ser outro do um, para ser “alguma coisa”(determinado portanto). O ser “alguma coisa” é ser outra coisa porque toda determinação aspira (nostalgia do Um) a ser tudo quanto pode ser (retorno ao Um).

O existir (Dasein) é o ser determinado que, por participar em si do um (do Possest) deseja retornar ao Possest (ser tudo quanto pode ser), por isso passa por tudo quanto pode ser determinadamente (alteridade como anelo da ipseidade). É o drama do acontecer de que falam tanto filósofos.

Esse constante devir (vir-a-ser) é o posse fieri que é o Possest em sua plena realização. O tempo e o espaço surgem como conceitos da alteridade. Extensidade e intensidade são as determinações do posse fieri.

Tudo quanto é determinado aspira ao ser tudo (vontade de potência de Nietzsche), por isso há atração e repulsão. Há um constante anelo do ser de ser tudo quanto pode ser. O ser determinado é também o ser outro de outro, porque não seria outro de outro se fosse tudo quanto pode ser, único, portanto. Só o ser tudo quanto pode ser é eterno e coeterno consigo mesmo. O Possest como Possest é coeterno; como devir é tempo. O ser determinado é transfinito. Sendo finito é também transfinito (devido à alteridade). Porque é transfinito anela o indeterminado, pois ao alcançar um limite, projeta-se além do limite.

...

387

O Possest e o Ato e Potência

Cada tensão tem um número indeterminado de possibilidades que se determinam ao atualizar-se. As possibilidades que distinguimos como potencial (potência ativa ou passiva em estado latente) estão contidas no ato. As possibilidades remotas, de menor probabilidades e os possíveis, formam o lastro hierarquicamente posterior. Sob o ângulo das possibilidades as tensões são limitadas quanto ao número embora seja este indeterminado. Mas sob o mesmo ângulo, o ser em suas manifestações é infinitamente possível. As possibilidades são símbolos da ordem de identidade inversa formadas pelos opostos em luta-cooperacional que geram o devir.

Essas ordenação são, em si, limitadas, mas limitam-se no acontecer. São dois infinitos que se finitizam na cooperação (no operar um com o outro) operação ora antagônica, ora em equilíbrio, ora em desequilíbrio. A potência surge então como o conjunto infinito dos números desse longo cooperar. Uma tensão, por limitar-se, limita-se no número das possibilidades. Mas essas são ilimitadas por falta de finitude até o momento da atualização. Tudo surge desse choque dos opostos que são simbolizados em todos os conceitos polares, em todos os vetores polares de conhecimento humano. São dois grandes atos, identidades eficazes, mas vetorialmente inversas. Potência, pensando em si, é do o infinito das combinações dos vetores inversamente idênticos: ato a eficacidade dos vetores, eternamente presentes, coeternos e ativante idênticos. A hibridez "ato-potência" de nossa observação é a decorrente da perspectiva da parte que se coloca ante a sucessão desse acontecer, eterno na eternidade, tempo na temporalidade. O tempo é apenas a sucessão do choque; a eternidade é o choque sem fim. Ato original e criador a eficacidade dos vetores. Possest a unidade dos vetores que nele se identificam; a "coincidentia oppositorium".

...

388

A imaginação em Cusa

A síntese em Nicolau de Cusa (connexio) precede ontologicamente o ser em ato que, ao ser em ato é também potência ativa e passiva. Toda alteridade é determinação, e toda determinação é negação. Na determinação a potência é determinada, portanto negada. A potência determinada é tudo-quanto-pode ser como determinação (potência real), o que ultrapassa a sua determinação é irreal (pode ser imaginada).

Assim a potência imaginada é ilimitada como imaginação e a imaginação é poder conceber um desdobramento ilimitado das possibilidades.

Há imaginação { Meramente irreal (sem possibilidades reais)
criadora (que se pode tornar real. É, portanto, já real em
potência)

A imaginação é a potência de conceber potências e atos, potências reais e irreais.

Limites do real { Razão e conhecimento lógicos
fatos anteriores (física) delimitação nítida
impossível

Há uma lógica do real, mas com fracas bases reais.

...

389

O Possest

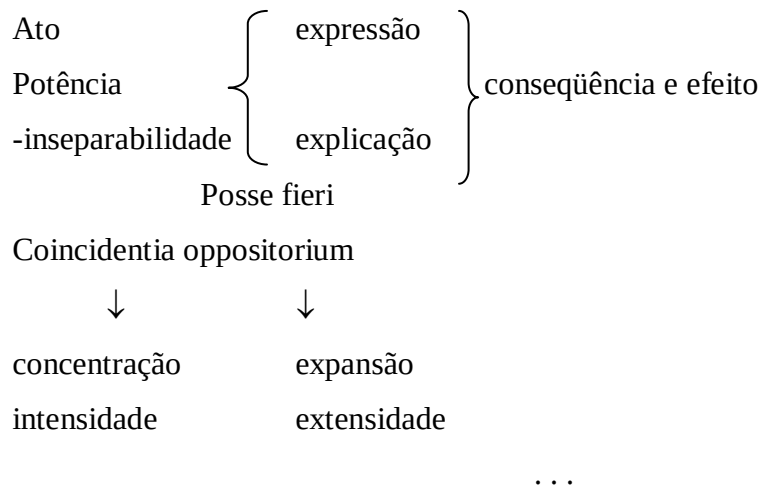
Possest { Posse facere (ação)
- é tudo quanto pode ser { posse fieri
posse fati (passivo)
Posse fieri { virtual = Int – Ext (coincidência dos contrários)
Atual = Int ou Ext (desequilíbrio-equilíbrio-distinção)

Possibilidade { real (quando fundada no ato – lógica ou fisicamente
Como conhecimento { imaginária
Seu nexo { irreal (lógica do irrealismo)

Ato e alteridade: o momento subsequente está em potência no e quanto ao anterior, no e quanto no outro.

Potência { ativa { relativa
absoluta
Passiva { relativa
absoluta

Giordano: a expressão, a manifestação sensível e a explicação não constituem a essência da atualidade, mas são apenas consequência e efeito.



390a

Possest e Potensão

Nós conhecemos o ato determinado, e toda determinação é hibridez de ato e potência. O ato puro é o ato indeterminado e nele consiste sua pureza.

Em todo ato há o ato que pode considerá-lo e distingui-lo como ato puro, enquanto ato, ontologicamente considerado.

No ato determinado, a determinação é limite, e o limite é sempre um apontar além de si mesmo. Todo limite afirma a possibilidade, o que fica além o depois (espaço e tempo), como a presença da quantidade e da qualidade. O ser-tudo-quanto-pode-ser (Possest) inclui a determinação e a indeterminação, o ser ato puro e a hibridez ato e potência (a unicidade).

E po que a determinação?

A determinação é a tensão (com seus graus). Toda

Tensão é $\left\{ \begin{array}{l} \text{in} \\ \text{ex} \end{array} \right\}$

O existir tensional é; um modo de ser da potensão (estar aí...)

Existir é insistir (insistência e ex-sistência). É resistir também. É ex e in (nosso existir pulsativo).

Mas somos uma das possibilidades da potensão, quando somos o que somos (existenciais).

Nós temos a nostalgia que não somos agora, quando existenciais.

Quando afirmamos a existência, gritamos a nossa impossibilidade atual de sermos o que somos, a necessidade de sermos o que somos.

Queremos a liberdade dessa sujeição.

Po que a queremos? Porque há em nós a potência, da qual participamos, a qual, sendo nós, não é em nós tudo quando pode ser, mas apenas um momento de tudo quanto pode ser. Nossa nostalgia e no seu funcionar, encontraremos o potencial que está no divino.

390b

Aí está a nossa eternidade porque sentimos que podemos ser mais do que somos e não nos aniquilamos apenas em ser o que somos. Sentimos que em nós algo será mais do que nós. A consciência do limite é a indicação de um além de nós.

O desespero está em acentuar o limite.

A liberdade em querer ultrapassá-lo.

Por isso o ato livre é um ato divino.

...

391a

Por que há criação?

Há um descensio no ato de criar e na própria criação?

O Possest, como ato puro, cria a potência.

Como ato puro pode criar ao determinar, ao limitar o ato (hibridez de ato e potência do existir). Criada a potência essa é energética, portanto tônica. Imóvel, aqui, seria atonia. E se se imutalizasse deixaria de ser tônica para ser atônica, negar-se-ia como tal. Na potência, há, portanto, o fatum de terminar-se; não, porém, no Possest como ato puro. Esta cria a potência (as potências em graus que se atualizam em aeons). Essa criação é o determinar-se em Ser. O Possest essencializa-essenciando. A determinação quântica e quálica livra a potência de atonia. A determinação de potência permite distinguir-se o querer. No Possest não há o querer, pois querer é objetivar-se e ele não se objetiva enquanto tal.

Ao criar a Potência nada perde de si, mas nela se inclui como essência e suporte. O fatum está assim na Potência, não no Possest. O ato de criação do Possest é livre. E a liberdade que o homem capta e vive em raros momentos no existir é um tanger do Intangível. E por que o Possest cria? Não há aí porquê, porque todo porque implicaria uma

necessidade. No Possest não há necessidades nem contingências. O Possest é apenas liberdade primordial. E como tal justifica a nós mesmos a própria criação. Nele não há porquês. É infinitamente nobre para ter porquês. O infinito não tem porquês. É uma privação acaso? Não, pois privar é não ter. Se o infinito tivesse porquês não teria liberdade.

391b

Por não ter privações não tem porquês. É ato puro e livre. A potência conhece o atualizar-se que é o transitar da atonia para o tônico, ação constante e eviterna. Há na criação a nostalgia do ato puro, como no ato híbrido há a nostalgia da atonia. Nele está todo o existir dialético da potência virtual e da potência atual, que ato da tensão compreende, contém e é. O existir realiza em parte a liberdade ao libertar-se da atonia. Reproduz a criação sem ser criação, porque só há criação onde há liberdade pura. Mas ao atualizar-se, o que nele há em ato é já liberdade in similitudine.

...

392a

Para as Tensões

É o que se conclui dos atuais estudos da fisiologia nervosa; o psiquismo forma um todo, quaisquer que sejam a natureza e a sede de son atteinte, tudo o que o fere toca vida mental em sua integridade.

Jackson, partindo da evolução do sistema nervoso, faz-se não por justaposição de funções sucessivamente desenvolvidas, mas por integração de funções; todas as vezes que uma função alcança a maturidade, ela não se contenta de se justapor as que existiam antes delas; elas as conexiona, as subordina (princípio de evolução).

Toda doença nervosa ou mental realiza um processo inverso de dissolução, de desintegração. Na hierarquia das funções, as que ela destrói de início, são as mais elevadas, as mais recentes (portanto as mais frágeis). As outras se encontram liberadas desse fato, elas retomam sua autonomia; no adulto, toda lesão de vida piramidal suprime o reflexo cutâneo plantar em flexão e permite a reparação da forma arcaica do reflexo, em extensão.

O terceiro princípio de Jackson é o seguinte: toda lesão do sistema nervoso promove duas ordens de sintomas: ela destrói e libera. Ela destrói uma função, mas libera as funções mais arcaicas que a primeira enquanto em sono ao dormir. Entre os sintomas de uma doença nervosa, os que traduzem a destruição de uma função são sinais negativos, de

dissolução; os que traduzem a liberação de funções até então inibidas são sinais positivos de liberação. Estes três princípios de Jackson são mais evidentes na psiquiatria que na neurologia. A diferença que é consiste em que as doenças neurológicas chegam à dissolução e a liberação de funções isoladas, enquanto as doenças psiquiátricas alcançam a dissolução de todo o psiquismo, e isso decorre, como já foi constatado, do fato de a organização psíquica formar um todo.

392b

Huglings Jackson formulou leis que os progressos atuais da neuro-fisiologia vem confirmar. São as seguintes: Lei da integração – Cada vez que uma função nova aparece, ela não se contenta em existir por si mesma, de se justapor às que existem já, ela se superpõe a elas, controla-se, subordina-se, não se deixando atividade que ela não controle por si mesma. É o que se verifica em relação ao reflexo cutâneo pantar; Lei da dissolução – O desaparecimento patológico ou experimental de uma função vai libertar as funções subjacentes, normalmente inibidas por ela. Desse modo as funções, liberadas, voltam às suas maneiras arcaicas de atuar.

As experiências atuais comprovam que há nos animais, por exemplo no cão e no gato, três níveis superpostos de estruturas funcionais que se controlam, se subordinam as próprias ordem de sua hierarquia.

...

393

A sensibilidade e movimento não podem ser dissociados um do outro, nem tampouco de nossa afetividade. Toda a sensação é agradável ou desagradável, por pequena que seja a sensação experimentada. Todo movimento é posto em ação por um elemento afetivo e a representação de um movimento não bastaria para provocar o movimento voluntário se não interviesse a vontade, que é algo afetivo. A picada da planta do pé não provocaria a retração reflexa se a sensação não fosse desagradável e perigosa, ao menos, em sua origem ancestral. A vida do ser aparece pois uma, pondo todas as reações em jogo o sub fundo de sua consciência, ou eu afetivo. (Paul Cossa)

...

394

Tempo e espaço

É somente na afetividade, no dado afetivo, que sentimos os caracteres de eternidade, porque, não é nem espaço nem tempo.

...

395

Tempo e espaço

O tempo como espaço interior e o espaço como tempo exterior é um enunciado engenhoso, mas, infelizmente, não tem fundamento.

...

396

Tempo e espaço

O tempo é inseparável do ser tempo-espacial, mas o tempo é o dinamismo do nada. É a desapareição e essência do tempo, que sucede e substitui a si mesmo constantemente, e esse tempo é futuro, o qual, por sua vez, é o princípio da desapareição.

O tempo pertence ao futuro, porque o que é presente é apenas o futuro momentado. Um momento substitui o outro. O espaço é reversível, porque um espaço está ao lado do outro. É no tempo que está o sujeito, e a subjetividade é portanto criada por ele. O espaço é homogêneo, enquanto o tempo é heterogêneo, e é essa heterogeneidade que cria o sujeito.

...

397

Tempo e espaço

Por não podermos abarcar simultânea e totalmente a existencialidade geral surge-nos a representação e a simbolização do tempo, assim como a do espaço que decorre do fato de termos apreensões descontínuas, totalidades separadas, aspectos como partes de um todo que nos oferecem visões sucessivas. A representação do tempo surge como resultado da ação, e esta surge pela impossibilidade de um conhecimento total, e consequentemente pela necessidade de domínio.

...

398

O Tempo

O tempo é o “castigo” para muitas religiões. Tudo que é temporal deve ter um princípio e, portanto, um fim. Deve, consequentemente, retornar ao ponto de partida.

...

399

Metodologia em face do tempo

O tempo é o fluir constante na sucessão dos fatos. O tempo é enquanto não é, e não é enquanto é. É o tempo, um negar existencialmente de si mesmo, mas um afirmar-se nessa constante negação. Assim tudo quanto está imerso no tempo e é tempo é um constante negar-se de si mesmo e um constante afirmar-se simultaneamente.

Não esquecer a temporalidade de todos os fatos é situá-lo sempre no seu momento histórico, portanto a sua passagem (a temporariedade revela o transeunte). Não esquecer a temporalidade que é o simultâneo do tempo, o tempo olhado em sua própria afirmação, pois o tempo, como já vimos, afirma a si mesmo negando-se constantemente em cada momento, mas perdurando em sua atuação temporal. Os fatos olhados do ângulo da temporariedade revelam-nos sua transeuntidade. Os fatos olhados de sua temporalidade revelam-nos a sua perdurabilidade. Assim esta maçã é, do ângulo da temporalidade, maçã, embora conheça as transformações da temporariedade. O limite da temporalidade é marcado pela forma. Esta maçã é maçã enquanto mantiver sua forma dentro da temporalidade, apesar da temporariedade de seu existir. Por isso, formalmente, é maçã, como conceitualmente pode ser classificada; mas existencialmente é maçã-devir, em suas constantes transformações que seu processo interno e externo a levam a sofrer.

...